

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**FABIANA DE OLIVEIRA**

**UMA LEITURA SOCIOINTERACIONISTA**  
**DO GÊNERO DE TEXTO *PIADA* NA ORALIDADE**

**Maceió**

**2006**

**FABIANA DE OLIVEIRA**

**UMA LEITURA SOCIOINTERACIONISTA  
DO GÊNERO DE TEXTO *PIADA* NA ORALIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, área de concentração em Letras e Linguística, linha de pesquisa em Ensino e Aprendizagem de línguas, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Linguística.

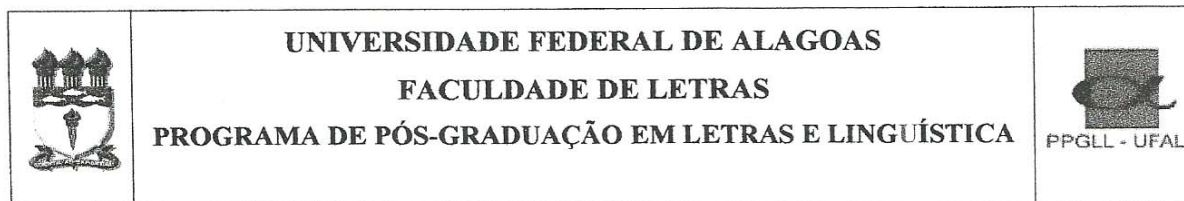
Orientadora: Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira  
Santos

**Maceió  
2006**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade**

- O481 Oliveira, Fabiana de.  
Uma leitura sociointeracionista do gênero de texto piada na oralidade / Fabiana de Oliveira. – Maceió, 2006.  
132 f.
- Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.  
Tese (Doutorado em Letras e Linguística :Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2006.
- Bibliografia: f. 108-115.  
Anexos: f. 116-132.
1. Humorismo. 2. Piadas. 3. Interação social. 4. Sociolinguística.  
5. Interacionismo sociodiscursivo. 6. Conversação – Estudo. I. Título.

CDU: 801



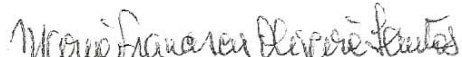
**TERMO DE APROVAÇÃO**

**FABIANA DE OLIVEIRA**

Título do Trabalho: “UMA LEITURA SOCIOINTERACIONISTA DO GÊNERO DE  
TEXTO *PIADA* NA ORALIDADE”

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTORA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

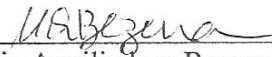
Orientadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Francisca de Oliveira Santos (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Roseanne Tavares (PPGLL/UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL, PPGE/UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Auxiliadora Bezerra (PPGL/UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Augusta de Macedo Reinaldo (UFAL)

Maceió, 27 de setembro de 2006.

*Aos meus pais, pelos quais tenho  
extrema admiração e orgulho;*

*Ao meu marido, pela nossa união, pelo  
nosso carinho mútuo;*

*E aos meus filhos, para que eu possa  
servir de exemplo na busca incessante pelo  
conhecimento.*

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos, pelo incentivo e pela orientação.

Às Profas. Dras. Maria Inez Matoso, Rita Maria Diniz Zozzoli e Roseanne Tavares, que constituíram a banca do Exame de Qualificação, pela avaliação que apontou a direção a ser seguida para a busca do aprimoramento da tese.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, que contribuíram para minha formação acadêmica.

À minha família e aos amigos, pelo incentivo e cooperação.

## RESUMO

Há um crescente interesse pelo estudo do humor, haja vista sua disseminação em todas as áreas da vida humana, tornando-se um instrumento de denúncia, uma possibilidade de revelar preconceitos e tabus mascarados pela sociedade, uma forma de desmistificar realidades. Por ser um fenômeno complexo e multifacetado, o humor se revela como um objeto de estudo interdisciplinar, podendo ser estudado por antropólogos, psicólogos, psicanalistas, sociólogos, historicistas e linguistas. Dessa forma, esta pesquisa selecionou o gênero **piada** como objeto de investigação numa perspectiva linguística com o objetivo geral de descrever esse gênero e, especificamente, de analisar o seu funcionamento interacional e a sua organização textual na modalidade oral da língua. Para isso, a autora empregou os pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, representado no trabalho de Bronckart (2003), na definição e análise do gênero de texto **piada** por meio dos **parâmetros materiais de ação de linguagem**, da **infraestrutura textual** e dos **mecanismos de textualização e enunciativos**. Também elaborou um estudo das categorias **turno**, **par adjacente**, **tópico conversacional**, entre outras categorias da Análise da Conversação, representadas nos trabalhos de Marcuschi (1986, 1989), Galembeck (1997), Fávero et al. (1999), além da análise da relação entre o marcador conversacional e a interjeição, recurso linguístico frequente, de caráter pouco investigado, e com função interacional decisiva na composição da piada. O estudo do gênero piada em textos orais adotou a metodologia qualitativa por ser esta a forma adequada para entender a natureza do fenômeno linguístico que também é social. O *corpus* deste trabalho é constituído por uma gravação com a duração de uma hora e vinte minutos, dividida em dois eventos comunicativos. O evento 1 (EV1) contou com sessenta minutos de gravação e caracteriza-se por conter falas de três informantes do sexo masculino. O evento 2 (EV2) é constituído por vinte minutos de gravação de piadas, narradas por um grupo de estudantes de pós-graduação. Após o confronto entre teoria e o *corpus*, as análises revelaram que o gênero de texto **piada** é composto pelo tipo de discurso **relato interativo** e tem as sequências narrativas como sua forma de planificação; os mecanismos de coesão nominal demonstraram que a cadeia anafórica pode ser responsável pelo acionamento do desfecho risível do texto; os mecanismos de coesão verbal apresentaram função de contraste entre os processos verbais; e os mecanismos enunciativos mostraram-se pouco expressivos no gênero em questão.

Palavras-chave: Gênero de Texto Piada. Interacionismo Sociodiscursivo. Estudos conversacionais.

## ABSTRACT

There is a growing interest in the study of humor, due to its dissemination in all fields of human life, becoming an instrument of denounce, a possibility of revealing prejudices and taboos which are hidden by society, an effective form of demystifying realities. Being a complex and multifaceted phenomenon, humor is an interdisciplinary object of study and can be studied by anthropologists, psychologists, psychoanalysts, sociologists, historians and linguists. In this sense, this research has chosen the genre joke as an investigation object in a linguistic perspective with the general objective of describing this genre and specifically to analyze its interactional functioning and its textual organization in the oral language. To do this, the author used theoretical and methodological assumptions of the sociodiscursive interactionism, here represented by Bronckart's work (2003), in the definition and analysis of the genre joke by the means of material parameters of language actions, of textual infrastructure and the textualization mechanisms. The author also elaborated a study of the categories of conversational turn, adjacency pair, conversational topic among other categories of Conversation Analysis represented by Marcuschi's work (1986, 1989) and other authors such as Galembeck (1997), Fávero et al (1999). She also analyzed the relations between the conversational markers and the interjection, a frequent linguistic resource which is not sufficiently studied, but has a decisive interactional function in the composition of the joke. This study of the joke in the orality adopted a qualitative methodology because this is the adequate form one has to understand the nature of such a linguistic phenomenon, which is also social. The *corpus* of this work is constituted by a tape recording with one hour and twenty minutes, that was divided into two communicative events. The first event had 60 minutes recording and contains three informants' narratives. The second event has 20 minute recording and contains jokes told by a group of post-graduation students. In the light of the theory, the analyses revealed that the joke, as a textual genre, is composed by a discourse type known as *interactive report* and has the narrative sequences as its textual structure; the nominal cohesion mechanisms showed that the anaphoric system can be responsible for the climax and the hilarious resolution of the narrative; the verbal cohesion mechanisms present the contrast in the verbal processes; and the enunciative mechanisms were little expressive in the jokes of the *corpus* analyzed.

Keywords: The joke as a textual genre. Sociodiscursive interactionism. Conversational studies.



## LISTA DE QUADROS E DIAGRAMA

Quadro 1	– EV1: 33 Piadas.....	66
Quadro 2	– EV2: 8 Piadas.....	66
Diagrama 1	– O encaixamento de gêneros .....	86
Quadro 3	– Cadeias Anafóricas .....	96

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>UM PANORAMA DAS TEORIAS SOCIOINTERACIONISTAS</b> .....	15
<b>3</b>	<b>A PIADA NOS ESTUDOS CONVERSACIONAIS</b> .....	31
<b>3.1</b>	<b>Aspectos Metodológicos: um estudo qualitativo da piada na conversação</b> .....	31
3.1.1	<i>O corpus</i> do trabalho .....	35
<b>3.2</b>	<b>O Evento Comunicativo</b> .....	37
<b>3.3</b>	<b>Marcadores Conversacionais ou Interjeições?</b> .....	58
<b>4</b>	<b>O GÊNERO DE TEXTO PIADA</b> .....	77
<b>4.1</b>	<b>Os Mundos Discursivos e os Tipos de Discurso</b> .....	83
<b>4.2</b>	<b>Formas de Planificação</b> .....	88
<b>4.3</b>	<b>Mecanismos de Textualização</b> .....	92
4.3.1	A conexão .....	93
4.3.2	A coesão nominal .....	94
4.3.3	A coesão verbal.....	97
<b>4.4</b>	<b>Mecanismos Enunciativos</b> .....	100
4.4.1	As vozes enunciativas.....	101
4.4.2	Modalizações .....	102
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
	<b>ANEXO A – REGRAS DE TRANSCRIÇÃO</b> .....	116
	<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DOS EVENTOS</b> .....	117

## 1 INTRODUÇÃO

A abordagem do humor, nas mais diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Filosofia, Antropologia, Sociologia, por exemplo, revela que ele é uma fonte profícua de inspiração para a produção de trabalhos científicos. O crescente interesse pelo seu estudo deve-se, entre outros fatores, a sua presença em diferentes gêneros de textos, por vezes constitui-se até como um domínio discursivo, tornando-se um instrumento de denúncia, uma possibilidade de revelar preconceitos e tabus mascarados pela sociedade, uma forma de desmistificar realidades. Isso o torna um importante campo de estudo, sendo objeto de congressos, dissertações, teses, livros e artigos especializados.

Apesar de pouco realizada, a abordagem linguística é uma das mais produtivas para o estudo do humor. Assim, a Semântica, a Pragmática, a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso e a Análise da Conversação podem fornecer significativas contribuições teóricas para a realização de uma pesquisa nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. No Brasil, podem ser citados os trabalhos de Possenti (1998), Travaglia (1990), Gil (1991) entre outros. No âmbito internacional, temos Raskin (1987) e Chiaro (1992).

A linguística pode fornecer respostas para a pergunta “como o humor é produzido?”, enquanto outras áreas de estudo se limitaram a responder “por que o humor é produzido?”. E mais, o gênero piada pode revelar a língua num funcionamento ambíguo, manipulável, instável, heterogêneo e caracterizador desse gênero. As piadas mostram que a língua não tem uma estrutura determinada, no sentido de estar pronta, acabada, que nela tudo existe por uma relação diferencial e negativa diante de outros elementos; pelo contrário, seu funcionamento exige uma contínua inter-relação entre fatores de ordem cultural, histórica e ideológica<sup>1</sup>.

Dessa forma, esta tese continua a discussão no campo do humor, elegendo o gênero piada como objeto de estudo, mas, diferentemente da dissertação de mestrado, a pesquisadora inscreve-se no quadro teórico sociointeracionista e utiliza o modelo de análise de gênero de texto, proposto pelo grupo de pesquisadores de Genebra, especificamente Bronckart (2003), para, num *corpus* constituído por dois eventos orais, descrever e analisar a piada enquanto gênero de texto.

---

<sup>1</sup> Remete-se o leitor para a dissertação de mestrado, intitulada “**A sustentação discursiva do humor: de onde vem a seriedade das piadas?**”, defendida por esta pesquisadora, no ano 2000, na qual foram apresentadas diferentes reflexões sobre a origem e a natureza do humor e, principalmente, destacou-se a contribuição da Linguística para a descrição e a análise das formas de materialização do humor no texto piadístico.

Diante disso, esta pesquisa tem os seguintes objetivos: 1) descrever o gênero piada na oralidade, a partir da observação de três níveis de organização textual: a infraestrutura geral, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, ou seja, pretende-se descrever a piada como um gênero composto por um determinado tipo de discurso, que se organiza em determinadas formas de planificação e que possui mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos; 2) mostrar a organização da piada, enquanto evento comunicativo oral, descrevendo e analisando as categorias **turno, par adjacente, o princípio da cooperação**, entre outras categorias, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise da Conversação; e 3) investigar o fenômeno da interjeição, procurando identificar, descrever e analisar o seu funcionamento nas piadas, especialmente por ter sido um recurso linguístico recorrente nas piadas, muitas vezes confundida com os marcadores conversacionais e de caráter pouco investigado.

Apontam-se inúmeras justificativas para a realização desta pesquisa, as quais vão desde a seleção do referencial teórico até a escolha da piada na modalidade oral. Em primeiro lugar, o aumento de publicações de artigos, livros e traduções, além da produção de dissertações e teses, mostra que o interesse pelo estudo do gênero textual/discursivo<sup>2</sup> tem crescido no Brasil, tanto em relação ao seu ensino quanto ao seu uso em outras áreas de interesse, como o jornalismo e a publicidade.

Estudar os gêneros significa propor novas práticas educacionais que desenvolvam as habilidades comunicativas manifestas pelo uso de diferentes textos e ter conhecimento crítico sobre práticas discursivas e sociais mediadas pela linguagem em diferentes contextos. Meurer e Motta-Hoth (2002, p. 10) observam que a maioria das pessoas não tem ideia do poder e do impacto da linguagem no mundo contemporâneo e, por esse motivo, a formação relativa ao uso de textos e sua interação com o contexto em que ocorrem devem tornar-se uma prioridade na escola.

Embora se reconheça a existência de várias e diferentes formas de entender os gêneros<sup>3</sup>, inclusive com flutuações terminológicas (gênero de texto/textual, gênero de/do discurso, gênero discursivo), optou-se por apresentar a concepção de Bronckart (2003) por causa de seu quadro epistemológico (Interacionismo Sociodiscursivo) e, dessa forma, o gênero piada foi descrito de acordo com os níveis de análise do modelo desse autor (infraestrutura textual, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos).

---

<sup>2</sup> Momentaneamente, serão utilizadas estas duas formas de designação: textual/discursiva.

<sup>3</sup> Recomenda-se a leitura do livro “**Gêneros**: teorias, métodos e debates” (2005), organizado por Meurer, Bonni e Motta-Roth, que reúne os trabalhos sobre gêneros em três grupos: as abordagens sociosemióticas, socioretóricas e sociodiscursivas.

Sobre essas flutuações terminológicas, concorda-se com Rojo (2005) quando diz que as designações gêneros de discurso (ou discursivo) e gêneros de textos (ou textuais) apontam objetos teóricos diferentes. Sob o título de gêneros textuais, podem ser nomeados os trabalhos de Marcuschi (2005), Bronckart (2003) e Adam (1999), tendo em vista que se centram na descrição da materialidade textual, apesar de constar nesses trabalhos alguma menção a Bakhtin (1992). Em contrapartida, a expressão gêneros discursivos deve ser usada em trabalhos que privilegiam a orientação do referido autor, ou seja, centrados na descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos, para depois buscar as marcas linguísticas (aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos). Portanto, em primeiro lugar, este trabalho empregou o termo **gênero de texto**, em conformidade com a abordagem do **Interacionismo Sociodiscursivo**, representado por Bronckart (2003).

Em segundo lugar, além de ser um gênero pouco estudado, a seleção da piada justifica-se por constituir-se num **verdadeiro objeto de análise para os linguistas**. Isso se dá porque ela é um dado efetivamente produzido pelos falantes (oposto a enunciados criados pelo pesquisador para testar uma teoria) e que se encontra com facilidade, como salienta Possenti (1998, p. 27, grifo nosso):

do ponto de vista estritamente linguístico, **as piadas** interessam como peças textuais que exibem com bastante clareza um domínio da língua de alguma forma complexo [...]. Qualquer domínio que uma teoria linguística tematize pode ser exemplificado por **uma piada** cujo funcionamento depende basicamente de sua análise e interpretação [...].

Em terceiro lugar, o **estudo do gênero piada na modalidade oral** justifica-se por ser “a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 1986, p. 14). Além disso, a conversação “desempenha um papel privilegiado na construção de identidades sociais e relações interpessoais” (DIONÍSIO, 2001, p. 71), dando a possibilidade de estudar a língua enquanto processo que se dá de forma heterogênea, regulada por regras variáveis e determinada pelas condições de produção.

Em quarto lugar, a **escolha das interjeições** se fez porque ela é um fenômeno pouco estudado pelos linguistas (apenas Marcuschi apresentou uma reflexão mais sistemática, publicada em forma de um artigo em 1993). Essa falta de interesse se dá porque a interjeição não se posiciona no nível da estrutura sintática e não serve de exemplo à prescrição gramatical, sendo, portanto, pouco considerada ou mesmo excluída pelos gramáticos.

A presença da interjeição nas piadas pode revelar um funcionamento, no mínimo, curioso desse elemento linguístico (o que será mostrado a seguir), como também pode contestar a reduzida e inconsistente classificação gramatical, quando diz, por exemplo, que as interjeições representam apenas as emoções, os gritos da alma do falante e que se posicionam fora da estrutura sintática do enunciado.

Há uma piada em que a professora pede aos alunos uma redação em que constassem as três molas mestras da ficção: religião, nobreza e sexo. Os alunos ficam desesperados e pedem uma semana de prazo para poder entregar o trabalho, menos o Juquinha, claro, que em três minutos apresentou sua redação: – Meu Deus! – disse a princesa – Que bom!

Essa piada mostra a interjeição como o elemento mais significativo do texto. As interjeições “Meu Deus!” e “Que bom!” são as grandes responsáveis pelo efeito humorístico produzido pela piada. Se elas fossem substituídas por outros enunciados que falassem da nobreza, religião e sexo certamente não produziriam o riso. É inegável que as interjeições possuem um traço de emotividade, algo muito próprio do enunciador, mas não se pode restringir a análise da interjeição a esse aspecto, pois seria uma limitação de um fenômeno que, pelo menos no exemplo citado, tem um papel fundamental.

Outro exemplo são as interjeições como “bravo!”, que não emitem emoção do falante. É como se um telespectador dissesse “Parabéns!” ou cumprimentasse a atuação de um ator após assistir à apresentação de uma peça teatral.

As piadas na conversação informal também revelam uma curiosidade em relação aos marcadores conversacionais. Há uma grande semelhança na função exercida e na posição ocupada pela interjeição e pelos marcadores conversacionais, por isso, justifica-se a necessidade de se proceder à investigação dos limites da classificação desses fenômenos.

Muitos estudos se voltam para a definição adequada do marcador discursivo, com as especificações das características e funções desse elemento, com vistas a evitar que qualquer expressão linguística seja categorizada como um marcador conversacional (doravante MC). Entre esses estudos encontram-se autores, como Marcuschi (1989), Castilho (1989), Rosa (1992), Urbano (1993), Risso, Silva e Urbano (1996), Fávero et al. (1999), dentre outros.

O fato de a interjeição ser um fenômeno típico da oralidade, de situações informais, encontrando-se, em abundância, em textos falados e em textos escritos, que representam diálogos ou situações de fala, como as piadas, as histórias em quadrinhos, apoia a curiosidade de se investigar a relação entre as interjeições e os MC.

Esta pesquisa também se justifica pelas contribuições que poderá apresentar ao estudo e ao ensino da Língua Portuguesa. A análise da organização textual da piada em diferentes

níveis torna compreensível os mecanismos envolvidos na produção textual, assim como, ao se deter no estudo da interjeição para desvendar seu funcionamento e seus limites com os marcadores conversacionais, descreve-se o funcionamento da linguagem, para conhecer melhor a língua que falamos e, ao mesmo tempo, contribuir para revisar a descrição da interjeição proposta na gramática normativa.

Isso posto, o *corpus* deste trabalho é constituído por uma gravação com a duração de uma hora e vinte minutos de piadas, dividida em dois eventos comunicativos. O evento 1 (EV1) conta com sessenta minutos de gravação e caracteriza-se por conter três informantes, dos quais dois têm segundo grau incompleto, todos do sexo masculino, que se encontram num bar com o propósito de contar piadas, conforme o convite feito pelo documentador. Outra característica marcante do EV1 é a participação constante de um informante que, apesar da informalidade da situação, monopoliza a conversação de forma que a torna relativamente assimétrica.

O evento 2 é constituído por vinte minutos de gravação de piadas, narradas por um grupo de estudantes de pós-graduação que, ao final da aula, foram solicitados pela documentadora a contarem piadas. O evento se deu em uma sala de aula de uma universidade com a participação de dois homens e três mulheres, entre elas a documentadora, que disputam os turnos de forma igualitária, o que caracteriza a conversação como relativamente simétrica.

Os dados descritos correspondem a um *corpus* tópico (anexo B, p. 118-134), ou seja, delineado com o único propósito de descrever o gênero textual piada na modalidade oral.

Após a gravação, os dados foram transcritos segundo as regras de transcrição apresentadas por Castilho (2002), que estão no anexo A (p. 117). Embora saibamos que Castilho utilize uma transcrição que segue a norma padrão, optou-se por usar a variedade dialetal de Maceió com o propósito de representar de forma mais fidedigna possível a fala dos informantes.

Este trabalho está organizado em quatro seções, além da introdução e da conclusão, como partes pós-textuais têm-se as referências e os anexos. Na segunda seção, apresenta-se uma copilação dos estudos intitulados de sociointeracionistas, que são representados por Goffman (1967; 1998), Erickson; Schultz (1998), Gumperz (1998) e da ordem da Pragmática, por Austin (1962a), Searle (1965), Grice (1982), em cujos quadros se insere esta pesquisa.

Na terceira seção, estão a descrição e a análise do gênero piada na oralidade, de acordo com as categorias da Análise da Conversação (o princípio da cooperação, os turnos, par adjacente, entre outros), foram consultados os trabalhos de Marcuschi (1986; 1989), Castilho (2002), Dionísio (2001), Koch (2003), Fávero et al. (1999), Sacks, Shegloff e Jefferson

(1974). Incluem-se, nessa seção, a organização dos momentos interativos selecionados, a análise do funcionamento das interjeições nessas práticas discursivas em que estão inseridas e a relação destas com os marcadores conversacionais. Foi investigada a classificação proposta para a interjeição em algumas gramáticas normativas como as de Said Ali (1965), Silveira Bueno (1968), Rocha Lima (1974), Cunha (1975), Bechara (2001), Cegalla (1973), Almeida (1965), Sacconi (1982), Terra (1996); em gramáticas descritivas como a de Perini (2002) e a de Mira Mateus et al. (1989); e na *Gramática de usos*, de Neves (2000).

A quarta seção contém uma minuciosa descrição do gênero textual piada, segundo o modelo de Bronckart (2003). Nesse sentido, são apresentados os tipos de discurso (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração), as sequências (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal e injuntiva) e outras formas de planificação (*scripts* e esquematizações), os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e os mecanismos enunciativos (vozes enunciativas e modalizações).



## 2 UM PANORAMA DAS TEORIAS SOCIOINTERACIONISTAS

A linguagem humana é o objeto de reflexão desde os tempos mais remotos com Panini, autor da primeira gramática do Sânscrito, e Platão, filósofo grego. Bem mais tarde, no início do século XX, a sistematização dessas reflexões e a utilização de um método elevaram o estudo da linguagem à categoria de ciência.

Assim é que o Estruturalismo, proposto por Saussure (1969), delimitou um objeto para investigação, conforme exigiam os padrões da ciência da época, selecionando a língua, partia de um todo que é a linguagem, como o único e verdadeiro objeto da Linguística. Isso só foi possível porque o referido autor (1969, p. 17) fez uma distinção entre linguagem/língua/fala, concebendo a língua “como um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

É com o método estruturalista, especialmente, e com os pressupostos epistemológicos, defendidos por Saussure, como a teoria do signo linguístico e a teoria do valor, que a Linguística assume uma posição de destaque entre as Ciências Humanas. Antes disso, os fenômenos linguísticos eram investigados com métodos da lógica, história, filosofia, retórica e da crítica literária.

Dentro desse quadro, o objetivo maior da Linguística é descrever as línguas, por meio de níveis de análise (nível dos fonemas, dos morfemas e da frase), e as funções que esses constituintes desempenham. Assim, é um trabalho de busca pelos traços distintivos da língua, ou seja, as semelhanças e diferenças linguísticas que passam a compor dois eixos estruturantes da língua: o eixo paradigmático (relações de substituição de unidades) e o eixo sintagmático (combinação de unidades para composição de sentenças).

Em meados do século XX, Chomsky (1957, p. 13), com seu livro *Syntactic Structures*, promove uma revolução nos estudos linguísticos com sua concepção inatista da linguagem: “considerarei uma linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

Dentro desse enfoque, a linguagem abrange as línguas naturais que possuem um número finito de sons e sinais gráficos capazes de representar um número infinito de sentenças. A tarefa do linguista é descrever essas sequências finitas, ou seja, as propriedades estruturais das línguas naturais que determinam o que pode e o que não pode ser dito nessas línguas e que as diferenciam de outras formas de linguagem. As regras de produção de

sentenças são tão complexas, abstratas e específicas que já devem ser conhecidas das crianças. Nesse sentido, Chomsky (1957) concebe a linguagem como uma capacidade inata do falante, específica da espécie humana e, portanto, com propriedades universais.

As concepções estruturalista e gerativista de linguagem/língua norteiam, até hoje, as pesquisas em Linguística. No entanto, outros estudos guiaram-se por uma orientação que concebia a linguagem como uma forma de interação social e que sentia a necessidade de incluir o uso real que se faz da língua, revelada por outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, a Comunicação, a Psicologia, entre outras. Com isso, surgiram novas disciplinas, como a Etnolinguística (estuda a relação entre língua e cultura), a Psicolinguística (estuda o comportamento na aquisição da linguagem), a Sociolinguística (estuda a relação entre língua e sociedade) e a Pragmática (estuda a relação dos usuários da linguagem com a linguagem), por exemplo.

De um modo genérico, pode-se afirmar que a noção de interação permeia todas essas disciplinas. De modo específico, o termo interação e seus correlatos (interacionismo, sociointeracionismo, interacionismo simbólico, interacionismo sócio-histórico) foram tão largamente utilizados, principalmente nos estudos etnográficos e nas pesquisas sobre ensino de línguas, que, segundo Morato (2004), o termo passou por um esvaziamento semântico, sendo necessário, portanto, definir com precisão e clareza o que a Linguística entende por interação. Segundo a autora, empregar o termo interação na Linguística pressupõe o conhecimento e a aceitação de determinados modos de existência e funcionamento da linguagem.

A noção de interação, como categoria de análise, surgiu na Linguística a partir do contato com teóricos, como Hymes (1964) e Gumperz (1964), representantes da Etnografia da Comunicação ou Etnografia da Fala. Essa disciplina ressalta a natureza dialógica da comunicação humana, chamando a atenção da Linguística para os fenômenos comunicacionais, justamente por considerar a língua e os outros modos de comunicação interpessoal como um fenômeno cultural. Segundo Trask (2004, p. 102), os estudos etnográficos detêm-se nas normas de comunicação que prevalecem numa comunidade de fala, incluindo fatores verbais, não-verbais e sociais, como o volume e a altura da voz, a distância entre os interlocutores, a postura física, as formas de tratamento, entre outras variáveis.

Contemporâneas à Etnografia da Comunicação, encontram-se o Interacionismo Simbólico, abordagem inicialmente preocupada com a análise da vida cotidiana e dos

fenômenos culturais, como sistemas de parentesco, mitos e ritos<sup>4</sup>; e a Etnometodologia, “abordagem que procura descrever os processos que caracterizam ou constituem a comunicação interpessoal, analisando o modo como os indivíduos interagem e se comportam em meio a diferentes situações específicas da vida cotidiana” (MORATO, 2004, p. 320). Ambas influenciam a abordagem interacional dos fatos de linguagem, feita pela Linguística.

A seguir, apresentam-se os vários trabalhos que representam essas áreas e, mais especificamente, aproximam-se da Linguística, podendo ser agrupados, por alguns autores, como representantes da Sociolinguística Interacional. O objetivo dessa apresentação é situar esta tese como integrante do quadro interacionista, conforme exigem os estudos conversacionais e o modelo de análise de gênero de Bronckart, representante do Interacionismo sociodiscursivo, que fundamentarão este trabalho.

O sociólogo Erving Goffman (1998), representante do Interacionismo Simbólico, no artigo “Situação negligenciada”, com a primeira edição publicada em 1964, destaca a importância da situação social na análise da interação face a face e convida os estudiosos para a observação dessa categoria geralmente negligenciada.

A situação social negligenciada, segundo o autor, não são as variáveis sociais, como o sexo, a idade, a escolaridade, que influenciam o desempenho linguístico, mas são os valores ou atributos reconhecidos no momento da interação como, por exemplo, falar com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto, o grau de formalidade da ocasião, a conversa face a face ou telefonema.

O autor justifica a importância da situação social principalmente para os que trabalham com a etnografia da fala, visto que esta ocorre em situações sociais. Para tornar mais compreensível a concepção de situação social, apresentar-se-á sua definição:

eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão presentes, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante (GOFFMAN, 1998, p. 13-14).

Goffman (1975), no livro *A representação do eu na vida cotidiana*, apresenta a estrutura dos encontros sociais, composta dos seguintes elementos: uma situação, representações assumidas pelos participantes e estratégias verbais.

---

<sup>4</sup> Segundo Moreira (2002, p. 47), o interacionismo simbólico pode ser visto “como o estudo dos modos pelos quais as pessoas enxergam o sentido nas situações que vivem e dos modos segundo os quais elas conduzem suas atividades, em contatos com outras pessoas, numa base cotidiana”.

A interação é qualquer situação em que os indivíduos encontram-se frente a frente mantendo um contato recíproco entre si. Uma situação em que os participantes estão envolvidos numa interação face a face manifesta-se através do discurso de cada participante envolvido que, ao expressar seus posicionamentos, pontos de vista, suas convicções e crenças, objetiva persuadir ou convencer os outros a partir de seus próprios interesses.

A representação assumida por cada participante na tentativa de definir ou controlar a situação, durante um encontro social, é a impressão ou uma face social que o indivíduo apresenta aos outros como forma de proteger a sua face individual. Há sempre uma razão que leva o indivíduo a transmitir uma impressão que lhe interessa, ou agir de uma forma que os outros não cheguem a ter uma impressão definida sobre ele. Na verdade, essa atitude muitas vezes inconsciente, objetiva regular as condutas dos outros e definir a situação que os outros venham formular.

As estratégias verbais são empregadas como práticas preventivas das possíveis rupturas que possam ocorrer na interação. No decorrer da situação comunicativa, os participantes empregam em seus discursos estratégias verbais de certa forma ritualizadas para assegurar a condução satisfatória da interação.

No jogo dos encontros sociais, em que os indivíduos estão envolvidos numa interação face a face, há práticas defensivas utilizadas pelos participantes para resguardarem suas faces diante dos outros. É o princípio da preservação das faces.

Os participantes envolvidos na representação de papéis preestabelecidos por eles, na tentativa de controlar a situação, utilizam técnicas de manipulação da impressão, procurando, dessa forma, evitar as possíveis rupturas que possam ocorrer durante a representação.

As rupturas podem ser consideradas como ações inadvertidas do participante que está conduzindo a situação, as intromissões inoportunas do outro, ou até mesmo os segredos quando são levados à tona. Todas essas rupturas causam descrédito e enfraquecem as pretensões relativas à face que o participante estava tentando projetar, como parte da definição da situação, além de, provavelmente, correr o risco de ser mal interpretado ou não compreendido.

Goffman (1975) identifica algumas práticas empregadas pelos participantes para salvar a representação (face). Essas práticas constituem-se de medidas defensivas usadas pelo falante para salvar a impressão que deseja causar; medidas protetoras usadas pelos ouvintes para ajudar o falante a revelar sua representação; e ainda de medidas protetoras que o falante deve tomar para tornar possível o emprego pelos ouvintes.

Goffman (1998) amplia a noção de **enquadre**, constituído por pistas que direcionam a interpretação dos interlocutores durante uma interação, importante categoria para a compreensão e a análise da fala e da interação, apresentando o conceito de *footing*<sup>5</sup>, que significa o alinhamento, o posicionamento que falantes e ouvintes assumem numa interação.

Mais especificamente, o objetivo do autor é mostrar que os falantes mudam seus *footings* durante o evento comunicativo, sendo essa mudança um traço intrínseco da fala natural. Além disso, também pretende analisar as sustentações estruturais dessas mudanças, sendo necessário, para isso, fazer uma releitura das noções de falante, de ouvinte e de conversação.

A noção tradicional de ouvinte esconde diferentes posições de participação. Existe uma diferença entre ser ouvinte e ter a condição oficial de participante ratificado no encontro. Uma pessoa pode escutar uma conversa por acaso ou propositadamente escondida atrás de uma porta. Por essas sutis, diferentes e complexas participações na função de ouvinte, o autor prefere utilizar o termo **estrutura de participação**.

Assim, ouvintes não ratificados podem ser chamados de circunstantes (ouvintes por acaso) e/ou intrometidos (aqueles que escutam propositadamente). Em conversações que envolvem mais de duas pessoas, também há uma distinção complicada, significativa e pouco explorada entre interlocutor endereçado (a quem o falante dirige a atenção e de quem aguarda uma resposta) e o interlocutor não endereçado (aquele que faz parte de um grupo de ouvintes ratificados, embora não seja a pessoa a quem o falante dirige a sua atenção).

A expressão **estrutura de participação** guarda tanto a relação do ouvinte (um membro do grupo) com a elocução, quanto a relação do grupo de participantes com uma determinada elocução. Nessa estrutura, cabe distinguir as classes de ouvintes.

A plateia é um tipo de estrutura de participação que envolve um grupo grande de pessoas que tem a função de apreciar o que está sendo dito, sem possibilidade de intervenção (que só acontece em casos bem específicos).

Apesar de a plateia ter essa característica, ela pode apresentar estruturas de participação específicas, dependendo do tipo de evento. Em situação de tribuna, encontra-se uma plateia que tem um comportamento diferente daquela que assiste a um espetáculo, ou participa de um culto evangélico, ou de um leilão, por exemplo.

Para entender melhor como funciona a estrutura de participação, é preciso trabalhar com a noção de situação social, já que é mais ampla e, conseqüentemente, abriga a noção de

---

<sup>5</sup> Também título do texto publicado originalmente em 1979.

encontro conversacional. Essa ressalva é importante, porque Goffman (1998) questiona a concepção clássica de conversação (conversa informal ou bate-papo entre dois ou mais interlocutores sobre determinado tema).

O autor defende que uma conversação pode ter como foco de atenção um objeto ou um participante e não as palavras ou o tema. Assim, uma situação social pode ser um empreendimento não linguístico e não somente uma conversação. Situações como uma negociação de produtos ou serviços entre um cliente e um vendedor, um diagnóstico de um problema no funcionamento do motor de um carro emitido por mecânico ao seu cliente, por exemplo, revelam que a atenção dos participantes volta-se para um objeto, para algo que não são as palavras, nem um tema. Por isso, a noção de conversação ou encontro conversacional é limitada para definir o contexto de ocorrência da enunciação.

Partindo para a reflexão sobre o papel do falante, o autor revela que essa noção esconde questões complexas de formato de produção de uma elocução. Dessa forma, é uma atitude muito simplista identificar a pessoa que fala como o falante. É necessário considerar que o falante ocupa papéis sociais diferentes como o autor das palavras que são ouvidas; pode-se considerar também um responsável, pessoa comprometida com o conteúdo que as palavras expressam, pessoa que ocupa alguma função específica, representante de um grupo; e um animador, envolvido na função de produzir a elocução, envolvido na emissão das palavras.

Essa classificação proposta por Goffman (1998) revela que o entendimento generalizado e superficial da noção de ouvinte esconde diferentes formas de participação, assim como a noção de falante pode encobrir questões complexas de formato de produção. Compreender com profundidade as posições de ouvinte e de falante serve de base estrutural para a análise de mudança de *footing*.

Como o objetivo do autor é identificar as bases estruturais dessa mudança, ele recorre à Linguística porque acredita que essa área do conhecimento pode contemplar o caráter autorreferencial e anárquico do discurso e com isso compreender a importância que as estruturas de participação e os formatos de produção têm para a estrutura das elocuições.

Para compreender a estrutura das alterações de *footing*, Goffman (1998) apresenta a noção de **encaixamento**, termo empregado para se referir à forma como as afirmações são ditas. Ele defende a existência de uma figura, alguém que pertence ao universo sobre o qual se fala, e o animador, que está produzindo os sons do universo no qual a fala ocorre<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O conceito de encaixamento recorda a noção de polifonia desenvolvida por Ducrot (1987).

A noção de encaixamento é utilizada para explicar a mudança de *footing*, do ponto de vista linguístico. Essa mudança ocorre justamente quando alguém opta por falar o que o outro disse, ao invés de dizer algo ele mesmo. Isso acontece porque a língua permite certas construções que revelam o animador, que está fisicamente animando os sons que são ouvidos, e um animador encaixado, “uma figura inserida em uma afirmação e cuja presença se dá somente no universo sobre o qual se está falando, não no universo no qual a narração em curso acontece” (GOFFMAN 1998, p. 91).

Alterações nas estruturas de participação também revelam uma mudança de *footing* como, por exemplo, a transposição de um ritual específico de determinada situação social para outra. Quando acontece uma mudança, não significa que se encerrou um alinhamento e teve início outro. Acontece uma suspensão temporária que pode ser retomada mais à frente. Segundo o autor, “é preciso admitir que podemos manter o mesmo *footing* através de vários dos nossos turnos na fala. E é sempre possível incluir inteiramente um alinhamento em outro” (GOFFMAN, 1998, p. 96).

Dessa forma, somente a contribuição da Linguística pode identificar as pistas e os marcadores que revelam tais alinhamentos e pode também apresentar uma forma de descrever e analisar sua base estrutural.

O artigo de Blom e Gumperz (1998) intitulado “O significado social na estrutura linguística: alternância de código na Noruega” é referência para os estudos da Etnografia da Comunicação, porque estabelece uma relação entre o repertório linguístico e os aspectos da organização social dos falantes. Nesse sentido, os autores mostram que as escolhas semânticas, gramaticais e fonológicas seguem um padrão e podem ser determinadas por fatores sociais.

A gravação de algumas interações entre falantes bilíngues de uma cidade do interior da Noruega mostrou que as normas sociais são entendidas como um comportamento comunicativo, ou seja, elas determinam a escolha de estratégias comportamentais e linguísticas em situações específicas.

O estudo revelou que essa comunidade bilíngue observada percebe o dialeto e a língua padrão como entidades linguísticas distintas, uma vez que em cada código há embutidos valores sociais e identidades culturais que os separam. Além disso, os falantes têm consciência da associação entre dialeto, cultura e identidade local. É justamente nessa revelação em que se encontra a relevância do seu trabalho.

Os autores defendem a existência de um significado social, regular e persistente, embutido no código linguístico que, por sua vez, revela-se nas escolhas dos falantes em

determinadas situações de elocução. Por isso, o trabalho vai além da apresentação de uma correlação entre variáveis linguísticas e sociais.

O estudo também revelou que há alternância situacional de código quando, dentro de um cenário, os participantes alteram os seus direitos e deveres próprios daquela situação. Isso acontece, por exemplo, quando um grupo de falantes nativos está conversando, sendo interrompido por um falante não nativo. A presença deste provoca uma imediata mudança do dialeto local para a língua padrão, além da presença de pistas como a expressão facial e a corporal.

A alternância metafórica de códigos se dá quando a mudança linguística relaciona-se a determinados assuntos e não a mudanças dos direitos e deveres dos participantes na situação social. Essa alternância pode ser vista quando um grupo de moradores reúne-se para discutir uma questão da comunidade e, por ter um caráter oficial, utiliza a língua padrão, mas, durante os momentos de descontração, como o grupo se conhece, é utilizado o dialeto local. Isso mesmo acontece quando os moradores nativos utilizam a língua padrão para realizar uma transação formal com um funcionário público, também nativo. No entanto, as saudações e as perguntas sobre a família são feitas no dialeto local. Portanto, nesses casos, a mudança linguística está relacionada a determinados tópicos e assuntos e não a mudanças na situação social.

No texto “Convenções de contextualização”<sup>7</sup>, Gumperz apud Ribeiro e Garcez (1998) mostra que os falantes utilizam pistas linguísticas (alternância de código, de estilo, escolhas lexicais e sintáticas), paralinguísticas (pausa, hesitação...) e não-verbais (olhar, distanciamento...) para sinalizar suas intenções comunicativas, para inferir as intenções dos interlocutores e para categorizar os eventos comunicativos.

O autor defende que a diversidade linguística é um recurso comunicativo nas interações verbais cotidianas, muito além de uma questão de comportamento, uma vez que alguns mal-entendidos podem estar relacionados a variações na percepção e interpretação de movimentos faciais e gestuais que, aparentemente, não têm importância.

Também ressalta que as pistas de contextualização possuem significados implícitos, isto é, as pistas são transmitidas como parte do processo interativo e somente podem ser compreendidas dentro do contexto, a partir do reconhecimento tácito do seu significado pelos participantes do evento. Caso um interlocutor não conheça a função de determinada pista ou não reaja da forma esperada pelo falante, possivelmente ocorrerão falhas na comunicação como mal-entendidos ou interpretações diferentes de uma situação: “problemas de



comunicação causados por convenções de contextualização refletem fenômenos que são tipicamente sociolinguísticos no sentido de que seu peso interpretativo é muito maior do que seu significado linguístico [...]” (GUMPERZ, 1998, p. 118).

Para realizar esse trabalho, o autor utiliza as noções de pressuposto<sup>8</sup>, de implicaturas conversacionais<sup>9</sup>, a teoria dos atos de fala<sup>10</sup> e busca a contribuição da Análise da Conversação<sup>11</sup>. Para compor os dados, o autor seleciona fragmentos de conversas face a face, representando diferentes situações comunicativas (um casal, estudantes universitários brancos e negros, falantes nativos da língua inglesa, uns provenientes da Índia e outros da América do Norte, entre outras situações, como uma conversa telefônica entre professor e aluno). Os fragmentos selecionados são mostrados a grupos de falantes de origem étnica semelhante e diferente da origem dos participantes da conversação.

Com base nessa metodologia, é possível avaliar as hipóteses do pesquisador sobre as intenções comunicativas e a força ilocucionária de determinadas proposições, assim como observar como outros falantes interpretam o desempenho comunicativo dos participantes de determinado evento.

O texto “‘O quando’ de um contexto: questões e métodos na análise da competência social” de Erickson e Shultz (1998) exemplifica um tipo de abordagem qualitativa chamada microanálise etnográfica. A partir da gravação em vídeo de uma situação de sala de aula, os autores traçam um roteiro capaz de monitorar o surgimento de um contexto e de identificar sua natureza específica.

Os autores refletem sobre a noção de competência social, especificamente, tentam identificar o momento da mudança de um contexto e a percepção que os participantes têm desse momento. “Enquanto a mudança está se processando, os indivíduos poderão talvez perceber que algo novo está acontecendo e que em breve uma mudança em seu comportamento pode vir a ser exigida” (ERICKSON; SHULTZ, 1998, p. 146). O objetivo, portanto, é desenvolver um modelo de competência social dos participantes de uma interação.

Para avaliar essa percepção dos falantes, os autores utilizam as noções de estruturas de participação, pistas de contextualização, redundância de pistas de contextualização,

<sup>7</sup> Publicado originalmente em 1982.

<sup>8</sup> Pressuposto é uma informação veiculada em uma sentença que se mantém mesmo que seja negada. Ex.: Em Mário parou de fumar e Mário não parou de fumar, há o pressuposto que Mário é fumante.

<sup>9</sup> A implicatura conversacional denomina um conteúdo implícito que é dito de forma indireta, ou seja, que não é previsto com base apenas no sentido literal. Ex.: Alguém lhe pede referências sobre sua ex-empregada doméstica e você informa que ela é muito bonita.

<sup>10</sup> A teoria dos atos de fala defende que é possível identificar, em toda enunciação, um conteúdo proposicional e a ação feita sobre esse conteúdo como, por exemplo, informar, perguntar, autorizar, solicitar...

redundância temporal. Muitas dessas noções são contribuições do Interacionismo Simbólico de Goffman (1967), da Etnografia da Comunicação, representada por Hymes e Gumperz (1964), e pela Análise da Conversação com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). A maior contribuição desse texto é mostrar para o leitor, especializado ou não, o caminho teórico e a técnica para se fazer um estudo da organização social da interação.

Todas essas teorias mostram a atividade linguística como uma manifestação concreta, real e observável dos indivíduos e dos grupos, que acontece num espaço complexo e infinitamente variável de relações. Desse modo, a noção de comunicação vai se tornando mais complexa e surge a necessidade de teorias que expliquem a relação entre o falante e a língua e as questões de significação.

Entre as linhas que se propõem trabalhar essa relação está a Pragmática. É por intermédio dela que se estudam as relações entre os signos e o mundo e as relações entre os signos e os seus usuários. A Pragmática estuda as regras, as condições que determinam o uso da língua e os efeitos decorrentes desse uso, ambos na interação social.

Segundo Guimarães (1983, p. 15), “os estudos sobre a linguagem abrigam hoje diversas pragmáticas”. O primeiro tipo de Pragmática inicia-se fora da Linguística com as reflexões de Peirce sobre o signo, filósofo americano, precursor da Semiótica. Quando diz que o signo é algo que de algum modo representa alguma coisa para alguém, Peirce (1972) considera o usuário do signo como importante para o seu estudo.

Em sua teoria semiótica, classifica o signo em ícone, índice e símbolo e, ao tratar do índice, o autor diz que este é um signo que se refere a um objeto por uma conexão com a memória da pessoa para quem ele atua como um signo:

Refere-se a seu objeto não tanto em virtude de qualquer similaridade ou analogia com ele, nem por estar associado a caracteres gerais que tal objeto eventualmente possui, mas porque se coloca em conexão dinâmica (inclusive espacial) com o objeto individual e, por outro lado, com os sentidos ou memória da pessoa para quem ele atua como um signo (PEIRCE, 1972, p. 131).

Portanto, é possível afirmar que Peirce considera um componente pragmático na teoria do signo ao considerar que a relação da linguagem com o mundo, ou seja, o estabelecimento da referência é determinado pelo usuário. A teoria semiótica aponta duas direções para a pragmática: a que considera que o usuário determina a relação entre a linguagem e o mundo

---

<sup>11</sup> A análise da conversação estuda a organização da conversação. A seção 3 traz mais detalhes sobre essa área de estudo.

(processo de referência); e a outra que considera o usuário enquanto tal na sua relação com a linguagem.

Essa concepção de signo, enquanto índice, fundamenta o primeiro tipo de Pragmática, a que subordina o usuário ao problema da referência. Essa vertente, chamada por Guimarães (1983) de Pragmática Indicial, aproxima-se muito da Semântica Lógica porque se preocupa em mostrar como o contexto é necessário para determinar o valor de verdade das sentenças. Por exemplo, para determinar se a sentença “Eu saí ontem” é verdadeira, é preciso saber quem a disse e em que dia ela foi dita. A pragmática indicial trata da relação entre a linguagem e o usuário somente porque essa relação é importante para determinar a relação entre a linguagem e o mundo. É representante dessa linha o trabalho de Stalnaker (1982), porque defende que a pragmática estuda os atos de fala e a relação das sentenças com o contexto, priorizando este último aspecto.

O segundo tipo de Pragmática surgiu da teoria de Morris (1976) sobre a semiose, processo pelo qual algo funciona como signo para alguém. Esse processo envolve dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas e, nesta última, está a relação dos signos com seus intérpretes.

Essa relação é feita pelo interpretante, definido como “o hábito do intérprete em responder, por causa do veículo do signo, a objetos ausentes que são relevantes para uma situação problemática presente, como se estivessem presentes” (MORRIS, 1976, p. 53). A dimensão pragmática do signo mostra que existe um hábito de o intérprete usar o signo sob certas circunstâncias. Dessa forma, o intérprete aprende o valor pragmático do signo por conviver em situações em que o signo é usado.

Assim, pode-se concluir, segundo Guimarães (1983, p. 18), que essa dimensão pragmática, presente no processo de semiose, não prevê ou não considera a relação entre usuários como interlocutores, mas defende que a relação do usuário com a linguagem é uma relação de intérprete.

O terceiro tipo de Pragmática considera o usuário como interlocutor e, justamente por se preocupar com a relação de interlocução entre os falantes, desenvolve-se em três direções: a análise conversacional ou Pragmática Conversacional (defende a existência de regras para a negociação do sentido que é intencional), a teoria dos atos de fala ou Pragmática Ilocucional (considera que a linguagem não só comunica, mas também realiza ações) e a teoria da enunciação ou Semântica da Enunciação (preocupa-se em explicitar e sistematizar as marcas linguísticas deixadas pelo falante que indicam sua posição em relação ao que diz e à situação de que participa).

Na Pragmática Conversacional, encontram-se os trabalhos de Grice (1982) que consideram a questão do significado linguístico como função da intenção do locutor e do seu reconhecimento pelo ouvinte.

Em *Lógica e Conversação* (1982), Grice mostra que existem princípios gerais que regulam a maneira pela qual, numa relação de conversação, o ouvinte pode reconhecer a intenção do locutor e, dessa forma, depreender o significado do que ele diz.

Nesse sentido, toda e qualquer conversação é regida pelo princípio da cooperação. Em qualquer encontro social e, precisamente, na interação face a face, os participantes que objetivam transmitir e inferir os significados pretendidos entre o grupo empregam em seus discursos estratégias que propiciam um acordo mútuo. Este, por sua vez, se dá através do processo de negociação de pontos de vista, de divergências entre os participantes para se materializar numa tomada de decisão comum. A negociação de um acordo é uma estratégia que deve ser observada pelos participantes para a condução satisfatória da interação, sendo denominada pelo autor como **Princípio da Cooperação**: faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado, ou seja, todo enunciado tem um propósito definido. Esse princípio se realiza através de quatro máximas bem específicas que produzem resultados em favor de uma cooperação e, conseqüentemente, da preservação das faces. São as máximas da quantidade, qualidade, relação e modo.

A máxima da quantidade diz respeito à quantidade de informação apresentada no discurso. Para isso, devem ser observados os seguintes critérios: 1) a comunicação deve ser tão informativa quanto requerida (para o propósito coerente da conversação); e 2) não comunique além do que foi exigido.

A máxima da qualidade relaciona-se com a verdade da informação, ou seja, trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira e mais especificamente: 1) não diga senão aquilo para que possa fornecer evidência adequada; 2) não diga o que você acredita ser falso. Essa máxima sugere que os falantes não só falem no que acreditam, mas também naquilo em cuja verdade eles têm razão para acreditar.

A máxima da relação espera que o falante siga corretamente a seguinte regra: seja relevante, isto é, fale somente o que for pertinente para o tema em questão. Já a máxima do modo está relacionada não com o que é dito, mas como deve ser dito. Corresponde à supermáxima: seja claro e várias submáximas, tais como: evite obscuridade de expressão; evite ambigüidades; fale de forma que seja breve e ordenada.

O princípio da cooperação é facilmente observável na piada, mas a sua análise será realizada na seção 3, ao lado das categorias propostas pelos estudos conversacionais.

A Pragmática Ilocucional é representada pelos estudos de Austin (1962a) e Searle (1965) que defendem a teoria dos atos de fala.

Para Austin (1990?)<sup>12</sup>, a linguagem é usada para realizar vários tipos de ação, inclusive informar. Dessa forma, estabelece a distinção entre enunciados performativos, aqueles que através de sua enunciação realizam uma ação no mundo (“Batizo este navio *Pacific*”, “Peço desculpas”, “Eu te desejo boas vindas” etc.), e constativos, enunciados que contêm afirmações, fazem constatações.

Essa discussão não considera o valor de verdade dos enunciados, a dimensão do verdadeiro e do falso, presente na semântica lógica, mas analisa os enunciados a partir das suas condições de realização: o falante deve ter autoridade para realizar tal ato, como, por exemplo, somente um padre ou um juiz tem autoridade para dizer “Eu vos declaro marido e mulher”; o autor deve ter a intenção de proferir tal enunciado e deve se comprometer em realizá-lo. Sendo assim, os enunciados performativos estão sujeitos a três tipos de infelicidade: nulidade, abuso (falta de sinceridade) e quebra de compromisso.

Em *How to do things with worlds*, Austin (1962) distingue três tipos de ação linguística: os atos locucionais (é o ato de proferir um enunciado), os atos ilocucionais (é o ato de declarar, afirmar, descrever, solicitar, perguntar etc. realizado na linguagem) e atos perlocucionais (é o efeito dos atos locucional e ilocucional produzidos pelas sentenças nos alocutários, por exemplo, a ameaça, a irritação, a persuasão provocada no interlocutor por meio dos outros dois atos).

Continuando essas reflexões sobre a linguagem como ação, Searle (1990?)<sup>13</sup> defende a essencialidade do ato ilocucional, considerando-o unidade mínima da comunicação linguística. Para isso, apresenta argumentos para provar que a comunicação linguística envolve essencialmente atos: primeiro, sempre existe alguém com intenção de produzir uma comunicação; segundo, realizar atos ilocucionais é engajar-se numa forma de comportamento governada por regras.

---

<sup>12</sup> Foi utilizada a tradução (mimeografada e sem data, por isso a interrogação indica uma data provável, conforme recomenda a ABNT NBR 6023/2002) de Paulo Otoni, distribuída informalmente nos cursos da Unicamp.

<sup>13</sup> Foi utilizada a tradução (sem data) de Sírío Possenti e João Wanderley Geraldi para uso interno do curso de Letras da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Fidene).

O autor, ainda no texto em referência, faz a distinção entre regras reguladoras e constitutivas; separa conteúdo proposicional (referência e predicação) de ato ilocucional; e mostra a relação estreita entre sentido e intenção.

Searle (1990?) revisa a concepção de sentido de Grice (1982) e acrescenta que o sentido é uma questão de intenção e também de convenção. Assim, deixa claro que a significação de algo para um indivíduo quando este diz alguma coisa está mais que contingentemente relacionada ao que a sentença significa na língua em que alguém está falando.

Na realização de um ato ilocucional, o falante pretende produzir certo efeito, através da tentativa de levar o ouvinte a reconhecer sua intenção de produzir este efeito e, além disso, se ele usa a palavra literalmente, pretende que esse reconhecimento seja alcançado em virtude do fato de que as regras para usar expressões que usa associam as expressões com a produção desse efeito.

Segundo Guimarães (1983), a Pragmática Ilocucional destaca a relação locutor-ouvinte como a Pragmática Conversacional, representada por Grice, no entanto, esta considera a função informativa como fundamental da linguagem, e aquela vê a linguagem como ação entre os interlocutores.

A Semântica da Enunciação é reconhecida como a terceira direção da Pragmática da interlocução (terceiro tipo), tendo como representantes os trabalhos de Ducrot (1987) e Vogt (1980), entre outros.

O livro *O dizer e o dito* (1987) reúne toda a discussão proposta por Ducrot sobre a pressuposição, apresentando suas primeiras elucubrações e a reavaliação da questão a partir da mudança do ponto de vista teórico assumido pelo autor.

Assim, num primeiro momento, a teoria dos atos de linguagem tem um papel fundamental nas suas reflexões. Para o autor, o sentido de um enunciado é derivado de sua enunciação, na medida em que tal enunciado realiza um ato de linguagem, especificamente, um ato ilocutório.

Num segundo momento, suas reflexões objetivam mostrar que o sentido de um enunciado revela a enunciação como um diálogo no qual várias vozes se entrecrocaram – é a teoria polifônica da enunciação.

A teoria pressuposicional também reflete essa mudança de posicionamento teórico. Inicialmente, a pressuposição é um ato ilocutório inscrito na frase, posteriormente, essa noção vai sendo ampliada, reformulada, e a pressuposição é, de acordo com a teoria polifônica, um ato de linguagem derivado.

A noção de pressuposição é retomada na teoria polifônica da enunciação que refuta a questão da unicidade do sujeito falante (cada enunciado possui somente um autor), defendida, por muito tempo, pelos filósofos da linguagem, e mostra que o enunciado revela, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes (teoria polifônica).

Segundo Ducrot (1987, p.192), o locutor é aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado. É o **eu** referido pelo pronome de 1ª pessoa e marcado pelo verbo. Os enunciadores são os responsáveis pelo ponto de vista e pela atitude expressos na enunciação e pronunciados (no sentido material, físico) por um locutor:

Chamo enunciadores estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se “eles” falam é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras.

A pressuposição, à luz da teoria polifônica da enunciação, é vista como um ato derivado. Anteriormente, explicava o enunciado “Pedro parou de fumar” como contendo dois atos de fala: um de pressuposição, referente ao pressuposto, “Pedro fumava antigamente” e outro de asserção, referente ao posto, “Pedro não fuma atualmente”. Depois da teoria polifônica, esse enunciado passou a ser descrito como contendo um enunciador (E1) responsável pelo pressuposto e outro (E2) responsável pelo posto. Este, que realiza um ato de afirmação, é o locutor. Já aquele, conforme revela que Pedro fumava anteriormente, é assimilado a uma voz coletiva, na qual se localiza o locutor. Dessa forma, não existe ato de pressuposição no nível dos enunciadores, mas o enunciado realiza este ato, de um modo derivado, fazendo ouvir uma voz coletiva que denuncia os erros passados de Pedro.

A teoria polifônica redimensiona o tratamento da pressuposição de forma que um grupo nominal como “a degradação da situação” expressa muito mais do que o pressuposto “a situação se degrada”. O que caracteriza essa nominalização é fazer aparecer um enunciador, ao qual o locutor não está assimilado, mas que é assimilado a uma voz coletiva. Se ficar evidente que o locutor faz parte dessa voz coletiva, então haverá um ato derivado de pressuposição.

Conclui-se que a Semântica da Enunciação revela uma Pragmática de natureza dialógica. Essa vertente considera a dialogia fundamental para a significação, já que o outro está presente no sentido do que alguém diz. É possível perceber que a Pragmática Illocucional e a Semântica da Enunciação não distinguem Semântica de Pragmática, tornando cada vez

mais central a figura do usuário da linguagem, enquanto que outras vertentes, como a Pragmática Indicial, subordinam a Pragmática à Semântica Lógica.

Esses trabalhos apresentados, produzidos por diferentes estudiosos em diferentes épocas, revelam o interesse pelos aspectos pragmáticos e sociológicos da linguagem. Representam um quadro conceitual que aceita a interdisciplinariedade trazida pelas questões de interação e que alerta para a necessidade de construir um novo objeto de pesquisa nas ciências humanas que deve ser posto ao lado das questões costumeiramente discutidas pela tradição linguística.



### 3 A PIADA NOS ESTUDOS CONVERSACIONAIS

Esta seção apresenta uma descrição do gênero piada, realizado na modalidade oral, com base nas categorias propostas pelos estudos conversacionais, como também, justificada no quadro metodológico da pesquisa qualitativa.

#### 3.1 Aspectos Metodológicos: um estudo qualitativo da piada na conversação

Segundo Richardson et al. (1999), há domínios quantificáveis e outros qualificáveis. O estudo do gênero piada em textos orais adotará um enfoque que exigirá uma metodologia qualitativa por ser esta a forma adequada para entender a natureza do fenômeno linguístico que também é social. A sua escolha não constitui simplesmente uma opção do pesquisador.

Assim, este trabalho classifica-se como qualitativo não apenas porque emprega métodos e técnicas inscritas no modelo qualitativo, mas principalmente porque compartilha dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa qualitativa. Para justificar a escolha por esse tipo de investigação e compreendê-la, é preciso tecer alguns comentários prévios.

No início, as pesquisas nas ciências sociais se orientavam pela perspectiva positivista, aplicando aos fenômenos sociais os mesmos métodos e as mesmas técnicas empregados nas ciências naturais. O avanço das pesquisas na área da educação possibilitou o surgimento da tendência qualitativa que iria se opor à postura quantificadora, já bastante difundida.

Num primeiro momento, as propostas qualitativas trouxeram muitas dificuldades de aplicação dos métodos para os menos experientes. Num segundo momento, houve euforia e passou a ser divulgado que todos os fenômenos educacionais deveriam ou só poderiam ser investigados por meio da pesquisa qualitativa. Isso deu início à polêmica dicotomia quantitativo *versus* qualitativo.

Para Triviños (1987), as pesquisas, nas ciências sociais, tanto podem utilizar-se do enfoque quantitativo quanto do qualitativo. Nenhum enfoque é melhor do que o outro. O importante é que o pesquisador tenha consciência das correntes filosóficas subjacentes em cada enfoque.

Compartilhando dessa mesma opinião, Gamboa (2002) diz que o dualismo quantidade/qualidade deve ser entendido como uma dimensão da técnica que, por sua vez, deve estar inserida num enfoque mais amplo que é a concepção epistemológica.

Esses posicionamentos garantem metodologicamente a possibilidade de fazer uso de um procedimento quantitativo se necessário for. É evidente que este trabalho não utilizará qualquer técnica estatística sofisticada, mas, por exemplo, um número de interjeições, aparecendo numa mesma posição, pode ser significativo ou não para a análise dos dados. Dessa forma, é importante ressaltar que a quantificação de alguns resultados pode também contribuir para a sua interpretação, desde que não seja tomada como uma prática excludente.

É importante que o pesquisador tenha consciência de que a escolha por uma determinada alternativa de pesquisa implica muito mais que uma simples opção por técnica de coleta, tratamento e organização de dados, mas se liga a um todo maior que dá coerência ao processo de pesquisa. Por exemplo, a técnica qualitativa de pesquisa está inserida nos enfoques fenomenológico e etnográfico. Dessa forma, centra-se na manifestação do fenômeno e na sua interpretação dada pelo sujeito nos diferentes contextos de manifestação. Já a pesquisa quantitativa baseia-se no positivismo e no empirismo.

Ao conhecer as teorias que sustentam a pesquisa quantitativa e qualitativa, fica cada vez mais evidente que não existe supremacia de uma sobre a outra, mas constituem alternativas ou até mesmo podem ser usadas concomitantemente.

Uma investigação que pretenda identificar uma relação estatística entre os fenômenos estudados também pode ir mais além e buscar uma interpretação mais ampla para os resultados obtidos. Em contrapartida, uma pesquisa que não precisa de técnicas e instrumentos estatísticos pode tornar-se uma mera especulação.

Para Bauer et al. (2002), a pesquisa quantitativa emprega modelos e instrumentos estatísticos para explicar os dados, enquanto a pesquisa qualitativa se preocupa em compreender as práticas sociais, descrever como os atores envolvidos veem suas ações e interpretar o significado dessas ações para eles. Assim, as piadas, que compõem o *corpus* deste trabalho, realizaram-se num evento oral que se configura como uma prática social e serão investigadas neste trabalho a partir da descrição de sua infraestrutura textual e das relações interacionais estabelecidas entre os participantes. Para isso, serão gravados dois eventos em lugares distintos e com a presença de participantes com características diferentes.

Não se pode negar que a pesquisa qualitativa também exige um planejamento, contendo problema, objetivos, coleta e análise de informações, entre outras etapas, mas que ela realiza essas etapas de maneira flexível. Não existe separação entre coleta e análise. À medida que o pesquisador coleta os dados, eles são imediatamente interpretados, possibilitando a avaliação dessa etapa e a necessidade de realizar uma nova coleta de informações. Isso pôde ser observado neste trabalho: a gravação de eventos comunicativos

contendo piadas logo foi transcrita e seguida de uma análise prévia, revelando que os dados coletados eram suficientes e relevantes para o objeto da investigação. A flexibilidade entre coleta e análise pode, por sua vez, gerar a mudança de hipóteses.

A busca pela teoria acontecerá mediante as necessidades reveladas no contato com os dados, o que não impossibilita o pesquisador de fazer uma revisão prévia da literatura. Quanto à definição das variáveis, há interesse em descrevê-las sem a preocupação de medi-las, como faz o enfoque quantitativo.

É interessante fazer algumas ressalvas em relação à coleta de dados. A pesquisa qualitativa pode usar os mesmos instrumentos empregados pela quantitativa para a coleta de dados. Assim, o questionário fechado, a escala de opinião, a entrevista estruturada e a observação dirigida, por exemplo, são recursos que podem ser utilizados na investigação qualitativa, conforme a necessidade do pesquisador em caracterizar um grupo (nível de escolaridade, estado civil, além de outros fatores).

Entretanto, existem algumas técnicas e métodos bem mais adequados à investigação qualitativa, como a entrevista aberta, o questionário aberto, a observação livre, o método clínico e o método de análise de conteúdos, uma vez que o enfoque na participação do sujeito é um elemento preponderante nesse tipo de pesquisa.

O procedimento para a seleção da amostra, na pesquisa qualitativa fenomenológica, pode acontecer a partir da seleção de um grupo que represente a população a ser investigada, mas sem qualquer preocupação em quantificá-la. Também pode se dar de forma intencional de acordo com o ponto de vista do pesquisador ou por questões práticas como disponibilidade dos informantes; a pesquisa qualitativa materialista dialética pode fazer uso de modelos estatísticos para selecionar a amostragem.

A busca por validade e confiabilidade afastou a metodologia qualitativa do seu conteúdo crítico. É sobre essa questão que Richardson et al. (1999, p. 90) apresentam as contribuições mais relevantes para este trabalho.

Os autores separam pesquisa qualitativa de pesquisa social crítica. A primeira preocupa-se em descrever e compreender os significados que os indivíduos têm de suas práticas sociais, isto é, revelar suas crenças, seus valores, mas sem explicar a origem dessas concepções nem como se desenvolveram, tampouco enquadrá-las num contexto mais amplo (histórico, social e ideológico).

De acordo com a informação obtida em outros textos citados, como os de Gamboa (2002) e Triviños (1987), é possível dizer que a pesquisa qualitativa descrita por Richardson

et al. (1999) fundamenta-se nos pressupostos fenomenológicos que não têm a preocupação de buscar a transformação ou emancipação do fenômeno social investigado.

A pesquisa social crítica baseia-se na lógica dialética. Por esse motivo, revela as mudanças conceituais que um fenômeno sofre através do tempo, assim explicado: “o propósito desse estudo não é de apenas registrar mudanças em sua aparência ou essência, mas revelar a natureza dinâmica da relação entre a aparência e a essência do fenômeno” (RICHARDSON et al., 1999, p. 92) e até que ponto é construído socialmente.

Há uma dúvida, segundo esses autores, sobre a validade e a criticidade da pesquisa qualitativa. A resposta para essa questão encontra-se na reformulação do conceito de validade. Demonstrar validade não resulta só de amostragem aleatória e testes estatísticos (também sujeitos à manipulação do pesquisador). A pesquisa qualitativa pode ser válida quando produz uma descrição coerente de um fenômeno baseado no estudo consistente e detalhado. Basta simplesmente que o pesquisador reflita, questione o testemunho dos informantes e o seu posicionamento teórico.

Essa busca pela validade deve estar em todas as etapas do processo de pesquisa, inclusive na seleção e familiarização com o local de pesquisa, na relação com os entrevistados, na coleta e análise de informações e na preparação do relatório.

Os autores acreditam que a escolha do local garantirá a validade se proporcionar o acesso às opiniões autênticas dos entrevistados, decisivo na pesquisa qualitativa, e não a busca de representatividade, característico da pesquisa quantitativa.

As relações com os entrevistados é uma questão problemática porque exige do pesquisador a obtenção de informações sem distorcê-las. Deve encontrar uma situação de meio termo – um distanciamento próximo. A validade ficará mesmo por conta da confiança no pesquisador. Assim é a pesquisa qualitativa.

Na análise dos dados, o problema da validade encontra-se na identificação dos tópicos e na seleção de ilustrações, de exemplos, porque podem ser uma escolha justamente para apoiar a tese do pesquisador. Assim, é inadequado aplicar critérios quantitativos de validade a dados qualitativos:

os fundamentos da entrevista em profundidade estão na convicção de que as pessoas envolvidas em um fenômeno têm pontos de vista ou opiniões que só podem ser descobertas por meio da pesquisa qualitativa. Portanto, **o que importa é a qualidade das informações, não o número de entrevistados que compartilha a informação** (RICHARDSON et al., 1999, p. 99, grifo nosso).

Garantir a validade na análise dos dados será sempre um grande desafio para a pesquisa qualitativa, mas o pesquisador que mostre uma descrição detalhada do objeto investigado e utilize dados suficientes e pertinentes à argumentação de sua tese terá um trabalho confiável.

Todas essas considerações mostram como é difícil garantir a validade da pesquisa qualitativa e revelam também que essa questão atravessa todas as etapas da pesquisa. Em relação a este estudo, os princípios de confiabilidade e validade estão assegurados na apresentação de uma análise detalhada de várias piadas, de modo a convencer o leitor pela apresentação de muitos exemplos, o que foi feito neste trabalho.

### 3.1.1 O *corpus* do trabalho

Inicialmente, nas ciências históricas, *corpus* significa uma coleção de textos coletados e organizados de acordo com o tema ou por constituírem trabalhos de uma mesma natureza. Barthes (1967) defende que o *corpus* pode ser constituído por outros tipos de materiais, como imagens e sons, selecionados antecipada e arbitrariamente pelo pesquisador e com os quais ele irá trabalhar.

Do ponto de vista linguístico, *corpus* é “coleção de dados da linguagem que servem para vários tipos de pesquisa” que podem ser organizados a partir do estabelecimento de categorias como a modalidade escrita ou falada, a temática, o gênero, entre outras categorias e que servem como banco de dados para pesquisas linguísticas (BAUER; AARTS, 2002, p. 45).

Para construir um *corpus* da linguagem, o linguista precisa resolver o problema da representatividade. Assim, Biber (1993, p. 243-244) diz que um *corpus* da linguagem deve conter “o espectro de distribuições linguísticas em uma linguagem”. Como exemplo, o autor apresenta um *corpus* contendo um número abrangente de construções gramaticais de uma língua específica. O *corpus* da linguagem deve ainda incluir “um suficiente espectro de texto dentro da população alvo”. Isso significa um conjunto de textos rigidamente definido e que contemple diferentes contextos.

Nas ciências sociais, há uma distinção entre um *corpus* de propósito geral e um *corpus* tópico. O primeiro corresponde a um amplo levantamento que pode servir para responder a

diferentes questões, como, por exemplo, o projeto NURC<sup>14</sup>. Enquanto o segundo tipo, o *corpus* tópico, é delineado para servir a um propósito definido.

Um aspecto importante foi apresentado por Bauer et al. (2002), ao discutirem os tipos de dados utilizados na pesquisa social. Desse modo, a pesquisa social apoia-se em dados sociais, produtos dos processos de comunicação, responsáveis pela representação da realidade. Assim, a comunicação formal e a informal são dois tipos de dados sociais que podem manifestar-se em três meios – o texto, a imagem e o som.

A comunicação informal pode revelar-se em textos como entrevistas, em desenhos de crianças e em narrativas orais espontâneas. Já a comunicação formal manifesta-se em textos jornalísticos, produção acadêmica, em quadros, fotografias, rituais sonoros, entre outras formas.

Em razão disso, a comunicação formal exige algum grau de competência das pessoas para realizar ações comunicativas, como escrever um editorial, um artigo científico, produzir desenhos para um texto publicitário; por isso, a comunicação formal segue regras bem explícitas. Entretanto, os dados classificados nesse tipo de comunicação também podem esconder o problema da “falsa pretensão de representação”. Os dados da comunicação formal reconstróem uma realidade da forma como determinado grupo social concebe essa realidade. Por exemplo, um jornal apresenta uma realidade de acordo com a visão de mundo (até certo ponto) do grupo que ele representa. O problema da falsa representação se dá justamente quando os dados dizem representar determinado grupo social, mas não o fazem.

Apoiando-se nessa classificação para os tipos de dados, proposta por Bauer et al. (2002), este trabalho estuda piadas, dados sociais resultados de comunicações informais, expressos por meios sonoros e obtidos de forma não espontânea. Isso porque o local onde as gravações foram feitas, a amizade que existia entre os participantes e, principalmente, a variedade linguística utilizada determinam o encontro como informal. A espontaneidade da situação foi conquistada ao longo do encontro, visto que os participantes foram convidados para relatarem piadas e a gravação não foi secreta.

---

<sup>14</sup> Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta, realizado por linguistas, entre 1970 e 1976, com o objetivo de reunir uma grande quantidade de dados da língua oral nas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

### 3.2 O Evento Comunicativo

Na segunda seção, foram apresentados os trabalhos de Goffman (1967, 1975, 1998), Gumperz (1964), Hymes (1964), Grice (1982), que se fundamentam em teorias sociointeracionistas, justamente porque estas concebem a linguagem como uma forma de interação, estudam o uso real que se faz da língua e precisam da interface de áreas como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, além de outras.

A Análise da Conversação insere-se nesse quadro epistemológico. Por isso, buscam-se, nessa teoria, subsídios teóricos para explicar o funcionamento das interjeições nas piadas, como também, para descrever e interpretar a piada como um gênero oral. Justamente, porque, neste trabalho, estuda-se um gênero que se realiza na modalidade oral da língua, que se insere em outro gênero maior, que é a conversação.

Dessa forma, este item faz uma exposição das principais categorias trabalhadas pela Análise da Conversação, acompanhadas de exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa; descreve os eventos comunicativos nos quais as piadas estão inseridas e mostra o funcionamento das interjeições, além de diferenciá-las dos marcadores conversacionais.

Na década de 1960, pesquisas relacionadas à área da etnometodologia, representadas nos trabalhos de Garfinkel (1967), procuravam descrever as estruturas conversacionais e seus mecanismos organizadores, objetivando examinar a interação social no comportamento diário. Com o desenvolvimento desses estudos, percebeu-se a importância dos processos interpretativos do falante na atividade conversacional, considerando todos os aspectos verbais e não verbais, que envolvem uma conversação. Essas investigações partiam de dados empíricos, reproduzindo situações reais do processo comunicativo resultante da interação entre indivíduos.

Num primeiro momento, os estudos conversacionais, ligados à etnometodologia e à sociologia interacionista, investigavam a estrutura da conversação do ponto de vista da interação entre os interlocutores, descrevendo as atividades desenvolvidas pelos falantes para criar e manter a interação como, por exemplo, os processos de constituição e negociação de sentido, conforme vistos nas abordagens do segundo tipo de pragmática, apresentadas na seção anterior. Posteriormente, os estudos desenvolvidos na Alemanha voltaram-se para a investigação de aspectos mais linguísticos como atividades de elaboração do texto, o fluxo da informação, os marcadores conversacionais, entre outras questões típicas do texto conversacional.

Somente na década de 1980, os estudos conversacionais ganharam destaque no Brasil com a publicação do livro *Análise da Conversação* (1986) de Luiz Antônio Marcuschi, que valoriza essa área de estudo, definindo a conversação como “a primeira das formas de interação a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 1986, p. 14). A conversação é uma prática diária, que independe do nível sociocultural do cidadão, acrescenta Castilho (2002, p. 29). Além disso, ela abrange também as comunicações cotidianas que fazem parte do exercício de uma profissão (consulta médica, terapia com psicólogo, uma aula etc.) e que ocorrem dentro de uma instituição (hospital, escola, tribunal etc.) (KOCH, 2003, p. 76). E, por último, Fávero et al. (1999, p. 15) definem a conversação como “uma atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano”.

A valorização dos estudos conversacionais rendeu inúmeros livros, artigos, dissertações e teses, contendo reflexões e propostas para o ensino da língua em diferentes centros de pesquisa espalhados pelo país, tendo como autores Castilho (2002), Preti (1995), Fávero et al. (1999), Ramos (1997), Brait (1993), Verceze (1998), Santos (2002), entre outros. Tudo isso trouxe contribuições tão relevantes que o Ministério da Educação (MEC) destaca, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2001), a importância da língua falada nas práticas de ensino.

É importante salientar que a conversação não está limitada às interações verbais face a face. Para Marcuschi (1998, p. 6),

ela é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade da comunicação humana. Nesse contexto, a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento.

Por permitir a análise de múltiplos fenômenos, é que autores como Steinberg (1988), Dionísio (1998), Santos (2002), entre outros, dedicam-se ao estudo de gestos, expressões faciais, entonações específicas ou outros elementos importantes para a construção de sentido na interação face a face.

Koch (2003), ao defender a concepção de linguagem como interação, ressalta a importância dos estudos conversacionais justamente por ser na conversação face a face que a linguagem atualiza sua natureza interativa, ou seja, na conversação, os falantes realizam ações linguísticas, por meio de enunciados com sentido e, conforme as regras da gramática de uma língua, dentro de um contexto social que pode ser alterado por essas mesmas ações.



Dionísio (2001), por sua vez, justifica o estudo da conversação por ser uma prática social extremamente frequente na rotina de qualquer indivíduo; por exercer um papel privilegiado na construção de identidades sociais e relações interpessoais; por exigir dos falantes uma enorme coordenação de ações que vai além da habilidade linguística deles; por trazer à tona questões envolvendo a sistematicidade da língua presente em seu uso e permitir construir teorias para enfrentar essas questões.

A conversação é uma prática comum no cotidiano do ser humano que requer dos seus interlocutores determinadas condições organizacionais, havendo entre eles a interação entre dois ou mais falantes e a ocorrência de pelo menos uma troca de turnos, o que permitirá a exclusão de monólogos, sermões etc. das conversações; a presença de uma sequência de ações coordenadas; a realização da conversa numa identidade temporal; o conhecimento do tema pelos interlocutores; o envolvimento numa interação centrada, pois o êxito da interação depende não somente dos fatos linguísticos, mas também dos paralinguísticos e socioculturais (MARCUSCHI, 1986).

Diante do exposto, este trabalho insere-se nos estudos conversacionais pelo fato de analisar a piada, gênero de texto, entendida como uma espécie de humor que geralmente se apresenta em forma de uma narrativa curta com conteúdo picante, surpreendente e notadamente risível, realizando-se nas modalidades oral e escrita, tendo ainda uma ponte com os estudos de gênero porque, na tipologia do *continuum*, a **piada** é um gênero típico da oralidade, com características que lhe são próprias, que são evidentes no texto escrito.

Após a referência alusiva à Análise da Conversação, justificada a relevância dos estudos conversacionais e apresentada a definição de conversação, serão descritos alguns aspectos significativos dos dois eventos comunicativos que contêm as piadas, com base em algumas categorias propostas por Fávero et al. (1999, p. 17). Em seguida, retorna à exposição das principais características da conversação e sua exemplificação nas piadas.

Essas categorias constituem o evento comunicativo, entendido como um encontro social no qual as pessoas conversam face a face. Além disso, percebe-se uma nítida semelhança entre essas categorias apresentadas por Fávero et al. (1999) e os parâmetros de ação de linguagem, propostos por Bronckart (2003) e presentes na quarta seção.

As categorias denominadas situação discursiva, evento de fala, tema do evento, objetivo do evento, grau de preparo necessário para efetivação do evento, participantes, relação entre participantes e canal utilizado para a realização do evento, revelam que a conversação é uma atividade construída coletivamente com a cooperação e a negociação dos participantes. Além disso, elas mostram que a interação face a face se dá de forma

organizada<sup>15</sup>. Para exemplificar o funcionamento dessas categorias, segue a descrição dos dois eventos do *corpus* selecionado para este estudo.

O **Evento 1** (EV1) conta com sessenta minutos de gravação, sendo classificado como uma conversação face a face. Realiza-se numa situação discursiva informal, principalmente porque acontece em um ambiente descontraído, simples, do ponto de vista material (um ponto de venda de churrasquinhos e bebidas na calçada de uma rua na cidade de Maceió). Essa informalidade também é determinada pelo grau de intimidade entre os participantes, três homens, na faixa etária entre 24 e 34 anos, colegas de trabalho, residentes na mesma cidade. É importante informar que entre esses participantes o L1<sup>16</sup>, nível de escolaridade especialista, ocupa uma posição hierarquicamente superior no trabalho, é o chefe dos falantes L2 e L3, que possuem o ensino médio incompleto. Além disso, foi o L1 quem convidou os demais para reunirem-se, quem propôs a narração das piadas e que fez a gravação. Por isso, tem a função de documentador.

O tema e o objetivo do evento foram previamente determinados. Foi solicitado ao L1 que reunisse alguns amigos de trabalho em um bar para registrar a narração de piadas. Durante o evento, foram desenvolvidos vários tópicos, conforme a informação fornecida pelo documentador, entre eles as piadas, cuja seleção e narração aconteceram de forma descontraída. Vale mencionar que não há registro de outros tópicos desenvolvidos no evento além das piadas, já que o L1 só ligava o gravador exclusivamente para registrá-las. Apesar de o encontro ter sido marcado previamente e a gravação não ter sido secreta, o ambiente, a descontração entre os participantes e a variante linguística utilizada, inclusive com a presença de palavras de baixo calão, revelam que a espontaneidade foi alcançada ao longo do evento.

O **Evento 2** (EV2) durou vinte minutos e classifica-se como um evento de fala não-espontâneo que utilizou o canal face a face. Trata-se de uma situação discursiva informal que contou com a participação de cinco informantes, três mulheres e dois homens, com idades que variavam entre 28 e 55 anos, colegas de uma turma de Pós-graduação em Letras, todos com formação em licenciatura, e atuando como professores.

Por serem colegas de sala, existia uma relação de amizade entre os participantes. Soma-se a isso o fato de compartilharem uma formação acadêmica e uma experiência profissional na área do magistério. Todas essas características aliadas ao tópico do evento contribuem para que o diálogo seja relativamente simétrico.

---

<sup>15</sup> Apesar de as autoras fazerem uma descrição dos constituintes do evento comunicativo, a proposta delas fica aquém das definições de situação social e conversação defendidas nos trabalhos de Goffman, apresentados na segunda seção.

<sup>16</sup> Os locutores são identificados na transcrição com os termos L1, L2, L3... (Locutor 1, locutor 2, locutor 3...).

O tema do evento foi unicamente a piada, uma vez que a documentadora tinha o objetivo prévio de reunir o grupo de colegas de sala, após a aula, para narrar piadas. Dessa forma, não foi registrado outro tópico além das piadas.

Evidenciou-se, nos eventos mencionados, haver entre os parceiros da comunicação face a face uma atitude cooperativa, fazendo lembrar que, nos estudos conversacionais, é a cooperação, segundo Castilho (2002), o princípio geral que condiciona a existência de toda e qualquer conversação, pois é fundamental que os interlocutores manifestem a intenção de, ao menos, entrar em contato. Além disso, o texto falado é produto de uma atividade de coprodução, na qual os interlocutores precisam se empenhar na negociação do sentido, na defesa de um ponto de vista, na preservação das faces, sempre de forma colaborativa.

Os interlocutores criam uma expectativa em torno da narração da piada, escutam com atenção, sorriem ou reprovam quando ela não surpreende o quanto imaginavam, conforme pode ser observado na transcrição abaixo.

#### **Exemplo 1:**

- 1 L2: aí o pivete de E.<sup>17</sup> disse ... “mainha tem um homem dentro do guarda-roupa” aí o E. olhê disse “oxi dentro do guarda-roupa meu  
3 filho?” aí a mulhé do E. disse “não rapaiz é o rapaiz matando cupim” ...  
5 aí o E. foi achô de abri o guarda-roupa aí disse “tá fazendo o que aí moço?” “tô matando cupim” “oxi mais nu?” aí o cara olhê e disse “eita porra ... comeu a minha roupa o cupim” ((risos))  
7 L1: ((riu)) pô L. essa já é velha pô essa já velha já ... tem que renová ((riso))

Essa piada faz parte do evento comunicativo, classificado como **Evento 1** (EV1), que tem como características a espontaneidade, a informalidade e o grau de intimidade entre os participantes, conforme descrito anteriormente.

Destaca-se, no exemplo 1, o turno de L1 (linha 7) que, após escutar a piada, sorri e indica para o L2 que a piada é conhecida, já está desgastada “((riu)) pô L. essa já é velha pô essa já velha já ... tem que renová ((riso))” e, portanto, não atingiu a expectativa dele que esperava escutar uma piada talvez mais inusitada ou que tivesse um desfecho mais surpreendente. Os exemplos 2 e 3, a seguir, mostrarão também como acontece a cooperação nesse gênero.

---

<sup>17</sup> Para evitar a identificação dos nomes dos participantes dos eventos selecionados e os nomes de personalidades citadas, serão utilizadas iniciais maiúsculas.

**Exemplo 2:**

- 1 L1, L3: ((gargalhada))  
[
- 3 L2: rapaiz ... e o Juquinha o Juquinha o pai dele chegô e disse  
“Juquinha vai tê uma festa agora você não vai não porque você pode  
5 dizê palavrão lá e vai meio mundo de deputado vai o R L vai muita  
gente vai ... o governador né?”
- 7 L1: verdadei: verdadeira viadagem  
L2: é:: aí o Juquinha disse “não eu fico quietinho” ... aí o pai de  
9 Juquinha foi e levô o Juquinha E ... aí olhô aí R L cheio de cachaça aí  
abriu uma garrafa de cerveja aí “o que é o que é: redondinho e tem  
11 vinte e uma prega?” aí o Juquinha disse “eu sei” aí o pai dele deu um  
beliscão “rapaz Juquinha não diga nada não ... você qué me matá de  
13 vergonha” aí outro pessoal viu o Juquinha “o que é rapaz? deixa o  
menino dizê ele não sabe?” aí o pai dele disse “Juquinha você não diga  
15 não” aí: e o R L de garrafa na mão né? aí Juquinha disse “eu sei o que é  
pai é uma tampa de garrafa” aí o pai dele levantô e disse “se eu não  
17 soubessi se eu não pensei que era o cu eu cegui” ((riu)) ... e matô a  
((desligou o gravador))

Nesse exemplo, o princípio da cooperação manifesta-se no assentimento do interlocutor que suspende o riso e devolve o turno e a atenção ao L2 que contará uma nova piada. Além disso, a intervenção de L1, na linha 7, mostra sua intenção em cooperar com L2, desta vez acrescentando um comentário que ajuda a compor o cenário do relato.

**Exemplo 3:**

- 1 L2: aí o cara tinha um filho aí disse “rapaz eu não vô levar você pra  
nenhuma festa” porque tinha o dente furado pô quando ele comia ele  
3 ficava ((faz um gesto como se estivesse limpando o dente com o palito))  
L1: **e é o R é? ((riu))**
- 5 L2: aí o pai dele disse aí ia tê um churrasco óh bicho um churrasco  
muito bom da comunidade aí o pai dele disse “óh mulhé não leva o  
7 menino não deixa ele aí pra quando ele comé lá o churrasco não tá  
((gesto)) dente furado” aí aí o menino chorô ôh aí a mulhé disse “leva o  
9 bichinho homi ele vai ficá comportado lá na festa” ... quando foi umas  
onze horas dez horas ele foi né? quando chegô lá meio mundo de gente  
11 aí o pivete pô sentô: no meio da ( ) farofa churrasco adoidado quando o  
garçom botô o prato o pivete pegô a farofazinha o churrasco botô a  
13 primeira colhé de farinha na boca ... oxi ... tapô o dente aí o pivete  
agoniado ((gestos))
- 15 L1, L3: ((risos))  
L2: aí o pai dele aqui deu um beliscão nele “filho pelo amor de Deus” ...  
17 “não pai eu tô queto” ...  
L3: ((riu))
- 19 L2: e com o dente cheio  
L1: de farinha
- 21 L2: de pô de farinha ... aí quando o garçom vinha aí o pivete se levantô  
“ôh seu garçom na sua casa tem mosquito” o outro disse “tem” “rapaz

- 23 compra aquela bomba que faz ((gesto))  
 L1, L3: ((gargalhada))  
 25 L2: de matá mosquito óh” ... aí tirô a sujêra do dente aí quando aí ele  
 botava outra colhê na boca quando o garçom vinha “garçom aquela  
 27 bomba ((gesto))” aí ... ficô lá o dia todinho comendo churrasco ... [...] (grifo nosso).<sup>18</sup>

No exemplo 3, a cooperação revela-se na forma como L1 mostra-se colaborativo ao ilustrar o relato (linha 4) e ao completar a fala de L2 (linha 20), “de farinha”. Assim, a cooperação é um princípio fundante da piada porque o falante precisa do retorno do ouvinte seja em forma de um assentimento com o riso, seja ficando em silêncio para ouvir a narração ou demonstrando até mesmo falta de interesse.

Essa questão do desgaste da piada é relevante para a interação porque no **Evento 2** (doravante EV2) há um trecho no qual um dos interlocutores inicia o turno e, antes de prosseguir, pergunta aos outros se eles já conhecem a piada “sabe essa já? (virando-se para a documentadora)” (linha 5), indicando que o tipo de resposta poderá indicar a continuação ou não da narrativa, o que pode ser visto a seguir.

#### Exemplo 4:

- 1 L1: (dizia) que era do interiô aí chegô um médico que tava fazendo o  
 maió sucesso todo mundo só queria ir pro médico aí tinha dois que já  
 3 eram antigos né? da cidade ficô triste porque tava perdendo a clientela  
 aí pegô um um cara aí disse “olha você vai lá no médico e dê uma de  
 5 doido chegue lá” ... **sabe essa já?** ((virando-se para a documentadora))  
 Doc: não  
 7 L1: “chegá lá você diz que senti não tem dor nenhuma mas você vai  
 dizê tudo que a gente vai acertá agora” aí o cara foi ... aí o médico  
 9 apertava num lugar aí ele dizia “dôtor ... não tá doendo aí .... (grifo  
 nosso).

Outra característica mais geral e também relevante da conversação é a imprevisibilidade. Mesmo que haja uma intenção prévia de estabelecer um contato, os interlocutores, durante uma conversação, tomam decisões ao mesmo tempo que as executam. Como uma atividade automática, os falantes identificam as informações sobre o interlocutor, o assunto, a imagem que um interlocutor supõe que o outro tenha dele e do assunto, analisa essas informações e age, ou seja, o planejamento ocorre no momento da interação.

Castilho (2002, p. 34) utiliza a expressão “atividade administrada passo a passo” para nomear a seguinte característica da conversação: “monitorando os resultados de nossa

<sup>18</sup> A presença de reticências entre colchetes indica que trechos foram omitidos.

atuação, planejamos as próximas intervenções, de tal sorte que cada turno ‘administra’ o turno subsequente, numa atividade autoconstrutiva, extremamente dinâmica”. É claro que a imprevisibilidade fica excluída das conversações artificiais, como as produzidas em novelas, teatros, narrativas escritas como romances, contos, entre outras formas de conversação que seguem roteiros definidos previamente.

Koch (2003, p. 69), ao apresentar algumas características da interação face a face, também destaca que a conversação é “relativamente não planejável de antemão”, porque o planejamento acontece no momento da interação, numa relação de coprodução que apresenta idas e vindas com o objetivo de construir sentidos. Além disso, a conversação mostra o seu processo de elaboração ao mesmo tempo em que é feito. O seu fluxo discursivo apresenta frequentes descontinuidades e possui uma sintaxe característica.

Essa sintaxe diferente deve-se a pressões de ordem pragmática, as quais exigem do falante certas operações ou estratégias com o intuito de garantir a compreensão do que está sendo dito e favorecer a interação. Dessa forma, construções com enunciados truncados, incompletos, repetições, paráfrase etc. são muito comuns no texto falado.

Construções sintáticas como, “comeu a minha roupa o cupim” (linha 6, exemplo 1), que organiza a frase na ordem verbo-objeto-sujeito, e “chega lá você diz que sente não tem dor nenhuma mas você vai dizer tudo que a gente vai acertá agora” (linhas 7-8, exemplo 4) na qual o verbo “sente” fica sem complemento, porque, ao invés de completá-lo, o falante prefere elaborar outra frase que contempla as ressalvas que ele pretende fazer em relação à ausência de doença do “cara”, exemplificam essa sintaxe característica. Já em “verdadei: verdadeira viadagem” (linha 7, exemplo 2), “quando foi na umas onze horas dez horas ele foi né?” (linhas 9-10, exemplo 3), é possível observar o processo de reformulação da palavra “verdadeira”, indicando uma hesitação que pode significar a busca por um termo adequado, como em “foi na umas onze horas dez horas”, ou também pode revelar algum problema de formulação ligado à semelhança fonética entre “verdadei” e “viadagem”.

Para finalizar essa caracterização mais geral do texto conversacional, apresentam-se as estratégias conversacionais que os falantes põem em prática e a realização delas nas piadas em estudo.

1. Se perceber que o parceiro já compreendeu o que você pretendia lhe comunicar, a continuação de sua fala, na maioria da situação, se torna desnecessária;
2. Logo que perceber que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação.

3. Ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na seqüência (KOCH, 2003, p.70).

A primeira estratégia aparece de forma tímida porque o narrador da piada precisa esclarecer todos os detalhes da narrativa para que ela tenha o efeito desejado, que é provocar o riso. Dessa forma, selecionam-se alguns trechos que mostram a omissão de termos ou informações que podem ser recuperadas pelo contexto.

#### Exemplo 5:

- 1 L2: morava dois compade vizinho ... aí toda noite ... o compade de  
 madrugada ia na casa do outro que o outro tinha uma venda sabe?  
 3 “compade bota uma dose pra mim?” agora ele pagava à vista veio ...  
 cinquenta centavos C aí ele botava a mulhé dizia “**marido marido o**  
 5 **compade**” aí ele a mulhé dizia aí ele aí o marido dizia “de novo meu  
 compade?” “abre rapaz vende a ele ele [...] (grifo nosso).

Na piada do exemplo 5, o trecho em negrito mostra que para o falante, o narrador da piada, as quatro palavras proferidas são suficientes para expressar a sua intenção, não sendo necessário recorrer à outra construção, talvez, mais prolixa como “marido, ôh marido, o compadre está chamando ou está batendo na porta”. A mesma estratégia pode ser observada na piada abaixo.

#### Exemplo 6:

- 1 L3: ((riu)) é:: ó um sujeito queria fazê uma promessa ... uma promessa e  
 tava **precisando do determinado santo que ele queria lá não vô dizê**  
 3 **o santo porque não é:** repare ele queria um santo e foi na casa do  
 santeiro sabe “eu queria ... santo tal comprado santo tal pra fazê minha  
 5 promessa” ... aí o santeiro não tinha esse santo pronto e disse “puxa vida  
 o que é que eu vô fazê ... o senhor venha daqui a a meia hora” aí o o o  
 7 que queria comprá que queria fazê a promessa foi embora aí o santeiro  
 não tinha material pra fazê tão rápido assim pegô uma casca de [...].

No trecho destacado do exemplo 6, a omissão do nome do santo se deu porque o falante não queria citá-lo, evitando, assim, qualquer comprometimento com os outros interlocutores.

Para exemplificar a segunda estratégia (logo que perceber que o ouvinte não o está entendendo, suspenda o fluxo da informação), destaca-se um trecho do exemplo 3 (linhas 5-7) “aí o pai dele dissi aí ia tê um churrasco ôh bicho um churrasco muito bom da comunidade aí o pai dele dissi ‘ôh mulhé não leva o menino não deixa ele aí pra quando ele comé lá o

churrasco não tá””, revelando que entre a fala do narrador e a informação propriamente dita da personagem era preciso contextualizar a situação, explicar que a festa à qual o menino estava proibido de ir era um churrasco da comunidade. O fluxo da informação foi interrompido com o objetivo de fazer acréscimos importantes para o encadeamento da narrativa.

A terceira estratégia (ao perceber que formulou algo de forma inadequada, interrompa-se imediatamente e corrija-se na sequência) é bem frequente nas piadas e pode ser observada em “aí o pai dele levantou e disse ‘se eu não **soubessi** se eu não **pensei** que era o cu eu ceguei”” (linhas 15-17, do exemplo 2) e no trecho de outra piada que será apresentada posteriormente “aí o **pivete** aí **o:: o pai** dele **foi tava** no roçado né?”. Os termos grifados mostram que o falante substituiu “soubessi” por “pensei” para se adequar ao contexto da narrativa, já que o personagem não sabia a resposta da charada<sup>19</sup>, mas pensava (“se eu não pensei que era o cu eu ceguei”). No outro trecho, há uma oscilação entre “aí o pivete aí o pai dele” e entre “foi e tava no roçado”.

Partindo para a apresentação de algumas categorias bem específicas do texto oral, que são objetos de estudo da Análise da Conversação, serão destacados o tópico discursivo, o turno e o par-adjacente.

Apesar da dificuldade em se definir, com precisão e clareza, o tópico discursivo é o assunto sobre o qual se desenvolve a conversação. É entendido como o elemento estruturador da conversação. Segundo Fávero et al. (1999, p. 37), “os interlocutores sabem quando estão interagindo dentro de um mesmo tópico, quando mudam, cortam, retomam ou fazem digressões”.

Entretanto, as autoras acrescentam um dado novo à discussão quando dizem que ele pode ser uma informação pressuposta, situada no contexto extralinguístico, mas que é compartilhada pelos interlocutores.

Outra informação, baseada nos resultados propostos pelo grupo que integra o *Projeto da Gramática do Português Falado*, é que o tópico contém as seguintes características: centração (centra-se em um conteúdo, seja utilizando referentes explícitos ou implícitos); organicidade (existe uma relação de interdependência entre os assuntos abordados numa conversação, de forma que é possível identificar um supertópico, ocupando hierarquicamente uma posição superior, que pode ser desenvolvido em tópico e subtópicos); e delimitação local (início, desenvolvimento e fechamento).

---

<sup>19</sup> Denominou-se de charada a sequência presente na piada do exemplo 3 que diz: “o que é o que é é redondinho e tem vinte e uma pregas?”.



A construção do tópico se dá na interação dos interlocutores, ao mostrar entrosamento, sinalizando alguma interrupção de forma que a sua estrutura revela que a conversação tem uma organização dinâmica, mas longe de ser aleatória ou caótica.

Cada piada trata de um tema específico. No **exemplo 1**, o tópico é o flagrante da infidelidade da esposa; nos **exemplos 2 e 3** têm-se como tópicos a desenvoltura e esperteza de um garoto e do Juquinha; no **exemplo 4**, as peripécias para enganar um médico do interior; no **exemplo 5**, no qual a piada está incompleta, relata-se um equívoco entre dois compadres e no **6**, a confecção de um santo para uma promessa.

A análise do tópico de cada piada revela uma diferença entre os dois eventos. O **EV1** apresenta quase todas as piadas marcadas pelo discurso da sexualidade, envolvendo homossexualismo, infidelidade, o próprio ato sexual, partes do corpo feminino e o discurso escatológico. Assim, de um total de 32 piadas, 25 citam algum termo ligado à sexualidade (mais de 50%). Diferentemente, o **EV2** apresentou 3 piadas, envolvendo sexualidade entre um total de 8 piadas (menos de 50%).

Uma hipótese para justificar essa seleção tópica, no **EV1**, pode ser a ausência de mulheres entre os interlocutores, o que deixou os homens mais à vontade, e o ambiente em que o evento foi realizado, um ponto de venda de churrasquinhos e bebidas, localizado numa calçada. Já o **EV2** contava com a participação de três mulheres entre os cinco interlocutores, todos possuindo nível superior de escolaridade. O fato de estarem numa sala de aula de uma universidade e de a professora estar entre os participantes influenciou talvez nos resultados.

Quanto à categoria turno, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) descreveram o sistema de tomada de turnos que se realiza em interações espontâneas, informais, casuais e sem hierarquia de falantes, considerando a regra geral básica da conversação – fala um de cada vez. A regra diz que um falante deve esperar o outro concluir a sua fala e só então ele poderá assumir a posição de locutor.

O sistema de tomada de turnos, definido por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), consiste em: a) troca de falantes; b) fala um de cada vez; c) as sobreposições de vozes são comuns, mas breves; d) transição de turno sem intervalo e sem sobreposição são comuns; e) a ordem e o tamanho dos turnos são variáveis; f) a extensão da conversação e os tópicos discursivos não são fixos nem previamente especificados; g) a distribuição dos turnos e o número de participantes são variáveis; h) a fala pode ser contínua ou descontínua; i) são usadas técnicas de atribuição de turnos e j) são empregadas diversas unidades para construir o turno (palavra, sintagma, sentença).

A regra geral – fala um da cada vez – revela que os autores consideravam a conversação como um contrato entre os falantes, ou seja, destacavam sobretudo o aspecto contratual da comunicação. No entanto, é facilmente possível presenciar conversações com sobreposições de vozes, principalmente em conversas que envolvam muitos participantes, estratégias de discordâncias, heterocorreções, atenuações, o que demonstra a polêmica conversacional. Portanto, defende-se que a conversação é ao mesmo tempo contratual e polêmica.

No Brasil, Marcuschi (1986, p. 89) foi pioneiro na descrição da forma de organização de eventos conversacionais. Para o autor, turno é “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio”.

Os turnos classificam-se em nucleares e inseridos. Os primeiros garantem a unidade temática; são intervenções que desenvolvem o tópico discursivo e, por isso, estão interligados. Já os segundos são turnos, como o próprio nome diz, que se inserem em torno do tópico, são marginais. Os turnos inseridos podem funcionar para expressar concordância, discordância, avaliação, esclarecimentos, entre outras funções. Para ilustrar essas categorias, turnos nucleares e inseridos, pode-se verificar a distribuição dos turnos no exemplo 1, apresentado anteriormente. Assim, tem-se a fala do L2 “aí o pivete de E. diss... ‘mainha teim um homem dentro do guarda-roupa’ aí o E. olhou diss ‘oxi dentro do guarda-rôpa meu filho?’...” (linhas 1 a 3 do exemplo 1) como um turno nuclear, porque é uma participação que desenvolve o tópico, e a fala de L1 “((riu)) pô L. essa já é velha pô essa já velha já ... teim que renová ((riso))” (linha 7) constitui-se como um turno inserido, pois tem a função de avaliar o turno anterior, ou seja, se insere para, no caso específico, demonstrar discordância. Para ratificar o funcionamento do turno inserido, tem-se o exemplo de número 7.

#### **Exemplo 7:**

- 1 L2: nunca mais ele foi menino toda vez que a mulhé ia que ele ia fazê  
feira óia “compra uma cachacinha pra mim pra eu deixá em casa pra não  
3 pra não abusá ninguém”
- 5 L1: [ deixá em casa  
L1: caboci
- 7 L2: caboci foi um santo remédio ... e o outro foi o seguinte o cara chegô  
em casa ... aí a mulhé disse [...]

Nesse exemplo, a sobreposição de L1 “deixá em casa” (linha 5) não corresponde a um assalto ao turno, mas a uma intervenção de concordância com o tópico. O locutor 1 fala ao

mesmo tempo que o locutor 2 como se estivesse adivinhando o que ele iria dizer “deixá em casa”. Por isso, é um turno inserido.

É em Castilho (2002, p. 36) em que se encontram algumas breves e diferentes reflexões sobre o turno. Dependendo do ponto de vista teórico assumido pelo pesquisador, o turno pode ser qualquer intervenção do falante, inclusive sinais de acompanhamento como “ahn ahn”, “uhn uhn” ou pode ficar restrito ao segmento produzido pelo falante com direito à voz. Assim, a adoção da primeira definição revela que o interesse do pesquisador é fazer uma análise interacionista, estando dessa forma ligada à Análise da Conversação, evidentemente essa é a definição adotada neste trabalho; enquanto a segunda concepção de turno revela o interesse pelo texto como um todo, sem a preocupação de estudar estratégias interacionais.

Diferentemente, é a perspectiva pragmática que concebe o turno como uma prática social que pode ter uma expressão linguística ou não. Assim, são considerados turnos não linguísticos qualquer circunstância que conta com a participação de dois ou mais indivíduos: a passagem de duas ou mais pessoas por um corredor, o cruzamento de veículos no trânsito, a participação em jogos e debates, além de outras situações.

Fávero et al. (1999) apresentam uma informação nova sobre os turnos ao classificá-los como relativamente simétricos ou relativamente assimétricos. Isso significa que o turno não tem uma disposição fixa ou rígida.

Entende-se que o termo **relativamente** indica que o turno não pode ser classificado como essencialmente simétrico ou assimétrico porque uma mesma conversação pode ter momentos de simetria e assimetria.

As autoras apresentam uma definição semelhante à proposta por Marcuschi (1986). O turno relativamente simétrico se dá quando existe igualdade de direitos para tomar a palavra, escolher o tópico e direcioná-lo. E, relativamente assimétrico quando um dos interlocutores direciona o tópico, estabelece o tempo de participação, cabendo a este uma participação mais ativa.

Considerando que as autoras elucidam o caráter de assimetria e simetria, nos turnos, faz-se uso dos termos relativamente simétrico e assimétrico para caracterizar os dois eventos, que compõem o *corpus* deste trabalho. Com isso, pretende-se mostrar que a piada, considerada de natureza simétrica, tem longos períodos de assimetria.

Existem recursos e mecanismos organizacionais na conversação, os quais podem determinar, de certa forma, quem tem a palavra e quando tem. São técnicas e regras possíveis de acontecer mais numa conversação formal que numa informal, pois exigem certa disciplina entre os interlocutores. Conforme Marcuschi (1986), esse processo acontece de duas formas:

1) o falante corrente encerra seu turno e escolhe o próximo falante; 2) o falante corrente encerra seu turno, mas não escolhe o próximo falante, podendo ou não os outros participantes iniciarem um turno, bem como ocorrer a retomada do turno pelo falante corrente.

Esse mecanismo requer que os participantes da conversação saibam reconhecer o momento em que cada falante terminou seu turno; do contrário, surgem as falas simultâneas e as sobreposições de vozes, que podem causar certo colapso na conversação. Dionísio (2001) chama isso de lugar relevante para a transição, significando que os falantes sempre observam algumas marcas, como pausa, hesitação, uso de marcadores, entre outras que indicam o momento de participar, de entrar na conversa (falando informalmente).

Com base nas hipóteses de que nem todos falam ao mesmo tempo e de que há alternância de interlocutor, é que se pode imaginar a distribuição de turnos entre os falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional.

Por isso, a troca de turnos é outra categoria importante da organização da conversação e realiza-se por meio da passagem do turno, do assalto ao turno e da sustentação do turno, isto é, a troca de turno acontece mediante a presença ou a ausência do lugar relevante de transição.

A passagem do turno se dá quando o falante cede o turno implícita ou explicitamente. Normalmente, os falantes utilizam estratégias verbais e não verbais para conceder o turno a outro falante. Como exemplo de uma estratégia não verbal, tem-se o olhar como uma forma muito importante de monitoramento da conversação. As estratégias verbais são atos diretos de fala, como uma pergunta ou um ato indireto, como fazer menção a um assunto que desperte o interesse do interlocutor.

Castilho (2002, p. 41) destaca que, independente da estratégia utilizada, a passagem do turno consentida acontece num determinado ponto, chamado de lugar relevante para a transição. Esse lugar pode ser descrito como “um ponto prosodicamente definido” (a fala é composta de séries rítmicas que são perceptíveis entre os falantes. Quando o interlocutor escuta uma pausa nesse ritmo, entende que chegou o momento de falar); “um ponto sintaticamente definido” (diz respeito à consciência que os interlocutores têm das estruturas sintáticas, tendo em vista que o interlocutor espera o outro interlocutor concluir o enunciado, no sentido de apresentar um complemento para o verbo, para que possa fazer uma intervenção); e “um ponto culturalmente definido” (diz respeito a regras sociais que são definidas em cada comunidade. Na passagem de turno consentida, por exemplo, o falante escolhe ou indica o próximo a tomar a palavra; caso este rejeite, imediatamente ele retoma a posição de falante ou outro interlocutor se sente no direito de assumir o turno).

Embora a regra básica da organização da conversação seja falar um de cada vez, não é possível que os falantes fiquem o tempo todo aguardando uma passagem consentida do turno. Geralmente, os falantes podem assaltar o turno, isto é, o ouvinte interrompe o locutor sem o menor consentimento nem constringimento e assume a posição de locutor.

Para isso, o ouvinte utiliza várias estratégias como falas simultâneas, heterocorreções em forma de uma colaboração que agrega informações à fala do outro (geralmente essa estratégia é um disfarce para tomar a palavra), e o aproveitamento de pausas.

Galembeck (2003) acrescenta que o assalto pode ser com deixa, quando existem marcas como pausas, hesitações que indicam o momento ou a possibilidade de assaltar o turno, e sem deixa, quando o interlocutor interfere bruscamente na fala do outro, causando a sobreposição de vozes.

A sustentação da fala acontece quando o falante/locutor mostra explicitamente por meio de marcadores conversacionais, como pausas não muito longas, alongamentos de vogais e consoantes, autocorreção, o interesse em permanecer com o turno.

Dionísio (2001) esclarece que essa organização da troca de turno pode variar, dependendo do evento comunicativo. Uma entrevista, por exemplo, pode conter turnos longos, assimétricos, com pouco ou quase nenhum assalto, evitando o desvio do tópico discursivo.

Com base na definição de turno como qualquer intervenção de um falante, inclusive o silêncio, considera-se o riso dos participantes como um turno, pois na piada o sorriso é um elemento fundamental para a interação, já que é uma resposta dos interlocutores após ouvirem uma piada, é uma intervenção do ouvinte, inserindo-se, dessa forma, na concepção de turno defendida pela Análise da Conversação.

Não há disputa pelos turnos, apesar da existência do lugar relevante para a transição. É perceptível a pausa, o enunciado completo, mas os outros interlocutores não manifestam a intenção de ocupar a posição do L2, conforme o **exemplo 3**, aqui retomado:

- 1 L2: aí o cara tinha um filho aí disse “rapaz eu não vô levar você pra
- nenhuma festa” porque tinha o dente furado pô quando ele comia ele
- 3 ficava ((faz um gesto como se estivesse limpando o dente com o palito))
- L1: e é o R é? ((riu))**
- 5 L2: aí o pai dele disse aí ia tê um churrasco óh bicho um churrasco
- muito bom da comunidade aí o pai dele disse “óh mulhé não leva o
- 7 menino não deixa ele aí pra quando ele comé lá o churrasco não tá
- ((gesto)) dente furado” aí aí o menino chorô ôh aí a mulhé disse “leva o
- 9 bichinho homi ele vai ficá comportado lá na festa” ... quando foi umas
- onze horas dez horas ele foi né? quando chegô lá meio mundo de gente
- 11 aí o pivete pô sentô: no meio da ( ) farofa churrasco adoidado quando o

- garçom botô o prato o pivete pegô a farofazinha o churrasco botô a  
 13 primeira colhé de farinha na boca ... oxi... tapô o dente aí o pivete  
 agoniado ((gestos))  
 15 **L1, L3: ((risos))**  
 L2: aí o pai dele aqui deu um beliscão nele “filho pelo amor de Deus” ...  
 17 “não pai eu tô queto”...  
**L3: ((riu))**  
 19 L2: e com o dente cheio  
 L1: de farinha  
 21 L2: de pô de farinha ... aí quando o garçom vinha aí o pivete se levantô  
 “ôh seu garçom na sua casa tem mosquito” o outro disse “tem” “rapaz  
 23 compra aquela bomba que faz ((gesto))  
**L1, L3: ((gargalhada))**  
 25 L2: de matá mosquito ôh”... aí tirô a sujêra do dente aí quando aí ele  
 botava outra colhé na boca quando o garçom vinha “garçom aquela  
 27 bomba ((gesto))” aí ... ficô lá o dia todinho comendo churrasco... (grifo  
 nosso)

Como pode ser observado nos turnos destacados, o L1 ainda insere alguns turnos breves, indicando aceitação, concordância, discordância, completando informações, faz correções, ratifica. Já o L3 apenas sorri, o que indica aceitação e cooperação com o L2.

Um leitor desatento talvez classifique o diálogo como assimétrico, devido à presença de turnos longos e a não ocorrência de assaltos ao turno. Entretanto, havia um acordo entre os participantes desse evento que instituía o L2 como o locutor oficial. Por possuir a fama de excelente contador de piadas, o L2 foi convidado para sair após o expediente de trabalho para contar piadas. Ele também reconhecia o seu papel de contador de piadas. Mas, não é válido afirmar que esse evento é assimétrico, já que fere a essência do gênero piada, que se caracteriza pela informalidade e descontração. Por isso, apesar das evidências contrárias, defende-se que os turnos são relativamente assimétricos.

Os turnos nucleares são emitidos pelo L2 e quase sempre correspondem a uma piada. Verificou-se que, de 32 piadas, 26 correspondem a um turno, ou seja, são iniciadas, desenvolvidas e concluídas num único turno, como exemplificam as linhas de 1 a 6 da próxima piada.

#### **Exemplo 8:**

- 1 L2: outra coisa o cara foi viajá pra Brasília nunca tinha ido viajá ôh ... aí  
 o piloto foi no meio da viagem anunciô dissí “óia todo mundo pega o  
 3 pára-queda e pule” aí o cara ficô que nem... o cara era gay mesmo... aí  
 dissí... “vixi” não sobrô pára-queda nem pra ele nem pra o piloto aí o  
 5 piloto dissí “nós dois ó ((fez um gesto com as mãos)) aí o viado dissí “e  
 dá tempo?” ((riu))  
 7 L1, L3: ((gargalhada))

Também há duas piadas num mesmo turno, ou seja, não há interrupção, nem ao menos uma intervenção com um sorriso. Assim, tem-se nas linhas 1, 2, 3 e 4, do **exemplo 9**, a finalização de uma piada, iniciada em outro turno, e, nas linhas 4-5 (trecho em negrito), inicia-se outra.

**Exemplo 9:**

- 1 L2: “de matá mosquito óh”... aí tirô a sujera do dente aí quando aí ele  
 botava outra colhé na boca quando o garçom vinha “garçom aquela  
 3 bomba ((gesto))” aí ... ficô lá o dia todinho comendo churrasco... o  
 pivete **o cara tinha um filho C. ... aí foi pra são Paulo o filho dele óh**  
 5 **... aí passô um tempo [...]**

O **exemplo 10** mostra um turno longo contendo duas piadas completas.

**Exemplo 10:**

- 1 L2: cara namorava com a filha do barbeiro aí dissi: começô a bebê e  
 dizendo rapaz eu só quero aquela filha do barbeiro só pra sarrá ... só  
 3 pra sarrá ... aí o aí o barbeiro ficô sabendo né? quando foi um dia da  
 sábadô ele foi fazê a barba ensabuô ele todinho né? botô uma  
 5 espumazinha ... pegô o canivete começô a fazer a barba e chegô bem  
 na veia aqui no pescoço disse óh rapaz ... tu qué a minha filha só pra  
 7 sarrá é? ele dissi que nada rapaz até viado eu sô (risos) o medo óh  
 (sorrindo) e o prédio pegando fogo C. ... aí ficô todo mundo azuretado  
 9 chamaram o corpo de bombeiro aí:: ... o cara branco lá em cima do  
 prédio o prédio alto né? o bomb aí o o capitão arma rede arma a rede  
 11 embaixo arma a rede... aí armô a rede óh ... aí o branco foi e pulô aí ...  
 vixi ambulância ambulância socorreram o cara branco né? aí o negão  
 13 disse eu vô pulá também agora é minha vez aí quando o negão pulô o  
 cara disse deixa ... esse tá carbonizado (sorrir) rapaz tiraram a rede  
 15 bicho óh ...

As poucas interrupções ao turno do L2 acontecem por causa do riso provocado pela piada, exigindo do L2 algum artifício para ser ouvido. Dessa forma, ele repete palavras, como atestam os termos destacados, em negrito, nos **exemplos 11 e 12** a seguir.

**Exemplo 11:**

L2: rapaz ... e o **Juquinha o Juquinha** o pai dele chegô e dissi “Juquinha vai tê uma festa [...]

**Exemplo 12:**

- 1 L2: aí pegou e tum ((gesto)) na testa dela ... menino ó mais foi um  
 corte que fazia medo oxi  
 3 [
- L1, L3: ((gargalhada))
- 5
- L2: **e o ôtro o ôtro**  
 7 L1, L3: ((gargalhada))  
 L2: o cara pô casou E **o cara casô::** ((riu)) ... **o cara casô o cara  
 casô** aí a mulhé dissi [...]

Em outras poucas ocorrências, as intervenções não se constituem em risos e apresentam alguma informação que concorda com o direcionamento dado à narrativa (linha 5, exemplo 13), que reforça (linha 9, exemplo 13) e que exemplifica o conteúdo da fala do L2 (linha 6, exemplo 14).

**Exemplo 13:**

- 1 L2: aí o cara chegô aí o viadão chegô e dissi eu sô muito sensível... aí  
 o cara disse fique de quatro pé aí... ele ficô o cara pô jogô a cerveja aí  
 3 disse eita cerveja é brama óia... na bunda dele  
 [
- 5 L1: **eita porra óh**  
 L2: eita pega que: rapaz que cara sensível... aí o cara já botô um palito  
 7 assim ele isso é um palito é Gina... óia!... aí  
 [
- 9 L1: **palito Gina**  
 L2: o cara foi foi botô a caneta ele disse caneta vermelha bic... óia!... o  
 11 cara rapaz que cara: aí pegô um café frio aí jogô... jogá café agora sem  
 açúcar... óia!  
 13 L1: óia (riu)

Essas intervenções do L1 se realizam em forma de sobreposição de voz, mas não se configuram como um assalto ao turno, já que o L1 não tinha a intenção de contar uma piada. Nessas ocorrências, as sobreposições confirmam o exagero das informações do L2, ao dizer que o personagem da piada (o viadão) reconhece a marca da cerveja derramada em seu ânus e a marca do palito introduzido nele. No próximo exemplo, a intervenção de L1 corrobora com a piada narrada pelo L2, ao apresentar um exemplo “igual ao coração”.

**Exemplo 14:**

- 1 L2: (rindo) era confeito né porra aí o cara chegô no restaurante pra  
 almoçá EU QUERO MACARRONADA... DE PRIMEIRA aí o  
 3 garçom foi botô a macarronada eu quero coca de dois litro ... aí  
 começô o: a comê a macarronada com a coca de dois litro aí daqui a



- 5 pouco ele encontrô um cabelo dentro da macarronada ... aí fez o maior  
 [
   
7 L1: **igual ao coração**
  
L2: é: fez igual o do coração que a gente tá aqui no barzinho ... aqui:
   
9 veio um cabelo mai deixa pra lá ... aí minha amiga aí daqui o cara fez
   
o maior escândalo no restaurante do cara o cara disse [...]

No **evento 2**, verifica-se que os turnos são bem disputados, outra característica que confere ao diálogo o atributo de simétrico, diferentemente do EV1. Os exemplos seguintes mostrarão que a cada desfecho de uma piada, correspondente ao encerramento de um turno, outro interlocutor se dispõe a contar uma piada, assumindo a posição de locutor, conforme revela os enunciados grifados:

**Exemplo 15:**

- 1 L3: trouxe o jegue “é esse o animal?” “não não não ... o animal tem
   
uma bica grande mas tem pena” ele disse “ah:: meu amigo esse aqui
   
3 não tem pena nem da mãe” ((riu)) ... **olha se puxá piada vai**
  
L1: **se puxá piada vai**

**Exemplo 16:**

- 1 L4: **ah:: deixa eu te contar essa deixa eu ...** tinha uma:: ... é:: disse
   
que o camarada morreu né?
   
3 [
   
((risos))
   
5 L3: **quanto mais melhor né?**
  
Doc: é: ((riu))

**Exemplo 17:**

- 1 Doc, L3, L4 e L5: ((gargalhada))
   
L3: **deixa eu contá agora**
  
3 Doc: ele se animou
   
L3: ((riu)) é:: ó um sujeito queria fazê uma promessa ... uma promessa
   
e tava precisando do [...]

Os turnos destacados, em negrito, mostram o envolvimento dos participantes durante o evento, de forma que é possível identificar certa regularidade na sequência dos turnos: alguém conta uma piada, todos sorriem, e outro participante assume a posição de locutor e assim sucessivamente. Isso é diferente da organização dos turnos no EV1, no qual apenas um participante narrou piadas.

Justamente por ter sido tão disputado, é possível identificar assaltos ao turno no EV2, como revela o exemplo 18, a seguir, no qual se verificam vários assaltos ao turno do L4 “a gente... vou contá de santo também”, que desejava contar uma piada. Nessas interrupções, há

risos, digressões até que ele consegue retomar o turno e iniciar a piada “disse que a:: ... tinha um camarada toda vez ....”.

**Exemplo 18:**

- 1 L4: a gente ... vô contá de santo também  
 [
 3 ((risos))  
 L3: eu tenho um negócio com você ainda  
 5 L1: de santo também?  
 Doc: perai que vai rodá pra cá também ((girando o gravador na  
 7 direção de F5 que pretendia sair))  
 L5 ((rindo)) eu não sei não  
 9 L4: disse que a:: ... tinha um camarada toda vez ia é de santo hein toda  
 vez ele chegava na igreja meio dia né? aí chegava o padre a:: “seu  
 11 padre eu cometi um pecado imperdoável” ... “diga meu filho pra que  
 eu lhe dê a sentença” “ah:: só conto a São Cristóvão” ... aí dizia “mas  
 meu filho” “é

Isso posto, conclui-se que a piada oral tem uma estrutura e uma forma de organização bastante peculiar. Só se realiza coletivamente, com base na cooperação e utilizando recursos linguísticos (sobreposições, retomadas, repetições...) bem diferentes dos utilizados na piada na modalidade escrita.

Para Fávero et al. (1999), as condições de produção do texto falado serão influenciadas pela escolha de um ou outro desses elementos (situação discursiva, evento de fala, tema e objetivo do evento, relação entre os participantes...). Além disso, fica evidente que a conversação resulta ou depende de um conjunto de recursos que, por sua vez, revelam muitas e diferentes relações sociais.

A conversação tem o turno como o elemento estrutural básico, como já foi dito antes. O turno é disputado pelos falantes podendo se manter com o falante /locutor, ser repassado ao falante/ouvinte ou simplesmente tomado. Além disso, o turno se organiza em sequências, que têm uma forma específica, chamadas de pares adjacentes, que são uma sequência de dois turnos que coocorrem numa conversação, como, por exemplo, a ordem-execução, o cumprimento-cumprimento, pergunta-resposta, sendo esse último o mais comum na conversação.

Segundo Castilho (2002), alguns pesquisadores consideram que os pares adjacentes constituem a unidade básica da conversação, pois indicam que, na Análise da Conversação, é a sequência de atividades que se presta como unidade para análise. Têm-se também turnos pares que antecedem uma sequência par, chamados pré-sequências.

Par adjacente e tópico discursivo estão relacionados. O par adjacente é uma forma de organização do tópico. Por exemplo, a pergunta é uma forma de iniciar um tópico, também pode ser responsável pela continuidade, redirecionamento e mudança de tópico. O par pergunta-resposta, além de ser multifuncional, corresponde a estratégias empregadas pelos falantes na conversação.

Numa sequência de turnos, como no par pergunta-resposta, pode ocorrer a inserção de perguntas e respostas, que faz com que a realização do par não seja adjacente. Esse processo é denominado de sequência inserida, cuja ocorrência pode ser útil a esclarecimentos ou à manipulação da pergunta.

Na realização da fala entre os interlocutores, a segunda parte de uma sequência conversacional pode ser marcada pela preferência ou despreferência a depender de relações socioculturais. Um pedido ou um convite pode ser aceito ou não. É uma atitude que acontece no ato concreto da conversação. A despreferência, normalmente, é marcada por pausas antes de iniciar a resposta, por marcadores do tipo “bem”, “olha” etc., por ponderações que a justifiquem, além de outros fatores.

Para a descrição dos pares adjacentes, é oportuno apresentar uma reflexão feita por Castilho (2002) sobre esses elementos. Para o referido autor, os pares adjacentes revelam que existe uma subordinação pragmática quando ocorre um turno-pergunta que exige o turno-resposta. Isso não é marcado por qualquer segmento da língua como um conetivo, por exemplo, mas existe uma relação de dependência que se dá no nível interacional.

Koch (2003, p. 71) chama isso de “relevância condicional”. Uma pergunta condiciona a apresentação de uma resposta da mesma forma que uma saudação exige também uma saudação ou um cumprimento, outro cumprimento. Então, a situação comunicativa estabelece algumas normas de organização e de conduta que podem não ser cumpridas, mas certamente o seu descumprimento causa prejuízos à interação.

Neste trabalho, identifica-se o **convite à escuta – o assentimento ou não** como o par adjacente que estrutura o gênero piada. Dessa forma, os turnos se organizam numa sequência que se inicia com uma espécie de convite para escutar a narrativa, tais como as construções “aí o pivete de E. disse ...” (linha 1, exemplo 1), “rapaiz... e o Juquinha o pai dele chegou e disse” (linha 3, exemplo 2), “o cara tinha um filho C. aí foi pra São Paulo o filho dele óh...” (linha 21, exemplo 3) “e o cara bicho ... o cara nunca tinha ... nunca tinha namorado aí o cara disse ...”, “deixa eu contar agora”, que interpelam o ouvinte, às vezes empregando o nome do ouvinte para dirigir-se a ele como em “o cara tinha um filho C.” ou com uma forma genérica e

“o cara bicho ... o cara nunca tinha ...”, ao mesmo tempo que o insere na narrativa apresentando logo o verbo dicendi “dissi”.

Os estudos conversacionais revelaram a existência de uma categoria de elementos extremamente significativos para a organização da conversação e o estabelecimento da interação entre os participantes – os marcadores conversacionais. Na seção 3.3, será feita uma descrição detalhada, contendo os tipos de marcadores, suas funções e as posições que ocupam na piada, uma vez que um dos objetivos deste trabalho é investigar o funcionamento da interjeição e dos marcadores conversacionais.

### **3.3 Marcadores Conversacionais ou Interjeições?**

A descrição do gênero piada oral revelou a presença de recursos linguísticos de extrema relevância para criar e manter a interação entre os participantes, assim como para compor o gênero: as interjeições e os marcadores conversacionais. Além da significativa presença, a semelhança entre eles, tanto no aspecto funcional quanto na posição ocupada na unidade comunicativa, suscitou o interesse pela investigação desses elementos.

De acordo com Tavares (1999, p. 166), marcadores conversacionais são “palavras, expressões e sons lexicalizados que têm um papel de destaque na interação dialógica ou no controle do fluxo discursivo, interligando as informações liberadas ao longo da fala”.

Marcuschi (1989, p. 282) foi um dos pioneiros no estudo desses elementos no Brasil. De acordo com esse autor, os marcadores “operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois multifuncionais”.

Tanto os falantes quanto os ouvintes podem produzir marcadores numa conversação. Para isso, podem usar recursos de natureza linguística e não linguística. Os linguísticos dividem-se em verbais e prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados: “sabe?” “né?”, ou não lexicalizados: “eh”, “ahn”. O tipo prosódico refere-se à pausa, à entonação, ao alongamento, por exemplo. Os não linguísticos são os gestos, o olhar e as expressões faciais.

Conforme a classificação proposta pelo autor, do ponto de vista semântico, os marcadores são apontados como vazios de conteúdo, isto é, não acrescentam informação ao conteúdo da unidade comunicativa. Valem como estratégias para o falante testar o grau de atenção e de participação do seu interlocutor. Por isso, não são elementos interacional e discursivamente descartáveis.

Quanto ao aspecto sintático, os marcadores são independentes e, quanto à posição no enunciado, podem ser classificados como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos.

Entretanto, o início do turno é a posição mais produtiva para a ocorrência de marcadores. No meio da unidade comunicativa, é mais frequente a presença de hesitações, porque é nessa posição que se revela o planejamento verbal.

A grande função dos marcadores é a de articular as unidades comunicativas ajudando a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado. De acordo com Urbano (1993, p. 85), os marcadores “funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático”.

Fávero et al. (1999) destacam o funcionamento dos marcadores como elementos de coesão que servem para articular, encadear e organizar hierarquicamente os tópicos do texto falado. Assim, a articulação evita que os turnos se tornem monólogos paralelos. Ao mesmo tempo em que os marcadores encadeiam, também fazem a segmentação do texto. Têm função interacional quando conduzem e orientam as participações do locutor e do interlocutor.

Rosa (1992) estuda os marcadores verbais utilizados na interação face a face como forma de atenuação. Baseado na Análise da Conversação, nos estudos de Goffman (1975) sobre os procedimentos de preservação da face e no trabalho de Roulet et al. (1985) sobre a estrutura hierárquica do discurso, seu trabalho objetiva descrever os marcadores de atenuação, empregados por falantes cultos, e analisar a função por eles exercida na interação face a face.

Para Rosa (1992, p. 29), a polidez é um fenômeno maior que pode contemplar procedimentos ou elementos atenuadores. Em suas palavras: “evitar responsabilidades pelo que se diz é, assim, parte das preocupações com a face, e pode ser sugerido pelo uso de uma estratégia de polidez com ou sem elementos atenuadores”.

Os procedimentos atenuadores, por sua vez, são utilizados para evitar ou diminuir a responsabilidade do que é dito. Se esses procedimentos encontrarem-se às margens da unidade discursiva, se forem recorrentes e tiverem uma forma relativamente fixa, então serão chamados de marcadores de atenuação.

A autora divide os marcadores de atenuação em dois grupos: o primeiro abrange os marcadores de distanciamento (marcadores que tornam o enunciado impessoal, que indeterminam o sujeito de forma que apagam a instância da enunciação no enunciado, por exemplo, as construções “diz que”, “dizem que”...); o segundo grupo reúne quatro tipos de

marcadores: de opinião (“acho que”, “suponho que”...), os hedges (palavras evasivas: “assim”, “sei lá”, “digamos assim”...), de rejeição (“se não me falha a memória”, “que eu me lembre”...) e metadiscursivos (“antes disso eu quero dizer uma coisa”). Todos são responsáveis pelas marcas da enunciação no enunciado, como a incerteza sobre o que é dito, a discordância de opinião etc.

Se, por um lado, há uma vasta literatura sobre os marcadores conversacionais, por outro lado, o estudo das interjeições está reduzido à descrição gramatical. As gramáticas normativas, em geral, restringem o estudo da interjeição a duas ou três páginas, identificando-a como uma classe de palavras e classificando-a de acordo com os sentimentos que exprimem (dor: ai!, ui!; alegria: ah!, oh!; desejo: oxalá!, oh!...)

Os gramáticos, contemporâneos ou não, são unânimes quando definem a interjeição como “a palavra ou conjunto de palavras que expressam os sentimentos vivos e espontâneos da nossa alma” (BUENO, 1968, p. 156). Nesses mesmos termos, expressam-se Almeida (1965), Bechara (2001), Cunha (1976) e Sacconi (1982). Sendo assim, expressões como “emoção ou sentimento repentino”, “afeto súbito da alma”, “gritos instintivos” são encontrados com frequência nas gramáticas normativas.

Seguindo esse raciocínio dos gramáticos, Martins (1991) mostra que a interjeição resgata a emotividade na linguagem e revela o seu caráter monológico. Para respaldar sua análise, a autora busca os pressupostos teóricos de Bally (1949), que afirma o comprometimento da linguagem com a expressão dos afetos, interesses e projetos pessoais, e de Jakobson (1969), para quem a interjeição representa “o extrato puramente emotivo da linguagem”.

É com base no trabalho de Jakobson que a autora formula a hipótese de “um resíduo monológico da linguagem”, ou seja, existem enunciados que não instituem a relação eu-tu na linguagem, enunciados que não comprovam a natureza dialógica da linguagem tão defendida pelas mais recentes teorias linguísticas. Segundo Martins (1991), essa insistente classificação das gramáticas é um indício de que sua reflexão está no caminho certo.

A autora propõe uma definição das interjeições como enunciados que não apresentam estruturas frasais, ressaltando a característica formal e semântica desses elementos. Além da definição, classifica as interjeições, as que pertencem ao paradigma de “Bravo!”, como intersubjetivas, porque são enunciações que propiciam uma resposta do interlocutor; já as interjeições do tipo de “Ai!” e “Oh!” são classificadas como não intersubjetivas, porque não criam um contexto de compreensão que exija uma resposta linguística do interlocutor. Com esses exemplos, a autora parece aproximar-se do termo diálogo, bem diferente de dialogia.

Para reforçar a tese da existência de uma categoria de interjeição não intersubjetiva, principal objetivo de seu trabalho, Martins (1991, p. 172) busca orientação na teoria de Austin (1962) e defende que a enunciação de uma interjeição como “Oh!” não constitui um ato ilocucional “por faltar-lhe o nível da ação locucional, o do sentido e da referência, isto é, o nível da significação”. Segundo a autora, esse aparato teórico confirma a existência de um resíduo monológico na linguagem.

Mesmo reconhecendo os eventuais méritos desse trabalho, essa ideia contraria as teorias sociointeracionistas, de grande repercussão e devidamente comprovadas na Linguística, que defendem o caráter dialógico da linguagem. Portanto, esse aspecto monológico da interjeição não encontra respaldo neste trabalho, tendo em vista que o objetivo é mostrar o funcionamento interativo da interjeição.

Outra unanimidade entre os gramáticos é a quantidade de páginas dedicadas à interjeição: uma ou duas páginas. Segundo Almeida (1965, p. 335), “muito pouca importância tem essa categoria; além da divisão e de algumas notinhas, nada mais há que sobre ela dizer”.

Há também divergências entre os autores, principalmente em relação à sua classificação. Segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), estabelecida em 1959, a interjeição é apresentada como a décima classe de palavras, entre as invariáveis.

De acordo com essa orientação, a maioria dos gramáticos enquadra a interjeição como uma classe de palavras. Assim diz Sacconi (1982, p. 207): “classificamo-la entre as demais classes porque não pretendíamos fugir ao que preceitua e classifica a NGB”, mesmo acreditando que as interjeições sejam frases implícitas. Autores como Almeida (1965), Bueno (1968) e Bechara (2001) também classificam as interjeições como uma classe de palavras.

É difícil entender a concepção de interjeição em Bueno (1968, p. 157), uma vez que para o autor essa categoria não é propriamente uma palavra, embora a tenha apresentado entre as classes de palavras, ao mesmo tempo em que não a entende como uma frase sintetizada. Para o gramático, nem sempre que se diz “Fora!” estar-se querendo dizer “Ponha-se fora daqui!”. Além disso, uma simples exclamação como, “Ah!”, “Oh!”, pode representar diferentes movimentos: de admiração, de desprezo, de raiva.

Cunha (1976) considera a interjeição como um vocábulo-frase, não podendo, por isso, ser incluída nas classes das palavras (substantivo, adjetivo, verbo, numerais e advérbio de modo) nem nas classes dos vocábulos gramaticais (artigo, pronome, conjunção e preposição).

Bechara (2001, p. 330), embora apresente a interjeição como uma classe de palavras, ao destacar a autonomia sintática, defende que as interjeições “constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com

elas constituir unidades complexas”. Acredita-se que o termo unidades complexas refira-se a locuções interjetivas.

Almeida (1965, p. 335) usa um termo modalizador ao dizer que a interjeição pode desdobrar-se numa oração. Para isso, diz que a interjeição “Socorro!” equivale à oração “Acudam-me!”.

Como pode ser visto, a definição da interjeição é muito controversa e nebulosa nas gramáticas normativas. Nenhum autor apresenta com precisão traços formais ou aspectos funcionais que classifiquem a interjeição como uma palavra ou como uma frase. Por sua vez, as gramáticas descritivas mais contemporâneas e com fundamentação em teorias linguísticas nem mencionam a interjeição<sup>20</sup>.

Propositadamente, deixou-se para o final a apresentação da ideia de Said Ali (1966) porque se entende que o autor mostra uma concepção que, embora formulada na década de 1920, revela-se mais autônoma e reflete o uso contextualizado da interjeição, já que os gramáticos investigados não citam exemplos reais, ou seja, retirados de textos escritos ou falados.

Said Ali (1966, p. 275) apresenta as interjeições, assim como as orações exclamativas e o vocativo no tópico intitulado de “Linguagem afetiva”. Com isso, observa-se uma tentativa de agrupar fenômenos que, para ele, têm funcionamentos semelhantes. Dessa forma, construções como “Ora essa!”, “Pois não!” são frases exclamativas que foram reduzidas, pelo uso frequente, a fórmulas cristalizadas, repetidas pelos falantes sem o conhecimento de como eram pronunciadas anteriormente. Para exemplificar, cita o termo “Oxalá!” que veio do árabe “Em shâ allah” e significa “Se Deus quiser”.

Já as interjeições do tipo “Oh!”, “Ah!”, “Ai!” são entendidas sob dois aspectos: se significam um grito involuntário expressando dor, espanto etc., então não fazem parte do domínio da linguagem; se apresentam um propósito interativo, ou melhor, usando as palavras do autor, “se os mesmos gritos são utilizados de propósito para impressionar melhor o indivíduo ouvinte e provocar nele a sensação que tais gritos costumam provocar” (SAID ALI, 1966, p. 276), então terão o valor de uma proposição, mas não pode ser decomponível em sujeito e predicado. Em exemplos retirados da Bíblia, o autor mostra que a interjeição “ai de vós”, em “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Devorais as casas das viúvas, fingindo fazer longas orações. Por isso, sereis castigados com muito mais rigor” (Mateus 23, 14), tanto indica uma avaliação desfavorável a respeito da sorte de alguém quanto expressa um

---

<sup>20</sup> Foram consultadas a *Gramática Descritiva do Português*, de Perini (2001), e a *Gramática de Usos*, de Neves (2000).



sentimento de pesar do falante, de quem enuncia a frase. Nesse caso, a interjeição tem função de modalização.

Assim como identifica a possibilidade da interjeição servir de expressão a uma ideia quanto a um sentimento, Said Ali (1966, p. 276) também aponta um uso consciente da interjeição para causar determinado efeito de sentido:

Digno de exame é o modo fácil com que o homem se utiliza das vozes ou gritos que involuntariamente costuma pronunciar em certos momentos e, moderando-lhe a tonalidade, os incorpora refletidamente nos seus discursos, a fim de obter efeitos de expressão que não conseguiriam com os sós recursos da linguagem comum.

Observa-se que a descrição proposta por Said Ali (1966) revela um funcionamento discursivo da interjeição. O gramático admite a possibilidade de a interjeição assumir mais de uma função, além de expressar a preocupação de classificá-la como frase exclamativa ou proposição sem ser decomponível em constituintes oracionais. Apesar de encontrado um autor que defenda uma posição que será assumida neste trabalho, o problema da classificação da interjeição não foi solucionado.

Na breve discussão sobre expressões idiomáticas, Perini (2001) fornece uma pista para a classificação da interjeição. De forma bem resumida, o referido autor diz que expressões como “bater as botas”, “a olhos vistos” não podem ser consideradas frases ou simples sintagmas, porque, na fala, não podem ser interrompidas por pausas ou hesitações, como em “Cidinha bateu é é é ... as botas”, uma vez que deixaria de significar Cidinha morreu. As expressões idiomáticas também não aceitam outro termo intercalado como “Cidinha bateu rapidamente as botas” ou alterações como “Cidinha bateu a bota”. Ainda é possível flexionar o primeiro elemento como em “Bateram as botas” e também é aceitável “a olhos vistos” e “a olho visto”.

As locuções interjetivas têm um comportamento formal semelhante. Por exemplo, locuções interjetivas como “Ora bolas!”, “Minha nossa senhora!” não aceitam termos intercalados, interrupções e nenhum tipo de alteração em seus termos isolados. Portanto, também não poderiam ser chamadas de frases.

Apesar da semelhança formal, a interjeição difere-se da expressão idiomática no que diz respeito ao significado, ao conteúdo informacional. A expressão “Cidinha bateu as botas” significa que alguém morreu, já não é possível apontar o conteúdo informacional da expressão “Minha nossa senhora!”, apenas pode ser destacada a ideia de espanto ou sua função interacional na conversação.

Definitivamente, reconhece-se a dificuldade de classificar a interjeição, principalmente devido às suas formas de apresentação. Afirmar que expressões, como “Viche Maria!”, “Minha nossa senhora!”, “Puxa vida!”, “Ora Bolas!”, são frases exclamativas cristalizadas é bastante razoável, até por conta de sua extensão. Ao contrário, é mais difícil aceitar que construções como “ah!”, “oh!”, “pô!” sejam frases. Dessa forma, o problema da classificação continua sem resposta.

Descartada a classificação da interjeição como expressão idiomática e como não há consenso se a interjeição é palavra ou frase sintetizada, pode-se investigar a relação entre os marcadores conversacionais e as interjeições. Castilho (2002) cita que os marcadores são descritos parcialmente nas gramáticas normativas como palavras expletivas ou denotativas, expressões de realce. Além disso, são apontadas as características: a) os marcadores conversacionais são sintaticamente independentes do verbo; b) são formados por um item lexical ou mais de um e até por termos não lexicais; c) monitoram a conversação e organizam o texto; d) podem aparecer no início, no meio e no fim da unidade discursiva; e) não possuem conteúdo informacional.

Castilho (2002) enfatiza que não há classes gramaticais específicas para os marcadores conversacionais. É possível encontrar palavras como “agora”, “então”, “aí”, “mas”, até mesmo verbos e adjetivos que, como marcadores, podem assumir um funcionamento interacional. Antes dele, Marcuschi (1989, p. 290) disse: “elementos de todas as classes gramaticais e formas sintáticas podem em princípio funcionar como MCs [...] Isso significa que não é pela classe gramatical que identificamos os MCs, mas pela função que aquela forma tem na interação”.

A sistematização dos marcadores em classes (simples, composto, oracional e prosódico), proposta por Marcuschi (1989, p. 290), fornece pistas para a relação entre o marcador conversacional e a interjeição. Entre as classes que compõem os marcadores simples estão as interjeições, os verbos, os advérbios, as conjunções, os pronomes etc., ou seja, as classes formadas por um lexema ou pára-lexema. Os marcadores compostos são definidos como “de caráter sintagmático, com grande tendência à estereotipia e com pouca variação morfológica no tipo produzido”. Conforme essa definição, pode-se dizer que as interjeições formadas de um único lexema compõem os marcadores simples e as locuções interjetivas se encaixam entre os marcadores compostos.

Entretanto, essa sistematização não permite concluir que a interjeição é um marcador conversacional. Assim como não é possível afirmar que um verbo é um marcador em

situações do tipo “o compade de madrugada ia na casa do outro [...] sabe?”. É possível dizer que um verbo pode funcionar como um marcador na conversação.

Embora existam semelhanças entre marcador conversacional e interjeição como a posição, a forma, a independência sintática, somente é possível afirmar que a interjeição pode ser empregada na fala com uma função interacional, assumindo a posição de um marcador conversacional, o que será defendido e demonstrado neste trabalho.

Para confirmar a posição que marcador e interjeição são recursos linguísticos diferentes, apresenta-se, a seguir, um breve estudo de Marcuschi (2003), no qual o autor defende que as interjeições, assim como as hesitações e marcadores, são classes de funções discursivas características. Por ser o único fenômeno linguístico exclusivo da língua falada, é a função discursiva o que caracteriza a interjeição, não importando se ela é uma palavra, uma frase, se faz parte ou não de uma oração.

As interjeições não têm um *status* sintático definido porque podem aparecer no início de uma oração, no meio de uma citação, como objeto direto de um verbo *dicendi*. No entanto, o autor defende que a posição mais frequente da interjeição é o início e o final de orações<sup>21</sup>. Também admite que, independentemente da posição, a interjeição aparece isolada em termos estruturais e tem a função ilocucional de uma frase.

Do ponto de vista discursivo, a interjeição é empregada em contextos mais espontâneos, de maior vivacidade e relaciona-se mais com o envolvimento entre os falantes do que com a informação.

Quanto à diferença entre marcadores conversacionais, hesitações e interjeições, em relação à posição que ocupam numa estrutura sintática, o autor diz que a interjeição encabeça uma estrutura sintática com a qual não mantém relação sintática; a hesitação rompe uma estrutura sintática, e o marcador emoldura a construção sintática, mas não se insere nela.

No entanto, marcadores e interjeições ainda podem confundir-se quando se encontrarem em posição inicial. Talvez o verdadeiro parâmetro para diferenciá-los seja o tom indagativo, ausente na interjeição e presente no marcador, como destaca Marcuschi (1993, p. 232):

Um critério bastante claro (mas não categórico) que permite uma decisão geralmente clara quanto a não tomar uma expressão como interjeição é a marca prosódica em tom indagativo que nunca é usada em interjeições. Isso porque a interjeição não se volta para o ouvinte e sim para o falante ou, no máximo, para o conteúdo de sua proposição.

<sup>21</sup> No texto em análise – *Notas sobre interjeição* –, Marcuschi usa o termo oração e não unidade comunicativa, adotado por ele no texto sobre marcadores conversacionais em 1989.

Do ponto de vista interacional, as interjeições demonstram envolvimento e intenção do falante, atribuem naturalidade e espontaneidade ao texto; as hesitações não têm um valor interacional, e os marcadores exercem uma função interpessoal mais acentuada, relacionam-se tanto aos falantes, aos ouvintes, como ao conteúdo, têm funções e posições mais variadas que as interjeições e as hesitações.

Em relação às piadas que compõem o *corpus* desta tese, constatou-se que o **Evento 1**, composto por 33 piadas, apresentou a ocorrência de 100 interjeições, uma frequência média de 3,03 interjeições por piada, valor referente à quantidade de interjeições registradas em cada piada. Outras 50 ocorrências como ‘rapaz’, ‘bicho’, ‘oia’, ‘olha’, no momento duvidosas, não foram contabilizadas.

As interjeições mais frequentes foram ‘oh!’ e suas variantes ‘oh rapaz!’, ‘oh bicho!’ com 48 ocorrências. A interjeição ‘pô!’ foi empregada 13 vezes; ‘oxi!’ 14 vezes; ‘viche!’ e ‘viche maria!’ com 4 ocorrências e, em último lugar, agruparam-se alguns tipos como ‘ih!’, ‘ai ai amozinho!’, ‘ôi ôi meu Deus!’, ‘fi da peste!’, ‘é lasca!’, ‘porra!’, ‘oi!’, ‘ei moço per aí!’.

Já o **Evento 2**, composto por 8 piadas, apresentou 21 interjeições, com uma média de 2,06 interjeições por piada. Os tipos mais recorrentes foram: ‘ah!’ com 13 ocorrências; ‘oh!’ apareceu 4 vezes; e as demais ‘puxa vida!’, ‘pôxa!’, ‘ôh!’. O quadro, a seguir, organiza essas informações de maneira mais precisa e ajuda na sua visualização.

**Quadro 1 – EV1: 33 Piadas**

Quantidade de Interjeições	Frequência	Tipos Frequentes
100	3,03	oh!, oh rapaz!, oh bicho!, pô!, oxi!, viche!, viche maria!, ôh!, ôi!, ai!, ai amozinho!, ôi, ôi meu Deus!, fi da peste!, é lasca!, porra!, ei moço per aí!

Fonte: Autora, 2006.

**Quadro 2 – EV2: 8 Piadas**

Quantidade de Interjeições	Frequência	Tipos Frequentes
21	2,63	ah!, oh!, ôh!, puxa vida!, poxa!

Fonte: Autora, 2006.

Com esses dados, pode-se concluir que o **EV1**, mais descontraído, realizado num ambiente muito informal e composto por interlocutores com menor grau de escolaridade, narrando piadas que versam sobre temas como homossexualismo, infidelidade, preconceito racial, entre outros, apresentou o maior número de interjeições e tipos variados, inclusive com a presença de interjeições pejorativas. O **EV2**, por sua vez, realizado num ambiente acadêmico com alunos da pós-graduação, revelou um número um pouco menor de interjeições, como também tipos pouco variados e ausência de interjeições pejorativas.

Dessa forma, confirma-se a opinião de Marcuschi (1993) que a interjeição ocorre com muito mais frequência em textos espontâneos, ou seja, quanto mais informal a conversação mais possibilidade de sua ocorrência, embora os eventos que compõem este *corpus* não sejam exemplos de situações espontâneas. A seguir, encontram-se algumas análises que revelam o funcionamento da interjeição no gênero piada, de acordo com os critérios forma, posição, status sintático e função interacional.

Quanto aos aspectos formais, identificaram-se dois tipos de interjeições: **simples** – formados por um lexema como “oh!”, “ah!”, “oxi!”, “pô!”, “viche”, entre outros; **compostos** – formados por dois ou mais lexemas como “viche maria!”, “eita porra!”, “fi da peste!”.

No que diz respeito ao *status* sintático das interjeições nas piadas, verificou-se que é muito frequente a presença da interjeição após um verbo *dicendi*. No entanto, não é a interjeição o objeto do verbo, ela encabeça uma sentença que exerce a função de objeto direto. Como a piada realiza-se por meio de sequências do tipo textual narrativo, há com frequência a presença de verbos *dicendi* que anunciam a fala da personagem, o que caracteriza o discurso direto. As piadas abaixo (grifo nosso), já apresentadas anteriormente, exemplificam essa ligação da interjeição com o verbo.

#### Exemplo 19:

- 1 L2: aí o pivete de E. dissí... “mainha tem um homem dentro do guarda-roupa” aí o E olhô dissí “**oxi** dentro do guarda-roupa meu
- 3 filho?” aí a mulhé do E. dissí “não rapaiz é o rapaiz matando cupim” ... aí o E. foi achô de abri o guarda-roupa aí dissí “tá fazendo o que aí
- 5 moço?” “tô matando cupim” “**oxi** mais nu?” aí o cara olhô e dissí “**eita porra** ... comeu a minha roupa o cupim” ((risos))
- 7 L1: ((riu)) **pô** L. essa já é velha pô essa já velha já ... tem que renová ((riso))

#### Exemplo 20:

- 1 L3: ((riu)) é:: ó um sujeito queria fazer uma promessa ... uma promessa e tava precisando do determinado santo que ele queria lá não

- 3 vou dizer o santo porque não é: repare ele queria um santo e foi na  
 5 casa do santeiro sabe “eu queria... santo tal comprado santo tal pra  
 7 fazer minha promessa” ... aí o santeiro não tinha esse santo pronto e  
 disse “**puxa vida!** o que é que eu vou fazer ... o senhor venha daqui a  
 a meia hora” aí o o o que queria comprar que queria fazer a promessa  
 foi embora aí o santeiro não tinha material pra fazer tão rápido assim  
 9 pegou uma casca de melanci de abóbora e aí **pá** esculpiu o santo  
 ((gesto)) pintou tudo direitinho botou lá né? ... meia hora depois  
 11 quando chegou o:: o que o que ia fazer a promessa “cadê o meu santo  
 tá pronto?” ele disse ““tá tá pronto olha aqui” ... aí ele levou a a casca  
 13 o santo de casca de abóbora ((riu)) e botou lá e fez a promessa pá e tal  
 e foi ... como é: atendido na promessa só que o santo murchou ...  
 15 entendeu como é? murchou e aí ele foi reclamar com o santeiro ... **ó**  
**puxa olha** o seu santo o santo que comprei ... murchou ele  
 17 [  
 L4: ((gargalhada))  
 19 L3: disse “e o senhor fez a promessa?” ele disse “fiz” “e o senhor foi  
 valido quer dizer foi atendido?” “fui” “**ah::** então foi a força que ele  
 21 fez pra obrar o milagre”  
 L1, L4 e L5: ((gargalhada))

Essas duas piadas exemplificam diferentes posições da interjeição na estrutura sintática. Os dois eventos revelam que o lugar mais produtivo da interjeição na piada é o início da fala de uma personagem, após um verbo dicendi, mesmo que esse verbo não esteja explícito na fala, como comprova a interjeição “oxi!”, destacada no **exemplo 19**, que aparece duas vezes, uma delas depois do verbo “disse” e a outra sem o verbo, já que o narrador introduz a fala da personagem sem anunciá-la por meio do emprego de um verbo. Esse mesmo emprego acontece no **EV2**, como mostra o **exemplo 20**, com as interjeições “puxa vida!” depois do verbo “disse” (linha 6) e “oh puxa olha!” (linhas 15-16) sem a presença do verbo.

Se, de um lado, a interjeição aparece ligada a um verbo explícito ou implícito, por outro lado, no **exemplo 19**, a interjeição “pô” (linha 7) aparece independente sintaticamente do verbo. Além disso, há duas ocorrências no *corpus* em que a interjeição aparece isolada, figurando como uma intervenção de um locutor em forma de sobreposição de voz (eita porra oh! e oia!), constituindo um turno.

### Exemplo 21:

- 1 L2: aí o cara chegou aí o viadão chegou e disse eu sou muito sensível  
 ... aí o cara disse fique de quatro pé aí ... ele ficou o cara pô jogou a  
 3 cerveja aí disse eita cerveja é brama óia ... na bunda dele eita pêga  
 [  
 5 L1: **eita porra oh!**  
 L2: que: rapaz que cara sensível ... aí o cara já botou um palito assim  
 7 ele isso é um palito é Gina ... óia! ... aí

[

- 9 L1: palito Gina  
 L2: o cara foi foi botou a caneta ele disse caneta vermelha bic ... óia!  
 11 ... o cara rapaz que cara: aí pegou um café frio aí jogou ... jogar café  
 agora sem açúcar óia! ...  
 13 L1: **óia!** (riu)

No **exemplo 22**, a interjeição isolada (grifada) figura como complemento do verbo, compondo uma única fala da personagem. Destaca-se, nesse exemplo, a única ocorrência de dependência sintática entre a interjeição e outro sintagma, que ocorreu neste *corpus*.

**Exemplo 22:**

- 1 L2: outra coisa o cara foi viajá pra Brasília nunca tinha ido viajá oh ...  
 aí o piloto foi no meio da viagem anunciô disse... “oia todo mundo  
 3 pega o pára-queda e pule” aí o cara ficô que nem... o cara era gay  
 mesmo aí disse “**vichi!**”... não sobrou pára-queda nem pra ele nem pra  
 5 o piloto aí o piloto disse “nós dois oh! ((fez um gesto com as mãos)) aí  
 o viado disse “e dá tempo?” ((riu))  
 7 L1, L3: ((gargalhada))

Outras ocorrências bem frequentes são as interjeições acompanhando vocativo “oh bicho!”, “oh mulher!”, “oh rapaz!”, “ai ai amozinho!”, “ôi ôi meu deus!”, “oh meu barbudinho!” e “oh meu amigo!”. Nesses exemplos, parece que a interjeição e o vocativo compõem um sintagma tão significativo, do ponto de vista interacional e discursivo, que os dois precisam estar acompanhados.

A independência sintática torna-se mais evidente quando a interjeição aparece fora do discurso direto, ou seja, na fala do narrador da piada.

**Exemplo 23:**

- 1 L2: e o cara bicho ... o cara nunca tinha ... nunca tinha namorado aí os  
 cara disse “rapaz vamo pra zona bicho” ele disse “rapaz eu não vou  
 3 não” “bora rapaz a gente não recebeu o décimo bora?” aí levaram o  
 cara quando chegou lá aí chegou num putero a mulher doida pra  
 5 ganhar dinheiro disse “bora rapaz?” aí os caras “vai vai” aí ele foi **oh!**  
 ... aí quando a mulher deitou na cama que ficou lá na cama disse  
 7 “meu filho me lasque com esse negócio de mijar” aí o cara viu o  
 pinico aquele de aço ...  
 9 L1: ((riu))  
 11 L2: aí pegou e tum ((gesto)) na testa dela ... menino **oh!** mais foi um  
 corte que fazia medo **oxi!**  
 13 L1, L3, L4: ((gargalhada))

As interjeições grifadas não estão ligadas a nenhum termo anterior ou posterior. Portanto, conclui-se que as interjeições podem participar de um contexto sintático, posicionamento justificado pela singularidade da ocorrência da interjeição “vichi! no **exemplo 22**, e podem aparecer isoladas. Não é possível identificar uma função sintática para a interjeição como sujeito, objeto, adjunto, mas é possível afirmar que ela está ligada à sentença por uma relação interacional.

Do ponto de vista semântico, em casos como “oxi! a mulher já tá dormindo essa hora?” e “oxi! dentro do guarda-roupa meu filho?”, a interjeição manifesta uma ideia de espanto ou admiração sentida pela personagem, revelando, também, uma apreciação valorativa sobre o conteúdo expresso. No trecho “eita porra... comeu a minha roupa o cupim”, a interjeição é empregada justamente para apoiar ou configurar o clima de espanto da personagem que foi encontrada sem roupa pelo marido traído.

Na perspectiva da semântica formal, a interjeição é considerada vazia de significado, porque não tem referência nem valor de verdade, ou seja, não acrescenta um conteúdo informacional à proposição a qual se insere. Mas, no *corpus* em análise, a interjeição é tão significativa que sozinha compõe a fala da personagem em “[...] aí o cara ficou que nem o cara era gay mesmo aí disse “vichi” não sobrou pára-queda nem pra ele nem pra o piloto aí o piloto disse “nós dois oh” [...]”.

Verificou-se que a interjeição, compondo um vocativo, pode ser retirada sem prejuízo para a informação. Em “Oh seu garçom na sua casa tem mosquito?”, que pode ser parafraseado em “Seu garçom na sua casa tem mosquito?”, a diferença de informação entre essas sentenças, com ou sem interjeição, é pouco nítida. De outro modo, a interjeição reforça o chamamento e contribui para estabelecer a interação entre as personagens, além de garantir mais expressividade à proposição. A observação de outros exemplos confirma essa ideia: “oh mainha a senhora não disse que é feio falar com a boca cheia”; “ôh meu barbudinho ôh meu barbudinho... ôh meu barbudinho ôh”; “ôh boca santa”; “ôh doutor”; “Oh:: São Cristóvão cometi um pecado imperdoável”.

Já a interjeição “ah!”, muito empregada no **EV2**, sugere um sentido de negação ou indica hesitação, no sentido de dúvida, em querer contar o problema que a personagem enfrenta, conforme ilustra o exemplo a seguir:

**Exemplo 24:**

- 1 L4: disse que a:: ... tinha um camarada toda vez ia é de santo hein toda vez ele chegava na igreja meio dia né? aí chegava o padre **ah::**
- 3 “seu padre eu cometi um pecado imperdoável” (1) ... “diga meu filho



- 5 pra que eu lhe dê a sentença” “**ah::** só conto a São Cristóvão”(2) ...  
 6 aí dizia “mas meu filho” “é só conto a São Cristóvão” então todo dia  
 7 ele chegava lá meio dia “**ah::** seu padre ... cometi um pecado  
 8 imperdoável”(3) aí o padre dizia “diga meu filho para que eu lhe dê  
 9 a sentença” ... “**ah::** só conto a São Cristóvão” (4) aí no outro dia a  
 10 mesma história aí o padre “eu já sei” ... aí chamou o sacristão né?  
 11 “olha tem um fiel que vem aqui à igreja e:: ele disse que vem contar  
 12 os pecados mas só conta a São Cristóvão quando der meio dia você  
 13 se veste de São Cristóvão e sobe lá no altar” ... aí disse “tá certo” aí  
 14 quando foi meio dia o cara chegou lá “diga meu filho? qual o seu  
 15 problema?” “**ah::** seu padre eu cometi um pecado imperdoável ... **ah::**  
 16 só conto a São Cristóvão” ... “olhe meu filho vá ali naquele altar que  
 17 São Cristóvão vai aparecer” aí combinado né? ... quando deu meio  
 18 dia o sacristão né? Vestido de São Cristóvão subiu no altar ... “óh::  
 19 São Cristóvão cometi um pecado imperdoável” aí São Cristóvão  
 20 disse “diga meu filho pra que eu lhe dê a sentença” “**ah:** eu comi a  
 21 mulher do sacristão”(5) ((riu)) aí o sacristão ficou todo desconfiado  
 22 né?  
 23 [ ((risos))  
 24 L4: mas fez ... a parte dele né? aí o padre disse assim aí o Sacristão  
 25 “como é que foi lá?” “**ah::** como foi eu não sei sei que eu subi santo  
 26 e desci corno”(6) ((riu))  
 27 TODOS: ((gargalhada))

As interjeições identificadas pelos números (2) e (4) expressam uma negação da personagem em querer informar ao padre o pecado cometido, que poderia ser parafraseado em “Não... só conto a São Cristóvão”.

Já nas ocorrências (1) e (3), as interjeições revelam uma hesitação de a personagem querer contar o que se havia passado. No número (5), a personagem hesita em contar o adultério e, no número (6), a personagem, além de tomar conhecimento de que foi traída, ainda tem que informar o fato a uma terceira pessoa, o padre, o que se torna um constrangimento.

Em outras ocorrências como “ah meu amigo esse aqui não tem pena nem da mãe” e “ah meu amigo se conforme se elas fosse completas você estaria no céu”, a interjeição “ah”, embora esteja acompanhando o vocativo, não faz parte do vocativo, não está sendo empregada para chamar alguém, mas para indicar ou compor uma quebra de expectativa em relação ao que vai ser dito. Esses trechos apontados estão presentes em duas piadas apresentadas a seguir.

#### Exemplo 25:

- 1 L3: óh um ( ) ((riu)) um alemão um alemão chegou  
 2 chegou num hotel fazenda e ele só tinha visto tucano é: só por  
 3 fotografia coisa e tal mas ele viu lá um tucano na selva né? aí chegou  
 pro gerente do hotel disse “eu querer comprar: um animal que tem um

- 5 BICA GRÃNDE ASSIM:: ((gesto))” aí o gerente “mas que animal da  
 7 bixiga é esse né?” aí trouxe os animais “NÂONÂONÂO não é esse  
 não é um animal que tem uma BICA GRANDE” “ele disse então  
 deve ser um jegue”  
 9 TODOS: ((risos))  
 L3: trouxe o jegue “é esse o animal?” “não não não ... o animal te ma  
 11 bica grãnde mas tem pena” ele disse “**ah:: meu amigo esse aqui não  
 tem pena nem da mãe**” ((riu)) ... olha se puxá piada vai  
 13 L1: se puxá piada vai

### Exemplo 26:

- 1 L3: a: aí um cara bem sem vergonha ... morreu e foi pro céu pro  
 inferno chegou lá tinha uma festa uma safoninha boa ((gesto)) daí ele  
 3 ia passando na porta safoninha aqui é bom cada mulher bonita e ele  
 dançando parará papapá papapá ((dança)) e ele inxirido que ele era  
 5 sem vergonha aí ele pegou uma mulher vestida assim ((gestos))  
 mangas longas e tal vestido longo e ele levou pro canto da parede né?  
 7 quando Lúcifer ... não tava olhando ele levou pro canto da parede ôh  
 (andou em direção ao canto da sala)) levou pro canto da parede  
 9 TODOS: ((GARGALHADA))  
 L3: e ele e ele passou a mão na moça né? aí voltou danada da vida  
 11 “vem cá Lúciife ... que negócio danado as mulheres só têm carne daqui  
 pra cima (fez gesto com as mãos) ... o resto tudo é osso?” ele disse  
 13 “**ah: meu amigo se conforme se elas fosse completas você estaria  
 no céu**” ((riu))  
 15 TODOS: ((risos))  
 L3: “você ta no inferno né?”

Essa análise mostra que a interjeição não acrescenta conteúdo informacional à proposição; ao contrário, a interjeição contribui muito para o funcionamento discursivo e interacional do gênero piada.

No **exemplo 20**, do **EV2**, apresentado anteriormente, encontram-se duas locuções interjetivas “puxa vida!” e “oh puxa olha!”. A segunda é constituída por elementos que não são combinados com frequência, mas que talvez foram reunidos pelo locutor para dar mais intensidade ou por uma questão de planejamento na escolha do termo, acabando por reunir três expressões que são usadas separadamente.

Nas sequências “Puxa vida o que é que eu vou fazer?” e “Oh puxa olha o seu santo”, as locuções interjetivas poderiam ser retiradas e o conteúdo informacional não seria alterado, continuando a indagação “O que é que eu vou fazer?”. No entanto, a presença da interjeição “puxa vida!” dá mais vivacidade à fala, faz crer que a personagem realmente se encontra incomodada com a possibilidade de não adquirir uma imagem de santo para fazer a promessa. Dessa forma, a interjeição expressa a sensação de espanto ou talvez preocupação que poderia ser parafraseada como “E agora, o que é que eu vou fazer?”

Na piada do **exemplo 27**, do **EV2**, a seguir, a interjeição “pôxa em pôxa lá no inferno tem mulher né?” E “pôxa acho que o inferno é bom tem... mulher” revela que a interjeição não é um fenômeno meramente descartável. Se assim fosse, ela não apareceria nessa posição tão frequente nas piadas que é o início da fala da personagem. O narrador, ao fazer uma citação, ao introduzir o discurso direto, emprega de imediato uma interjeição para caracterizar a personagem, para envolver o interlocutor na piada que está sendo narrada. O conteúdo informacional é a constatação de que existe mulher no inferno. A presença da interjeição torna explícito o descontentamento por não se encontrar lá.

**Exemplo 27:**

- 1 L4: O CAMARADA QUANDO MORREU foi pro paraíso né? e o  
 3 paraíso era assim era cercado (gesto) né? tipo um estádio de futebol  
 5 assim círculo né? fechado e do lado de fora era o inferno ... só que lá  
 5 o paraíso né? tranquilida:de e do lado de fora né? só ouvia aquilo “ói  
 ela ói ela”  
 L3: “lá vem ela”  
 7 L4: “lá vem ela” aí ele disse “pôxa lá no inferno tem mulher né? ... o  
 9 pessoal lá curte aqui eu não faço nada ... fica só essa monotonia” aí  
 9 todo dia quando dava meio dia ele ouvia né? “ói ela lá vem ela lá  
 vem ela” ... ele dizia “pôxa acho que o inferno é bom tem mulher”  
 11 ((riu)) aí é: “aqui não tem nada todo dia quando dá meio dia ela vem  
 e tal ói ela ói ela lá vem ela tá eu acho que eu vou pro inferno que lá  
 13 tem mulher” ... aí quando foi no dia ele resolveu pular né? ... foi  
 pulou o muro quando caiu caiu num tonel de merda ((riu))  
 15 L1 e Doc: ((risos))  
 L4: e ela era uma gilete uma lâmina enorme e quando vinha todo  
 17 mundo tinha que abaixar ((rindo))  
 L1 e Doc: ((risos))  
 19 L1: essa eu sabia

Por último, ficou a apresentação da posição assumida pela interjeição na unidade discursiva (UD), visto ser essa unidade adequada para a análise dos processos envolvidos na produção e no funcionamento do texto oral. “Essas unidades são recortes discursivos funcionalmente caracterizados e internamente compostos de padrões sintáticos de natureza diversa como, por exemplo, uma ou várias orações ou até mesmo parte de oração” (MARCUSCHI, 1989, p. 288). A segmentação das unidades discursivas é controversa, problemática e corresponde a uma compreensão do texto. Certamente, outra interpretação determinará outro recorte do texto. Segundo Castilho (2002, p. 65), uma boa pista para a segmentação das unidades discursivas é a presença dos marcadores conversacionais. Adotando a proposta de Castilho, as unidades discursivas dos exemplos que serão analisados,

a seguir, estão representadas por um número entre parênteses, como adotamos no **exemplo 24**.

**Exemplo 28:**

- 1 L2: ((riu)) (1) rapaz ignorância da peste ((riu)) (2) aí aí casô três  
filhas do cara ... (3) aí o cara deu uma festa da peste (4) **eita** festa  
3 bonita o cara fez ... (5) casa grande né? interiô o cara fazendeiro aí  
casô as três filhas no mesmo dia ... (6) aí quando foi de noite a lua-  
5 de-mel na mesma casa casarão né? casa grande (7) aí a veia foi escutá  
**oh** ... (8) aí uma ria que só ... (9) aí a veia disse “**oh** o negócio aí tá  
7 bom a menina tá rindo” ... (10) aí foi no quarto da outra (11) a outra  
gritava que só... bicho ... cada grito qui:: cada grito que fazia medo ...  
9 (12) aí a veia disse “**viche maria** o negócio aí tá brabo” ... (13) aí a  
veia foi no quarto da outra (14) a outra ... calada ... aí ela disse “**oxi** o  
11 negócio aí tá feio minha filha tá calada” ... (15) aí quando foi no  
outro dia os caras foram trabalhá né? na fazenda ... (16) aí a veia foi  
13 ... no café da manhã né? quando os homem saiu a veia disse “você  
tava danada ontem gritando” (17) “**oxi** era uma dor mainha” **oia** a  
15 menina disse ... (18) “e você só dava pra ri né?” ... (19) “é uma  
cosca... fazia uma coscazinha aí eu tinha que ri né?” (20) “e você tava  
17 tão calada” (21) ela disse “**oh mainha** a senhora não disse que é feio  
falá com a boca cheia” ((riu))

Observou-se, no *corpus* deste trabalho, grande ocorrência da interjeição no início da unidade discursiva, principalmente introduzindo uma fala da personagem. Das vinte piadas selecionadas para análise do aspecto posição, apenas duas não apresentaram interjeições encabeçando uma citação. Isso ocorreu no **EV2** que continha a participação de alunos da pós-graduação.

O emprego da interjeição no início da citação, da fala da personagem, é intencional. As unidades (9) (aí a veia disse “**oh** o negócio aí tá bom a menina tá rindo”), (12) (aí a veia disse “**viche maria** o negócio aí tá brabo”), (14) (a outra ... calada ... aí ela disse “**oxi** o negócio aí tá feio minha filha tá calada”), (17) (“**oxi** era uma dor mainha” **oia** a menina disse ... (18) “e você só dava pra ri né?”) e (21) (ela disse “**oh mainha** a senhora não disse que é feio falá com a boca cheia”) são citações iniciadas por interjeições, entre elas a interjeição **oh**. Pode-se entender que a interjeição constitui um recurso importante para que o falante/narrador crie o “clima da piada”. O L2 dá vivacidade à narrativa, envolve o interlocutor na narração, cria um suspense necessário para provocar o riso.

A piada, em estudo, também exemplifica a ocorrência da interjeição **oh**, expressão bastante recorrente nos dados colhidos. De dez piadas selecionadas no **EV1**, apenas uma não continha essa interjeição. No **EV2**, essa expressão aparece em quatro piadas. Por algum

motivo, o informante do primeiro evento sentiu uma grande necessidade de empregá-la. Diante disso, selecionou-se essa interjeição para análise.

Em relação à posição, verificou-se que a interjeição **oh**, por exemplo, pode aparecer no início e no fim de uma unidade comunicativa destinada a representar uma fala da personagem. Isso pode ser visto na unidade (9) “aí a veia disse ‘**oh** o negócio aí tá bom a menina tá rindo” e numa unidade retirada de outra piada “compra aquela bomba que faz ((gesto)) de matar mosquito **oh**”. A ocorrência dessa interjeição no final da citação é menos frequente do que no início da citação. Uma outra piada, apresentada anteriormente, pode ilustrar melhor.

**Exemplo 29:**

- 1 L1: (1) outra coisa o cara foi viajá pra Brasília (2) nunca tinha ido viajá  
**oh** ... (3) aí o piloto foi no meio da viagem anunciô disse “**oia** todo  
 3 mundo pega o pára-queda e pule ...” (4) aí o cara ficô que nem um o  
 cara era gay mermo aí disse “**vixi**” (5) não sobrô pára-queda nem pra  
 5 ele nem pra o piloto (6) aí o piloto disse “nós dois **oh** ((fez um gesto  
 com as mãos))” (7) aí o viado disse “e dá tempo?” ((riu))

Essa piada revela mais uma vez a presença da interjeição na citação com a função de contribuir para um modo de comunicação próprio das piadas. Destaca-se como uma ocorrência mais interessante o emprego da interjeição **oh** na unidade (6) no fim de uma citação e acompanhada de um gesto. Pode-se dizer que, nesse e em outros contextos, a interjeição **oh** e **oia** são intercambiáveis. Com toda certeza, a ausência da interjeição **oh** faria uma falta enorme se deixasse de acompanhar o gesto. Marcuschi (1993, p. 229) corrobora essa ideia quando diz que interjeições como **pô, oba, êpa, oh, ô, ah, pá, eita** etc. “são sons adequados para expressar intenções de forma imediata, criando assim a tipicidade funcional do fenômeno”.

Bem mais frequente é a sua ocorrência na fala do narrador, tanto em posição inicial quanto final. É na posição final, na fala do narrador, que a interjeição confunde-se com o marcador conversacional. Assim, na unidade (2) da última piada “nunca tinha ido viajar **oh**”, a interjeição **oh** poderia ser substituída pelo marcador **né?, sabe?, entende?** ou outro semelhante que tem a função de buscar a aprovação do ouvinte. Apenas, nessa posição final, a interjeição **oh** pode ser substituída por **né**.

Na posição inicial da unidade comunicativa, tanto na fala do narrador quanto da personagem, a interjeição **oh** pode ser substituída por **oia** como mencionado anteriormente. Enquanto o informante do **EV1** diz **oia**, os informantes do **EV2** dizem **olha**. Talvez a variante

de língua utilizada por esses informantes tenha limitado a presença das interjeições como também propiciado a diferença linguística.

Essa breve análise mostra que o emprego das expressões interjetivas vai muito além da manifestação de espanto ou admiração. Na verdade, o conteúdo informacional é pouco relevante, uma vez que o que predomina é a função discursiva, responsável pelo envolvimento dos interlocutores na produção desse gênero comunicativo que é a piada.

As interjeições podem ocupar qualquer posição na unidade comunicativa; no entanto, pode-se dizer que sua ocorrência maior é no início de uma citação ou no final da fala do narrador. Nessas duas posições, a interjeição está relacionada com a manifestação de uma posição pessoal ou com o estabelecimento do envolvimento. Por garantirem mais naturalidade e informalidade, as interjeições são típicas desse gênero textual. A análise revela também que a interjeição não se confunde com o marcador conversacional e, independente de sua classificação morfológica, assume uma função discursiva significativa no gênero piada.

#### 4 O GÊNERO DE TEXTO PIADA

O aumento de publicações de artigos, livros e traduções, além da produção de dissertações e teses, mostra que o interesse pelo estudo do gênero textual tem crescido no Brasil, tanto em relação ao seu ensino quanto ao seu uso em outras áreas de interesse.

Investigar essa área de estudo possibilita novas práticas educacionais que desenvolvam as habilidades comunicativas manifestas pelo uso de diferentes gêneros e o conhecimento crítico sobre práticas discursivas e sociais mediadas pela linguagem em diferentes contextos. Segundo Meurer e Motta-Hoth (2000, p. 10), a maioria das pessoas não tem ideia do poder e do impacto da linguagem no mundo contemporâneo e, por esse motivo, a formação relativa ao uso de textos e sua interação com o contexto onde ocorrem devem tornar-se uma prioridade na escola.

Embora se reconheça a existência de várias e diferentes formas de entender os gêneros, inclusive com flutuações terminológicas (gênero de texto/textual, gênero de/do discurso, gênero discursivo), concorda-se com Rojo (2005) quando diz que as designações gêneros de discurso (ou discursivo) e gêneros de textos (ou textuais) apontam objetos teóricos diferentes. Sob o título de gêneros textuais, podem ser nomeados os trabalhos de Marcuschi (2002), Bronckart (2003) e Adam (1999), porque se centram na descrição da materialidade textual, apesar de constar nesses trabalhos alguma menção a Bakhtin (1992). A expressão gêneros discursivos deve ser usada em trabalhos que privilegiam a orientação desse autor, ou seja, centrados na descrição das situações de enunciação em seus aspectos sócio-históricos, para depois buscar as marcas linguísticas (aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos).

Diante disso, este trabalho emprega o termo gênero de texto, em conformidade com a abordagem do Interacionismo sociodiscursivo, representado por Bronckart (2003). Dessa forma, o gênero piada, objeto de estudo desta seção, está descrito de acordo com os três níveis principais da arquitetura textual (a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos).

Segundo Machado (2005), o conceito de gênero que se atribui ao referido autor não é isoladamente dele, mas deve ser visto de forma contextualizada dentro do Interacionismo sociodiscursivo, um quadro epistemológico, desenvolvido por um grupo de pesquisadores (BRONCKART, 1985, 1996, 2003; SCHNEUWLY, 1985; DOLZ, 1996, entre outros) da Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da

Universidade de Genebra, empregado no estudo da psicologia da linguagem e no ensino de línguas.

Essa teoria, seguida e divulgada pelo grupo de Genebra, tem como projeto fazer com que a psicologia considere as ações humanas em suas dimensões humanas e discursivas e, portanto, tenha uma concepção diferente sobre as relações existentes entre o mundo, o pensamento e a linguagem. Por isso, procura desvendar o surgimento e o funcionamento do pensamento consciente e sua relação com o mundo e a linguagem.

O trabalho de Bronckart (2003, p. 13) inscreve-se na psicologia da linguagem orientada pelos princípios epistemológicos do interacionismo social, uma vez que concebe a unidade linguística como uma conduta humana, produzida num processo de socialização: “é no contexto da atividade em funcionamento nas formações sociais que se constroem as ações imputáveis a agentes singulares e é no quadro estrutural das ações que se elaboram as capacidades mentais e a consciência desses mesmos agentes humanos”.

Utilizando os trabalhos de Vygotsk (1985, 1994, 1999), embora identifique algumas limitações, o autor mostra que o conhecimento surge das atividades coletivas mediadas pelas interações verbais. A capacidade de representação lógica do mundo é adquirida nas práticas acionais e discursivas.

Para mostrar as dimensões sociológica e histórica das condutas humanas, discorre sobre o surgimento da linguagem (agir comunicativo), os mundos representados (HABERMAS, 1987), as formações sociodiscursivas (chamadas por FOUCAULT (2000) de formações discursivas) e a intertextualidade.

Todas essas noções são acionadas e definidas ou redefinidas (nesse caso, as formações sociodiscursivas) para ajudar a compreender o papel dos gêneros na ação de linguagem. No caso específico da obra *Atividades de linguagem, textos e discurso* (2003), o autor apresenta um quadro teórico e metodológico que analisa as condições de produção dos textos, inclusive indicando os problemas de sua classificação e das operações em que se baseia seu funcionamento.

Bronckart (2003, p. 108) defende que a produção de texto é uma ação de linguagem que envolve o empréstimo do intertexto (o gênero como um protótipo) e a situação de ação em que se encontra o agente-produtor (singularidade). Essa interface gera um texto empírico que é sempre “um produto da dialética que se instaura entre representações sobre os contextos de ação e representações relativas às línguas e aos gêneros de textos”.

Nesse sentido, é muito importante entender a diferença entre atividade e ação. Sob o domínio da dimensão social e histórica da conduta humana, encontra-se a atividade de



linguagem, entendida como o lugar ou o nível mais amplo, mobilizado por um coletivo, no qual a linguagem organiza-se em discursos ou em textos.

O termo ação é compreendido como a unidade de análise da dimensão psicológica da conduta humana. Assim, a ação de linguagem é uma conduta atribuída a um indivíduo particular, produzida a partir de suas intenções, motivações e representações que tem das situações sociais. O texto empírico é a forma de materialização da ação de linguagem.

O termo atividade é mais amplo porque designa um agir mobilizado pelas intenções e motivações de um coletivo organizado. A atividade é constituída de ações, motivadas e orientadas por um sujeito particular, embora mantenha o estatuto social, porque tanto a atividade de linguagem como a ação de linguagem integram o quadro das atividades sociais.

Por isso, no nível da atividade de linguagem, situam-se os gêneros de textos, um conjunto de textos que serve de modelo de referência, sujeito a avaliações sociais. Esses modelos servem para produzir, por um agente-produtor, uma ação de linguagem que é propriamente um texto empírico, singular.

Dentro desse quadro, Bronckart (2003) adota uma perspectiva metodológica externa<sup>22</sup> para análise das condições de produção e do funcionamento dos textos. Inicialmente, ressalta a existência de uma variedade de espécies de textos que pode estar condicionada ao surgimento de novas motivações sociais, novas circunstâncias de comunicação ou a novos suportes de comunicação. Depois, destaca que essa diversidade de textos desencadeou um interesse pelo estabelecimento de classificações que, por sua vez, tornaram-se divergentes e superficiais.

As variações na classificação do gênero se dão em decorrência da possibilidade de empregar diferentes critérios, como o tipo de atividade humana (gênero literário, gênero científico), o efeito comunicativo (gênero épico, poético, lírico), o suporte utilizado (livro, artigo de jornal), o tema (ficção científica, romance policial, receita de cozinha). Além disso, a classificação pode diversificar em função da natureza fundamentalmente histórica dos gêneros, pois alguns tendem a desaparecer como o gênero épico, por exemplo, e outros gêneros surgem, como o e-mail, devido à presença de novos suportes, como a internet.

Por causa dessa mobilidade, é difícil categorizar um texto como pertencente a determinado gênero. Há gêneros claramente rotulados, como a resenha, a piada, dentre outros. Há os que não possuem contornos definidos, como a crônica, por exemplo.

---

<sup>22</sup> Em oposição a interno: estudo da língua enquanto sistema.

Assim, Bronckart (2003), num primeiro momento, afirma que o critério mais seguro e útil para classificar os gêneros é o das unidades e regras linguísticas específicas, já que os textos são constituídos por segmentos narrativos, dialogais, argumentativos etc., que apresentam certa estabilidade na organização sintática, no emprego de tempos verbais, de sequenciadores, entre outros recursos linguísticos, além de possuírem propriedades definidas.

Diante disso, Bronckart (2003, p. 75) adota a expressão **gênero de texto**, para designar um conjunto de textos que apresenta características relativamente estáveis, produzido em função dos interesses das formações discursivas e que se tornam modelos indexados para serem usados pelas gerações posteriores e texto é “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação)”.

Os segmentos que compõem os gêneros são chamados de **tipos de discurso**: “Na medida em que apresentam fortes regularidades de estruturação linguística, consideraremos que pertencem ao domínio dos tipos; portanto utilizaremos a expressão **tipo de discurso** para designá-los, em vez da expressão tipo textual” (BRONCKART 2003, p. 76, grifo do autor).

Apesar de considerar a existência dos tipos de discurso, o autor ressalta a singularidade dos textos. Embora todo texto singular seja necessariamente elaborado em referência aos modelos sociais dos gêneros e dos tipos, também se caracteriza por modalidades particulares de aplicação desses modelos, que decorrem da representação particular que o agente tem da situação em que se encontra. Nesse caso, as condições externas de toda produção de linguagem envolvem também a situação de ação do agente-produtor.

Categorizada a produção textual em gêneros de textos, tipos de discurso e texto empírico, Bronckart (2003) apresenta as ações que um sujeito realiza para produção de um texto. Essa descrição é chamada de **parâmetros materiais da ação de linguagem**.

O autor defende que um produtor textual recebe influências do contexto e do conteúdo para produzir um texto. Esses dois fatores exigem a mobilização de representações do sujeito sobre três mundos: o físico, o social e o subjetivo.

As representações do mundo físico, por exemplo, influenciam a produção de um texto oral ou escrito ao determinar o lugar e o momento de produção do emissor e do receptor. Essas determinações são reveladas no contexto de produção, definido como o conjunto de fatores que influenciam a organização de um texto.

Quanto ao mundo social e subjetivo, o contexto de produção manifesta os valores, crenças e as normas sociais e a imagem que o sujeito tem de si mesmo. Nesse caso, aponta o lugar social da produção do texto (escola, igreja, exército...), a posição social do emissor

(professor, pastor, padre, amigo...), a posição social do receptor e o objetivo da interação (ponto de vista do enunciador e o efeito que o texto pode produzir).

Bronckart (2003) ainda faz uma distinção entre o estatuto do emissor e do receptor (entidades físicas responsáveis pela produção e recepção dos textos que representam o ponto de vista do mundo físico) e do enunciador, também chamado de emissor-enunciador, agente-produtor ou autor (refere-se ao papel social assumido pelo emissor na produção de um texto, representando o ponto de vista sociosubjetivo).

O conteúdo, também denominado de referente, é definido como o conjunto de informações apresentadas no texto. Não há relevância na distinção do conteúdo, em relação aos três mundos formais, posto que um texto pode ter como tema um objeto, um ser do mundo físico (descrição de um animal, de uma casa...), pode discutir um tema referente ao mundo social (valores e normas de convivência na sociedade moderna) e pode apresentar temas de natureza mais subjetiva.

Assim como os parâmetros do contexto, as informações constitutivas do conteúdo temático são representações construídas pelo agente-produtor. Trata-se de conhecimentos que variam em função da experiência e do nível de desenvolvimento do agente e que estão estocados e organizados em sua memória, previamente, antes do desencadear da ação de linguagem (BRONCKART, 2003, p. 97-98).

A ação de linguagem, enquanto unidade psicológica, pode ser definida como a mobilização, por um agente, dos parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático para fazer uma intervenção verbal.

Dessa forma, para descrever uma ação de linguagem basta identificar os valores que foram atribuídos a cada parâmetro do contexto e ao conteúdo temático expresso no texto, sem fazer necessariamente menção aos aspectos linguísticos do texto, isto é, sua estrutura. Ver-se-á, a seguir, a ação de linguagem que constitui o gênero piada a partir da descrição dos parâmetros do contexto de produção e do conteúdo.

No **EV1**, o locutor 1, (L1), no papel social de gerente de uma empresa de transportes, convida três funcionários de um mesmo setor para sair após o expediente com um objetivo: gravar a narração de piadas que, posteriormente, será objeto de estudo acadêmico. Os quatro indivíduos dirigem-se a uma barraca de venda de churrasquinhos, situada numa rua da periferia, num dia à tarde, e iniciam uma ação de linguagem, na modalidade oral, que vai se materializar numa conversa informal face a face. Durante a conversa que versou sobre vários temas ligados ao cotidiano do trabalho, L1 gravou sessenta minutos de piadas,

proferidas somente pelo L2 no papel social de funcionário subalterno de L1 e reconhecido por todos como exímio contador de piadas.

No EV2, uma mulher, no papel social de aluna de pós-graduação em Linguística, reúne três colegas e a professora de uma disciplina, cursada por todos, em uma sala da pós-graduação, após o término da aula, com o objetivo de gravar a narração de algumas piadas. Todos os participantes conheciam esse objetivo. Na gravação, regulada pela mulher, identificada como L1, três participantes intercalavam-se na narração de piadas, durante vinte minutos. A professora apenas as escutou.

No espaço e no tempo em que essas situações de ação de linguagem específica aconteciam, os destinatários eram os interlocutores da conversação. Além disso, o texto empírico é a conversação face a face da qual a piada faz parte. Então, o objeto de estudo piada, na modalidade oral, será tratado como gênero, mas entendendo que este se insere num evento comunicativo que também se classifica como gênero conversação. Essa relação será mostrada posteriormente.

Além dos parâmetros do contexto de produção ou situação de ação, Bronckart (2003) mostra que a arquitetura interna dos textos contém três níveis: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Essa descrição baseia-se na análise das propriedades linguísticas, que possibilitam identificar as configurações e estruturas de cada nível, como também conceituar as operações psicológicas em que se fundamentam os fenômenos linguísticos.

A infraestrutura geral do texto é o nível de organização mais profundo constituído pelo plano geral do texto (refere-se à organização do conteúdo), pelos tipos de discurso (diferentes segmentos que compõem o texto), pelas modalidades de articulação entre os tipos de discurso (encaixamento, fusão de segmentos) e pelas sequências (modos de planificação de linguagem – sequências narrativas, descritivas, explicativas, argumentativas, dialogais e injuntivas, além dos *scripts* e das esquematizações).

Os mecanismos de textualização são formas linguísticas de organizar o conteúdo garantindo a progressão temática e, conseqüentemente, a coerência do texto. Elementos de conexão, representados pelas conjunções, elementos responsáveis pela retomada ou substituição de termos e informações, representados por sintagmas nominais, pronomes e tempos verbais, são exemplos de mecanismos de textualização, ou seja, são organizadores textuais que explicitam as relações lógicas, espaciais, temporais que estruturam a informação do texto, além de garantirem a unidade temática e sua progressão.

E, por último, encontram-se os mecanismos enunciativos responsáveis pelos posicionamentos enunciativos (avaliação) e pela orientação interpretativa prevista para o destinatário. Esses mecanismos nem sempre estão explícitos no texto, cabendo ao leitor fazer inferências, mas podem também estar manifestos no uso de alguns pronomes, certas construções nominais e modalizações.

#### 4.1 Os Mundos Discursivos e os Tipos de Discurso

Na descrição do nível da infraestrutura, é preciso retomar algumas concepções apresentadas anteriormente. Na perspectiva socio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem. As formações sociais produzem diferentes textos, segundo seus interesses e objetivos, com características relativamente estáveis que justificam seu agrupamento em gêneros que, por sua vez, encontram-se indexados como modelos para gerações posteriores. Apesar desse modelo, todo texto empírico é resultado de um trabalho único, fruto da junção do modelo com as especificidades das representações de um agente particular.

Bronckart (2003, p. 138), assim como muitos outros autores, acredita que há uma dificuldade de classificação dos gêneros de forma racional, estável e definitiva, porque são em número infinito, porque os critérios, como veículo de suporte, processos cognitivos mobilizados, conteúdo, objetivo etc., são pouco delimitáveis e, por último, porque não se pode propor uma classificação que se baseie apenas nas unidades linguísticas, uma vez que apresentam regularidades e organização.

Essas unidades linguísticas são segmentos empiricamente observáveis, em número limitado, que constituem os gêneros. Por serem formas específicas de semiotização, por revelarem a construção dos mundos virtuais, Bronckart (2003) chama-os de tipos de discurso.

Os tipos de discurso traduzem ou expressam o mundo discursivo (oposto do mundo ordinário) e são constituídos por operações psicológicas, denominadas de arquétipos psicológicos e por propriedades morfossintáticas e semânticas particulares, chamadas de tipos linguísticos.

Assim, distingue o mundo da ordem do **Narrar**, no qual o conteúdo é organizado de forma a revelar uma origem espaço-temporal disjuncto do tempo real do mundo da ordem do **Expor**, no qual os fatos são organizados e expostos numa relação conjunta com as coordenadas gerais do mundo da ação de linguagem em curso.

Os mundos do **Narrar** e do **Expor** ainda podem ser agrupados em relação à implicação e autonomia que o texto tem com os parâmetros da ação de linguagem (ter acesso ou não às condições de produção). Assim, têm-se quatro mundos discursivos: o mundo do **Expor** implicado e autônomo; o mundo do **Narrar** implicado e autônomo.

Observando as piadas deste *corpus* sob o olhar dessas coordenadas, pode-se dizer que o gênero em questão organiza-se no mundo discursivo do **Narrar** implicado, uma vez que o interlocutor relata acontecimentos distantes de nossa realidade, mas pontua as ações indicando tempo, lugar, descrevendo personagens e interagindo com os interlocutores.

Esses mundos são semiotizados por meio de formas linguísticas específicas de uma língua determinada, que são os tipos linguísticos (discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração), enquanto os arquétipos são operações psicológicas universais. Para esclarecer bem essa distinção, Bronckart (2003, p. 156, grifo nosso) assim explica:

A expressão **tipo linguístico** designa o tipo de discurso tal como ele é efetivamente semiotizado no quadro de uma língua natural, com suas propriedades morfossintáticas e semânticas particulares. A expressão **arquétipo psicológico**, por sua vez, designa essa entidade abstrata ou **esse construto** que é o tipo de discurso, apreendido exclusivamente sob o ângulo das operações psicológicas ‘puras’, isto é, esvaziadas da semantização particular que necessariamente lhe conferem as formas específicas de recursos morfossintáticos mobilizados por uma língua natural para traduzir um mundo.

Do ponto de vista das propriedades linguísticas, o discurso interativo caracteriza-se pela presença de marcas da interação verbal como os turnos de fala, caso seja um diálogo, e de frases interrogativas e imperativas; o caráter conjunto-implicado do mundo discursivo revela-se por meio de alguns tempos verbais, pela presença de expressões dêiticas, a presença de nomes próprios e pronomes de primeira e de segunda pessoas.

O discurso teórico caracteriza-se pelo formato monólogo escrito e pelo caráter conjunto-autônomo do mundo construído, revelado pela forte presença do tempo presente e futuro do pretérito, pretérito perfeito com valor genérico, ausência de dêiticos espaciais e temporais, ausência de nomes e pronomes que apontem os sujeitos envolvidos na interação, presença de sequenciadores com valor lógico-argumentativo, presença de modalizações, entre outros recursos linguísticos.

O relato interativo é, em princípio, um discurso monologado que pode ser oral ou fazer parte de um texto escrito, como um romance ou uma peça de teatro. A característica do mundo discursivo disjunto-implicado revela-se por meio de alguns tempos verbais, pela

presença de organizadores temporais como advérbios, adjuntos adverbiais, pela presença de pronomes e adjetivos que remetam para os protagonistas da interação.

Por último, a narração é um discurso monologado e geralmente escrito. O caráter disjuncto-autônomo do mundo construído revela-se na presença dominante do pretérito perfeito e imperfeito, de marcadores espaço-temporais, na ausência de pronomes e adjetivos que remetam diretamente ao produtor do texto ou ao destinatário.

Embora classifique os tipos de discursos, Bronckart (2003) esclarece que essa classificação apresenta limitações porque os discursos possuem formas variantes, fronteiras e fusões. Assim, por exemplo, uma conversa face a face é classificada como discurso interativo primário; enquanto o diálogo inserido num romance ou numa peça de teatro é classificado como discurso interativo secundário.

O discurso teórico, por sua vez, é caracterizado como autônomo em relação ao mundo ordinário do autor e do destinatário. No entanto, há muitos exemplos de discurso teórico no gênero monografia, no qual é facilmente identificável a posição do autor. Portanto, é coerente afirmar que o discurso teórico tende a ser autônomo, com a tendência de serem identificados diferentes graus de autonomia.

As classificações dos tipos de discurso servem para identificar os modelos existentes, chamados de intertexto, e descrever seus funcionamentos, mesmo considerando a existência das fronteiras entre os discursos, as formas variantes e as possíveis fusões.

O produtor de textos segue os modelos que estão à sua disposição, embora cada produção tenha um caráter único, próprio de quem a produziu. Um agente-produtor mais experiente tende a fazer modificações no sentido de explorar os recursos da língua e termina alterando o modelo, não constituindo, necessariamente, num uso errado do modelo, mas consiste “num trabalho de reconfiguração das ações humanas e, portanto, um trabalho de reinterpretção da vida [...] Esse trabalho de transformação da vida pela transformação dos discursos constitui, evidentemente, uma das questões mais profundas do processo literário” (BRONCKART, 2003, p. 216).

Aplica-se essa proposta de descrição dos tipos de discurso em duas piadas, apresentadas em análises anteriores, que compõem o **EV1**. Essas piadas correspondem a dois turnos de um mesmo interlocutor (L2), transcritos de acordo com a organização de uma situação de fala, conforme se observa na terceira seção desta tese.

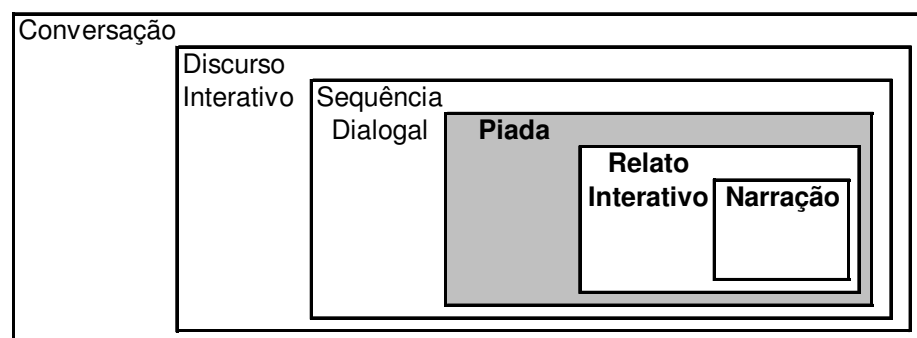
#### **Exemplo 29:**

1 L2: aí ... ficou lá o dia todinho comendo churrasco ... o pivete o cara

3 tinha um filho **C.** aí foi pra São Paulo o filho dele **óh** ... aí passou um  
 5 tempo dá porra em São Paulo aí o compade dele ia aí disse ... compade  
 7 vê lá como o meu filho tá em São Paulo porque ele não veio mais ... aí  
 9 o compade dele viajou aí quando chegou em São Paulo ... viu o filho  
 11 dele **né?** aí quando voltou com dois meses aí o compade foi encontrou  
 13 com o compade ... compade e o meu filho? ... meu compade ... seu  
 15 filho lá tá uma bonequinha danada virou gay mesmo ... aí o velho  
 17 ficou triste ... a mãe do também menino ficou triste ... aí quando foi  
 final do ano o pivete chegou **óh** ... quando desceu na cidade **né?** do  
 ônibus aí mami mami cadê papi? ... aí o pivete aí o: o pai dele foi tava  
 no roçado **né?** cadê papi? ... aí a mãe a mãe dele disse ... meu filho o  
 seu pai tá no roçado ... aí o pivete alegre pra ver o pai correu aí disse  
 ... eu vou .... tinha uns dezoito anos o menino **né?** eu vou vê o meu pai  
 ... papi tô com saudade do papi ... aí quando chegou no roçado o velho  
 tava ... limpando a roça **né?** ... aí disse papi tá puxando cobra pros pés  
 ... é melhor do que puxar pro cu.

Bronckart (2003, p. 246), ao discorrer sobre o estatuto dos planos de texto, defende que um texto pode ser composto por um único tipo de discurso ou por um tipo dominante e outro de forma encaixada. Com base nisso, é possível dizer que o gênero conversação é constituído pelo tipo discurso interativo que se planifica por meio de sequências dialogais. Essas operações realizam-se no mundo discursivo do **Expor**, ou seja, as representações mobilizadas organizam-se em referência direta à ação de linguagem em curso (mundo ordinário). No entanto, inserida nessa organização ou subordinada a essa forma de planificação encontra-se a piada. O diagrama, a seguir, ilustra essa sobreposição de gêneros numa relação hierarquizada.

**Diagrama 1 – O encaixamento de gêneros**



O diagrama mostra que a sequência dialogal da conversação corresponde a uma piada que se configura como outro gênero, que se desenvolve no mundo do **Narrar**, composto por outro tipo de discurso e de sequência.



Na medida em que o texto constitui um todo coerente, podemos identificar um tipo de discurso dominante (ou tipo principal) e tipos de discurso secundários (ou tipos menores) [...] Observamos, então, um duplo fenômeno de subordinação: de um lado, o mundo discursivo correspondente ao tipo menor constitui uma dilatação de uma das fases de planificação do tipo principal (BRONCKART, 2003, p. 247).

Essa citação autoriza compreender que, na sequência dialogal correspondente à piada, tem-se o tipo relato interativo planejado em sequências narrativas. Essa forma de organização somente é possível no mundo discursivo do **Narrar** (origem espaço-temporal disjuncto do real). Entretanto, essa organização textual bastante particular apresenta a inserção de um gênero em outro. A realização do tipo relato interativo dentro de uma sequência dialogal que faz parte do tipo discurso interativo é responsável pela composição de outro gênero, a piada.

A piada situa-se no mundo discursivo do **Narrar**, porque se refere a fatos puramente imaginários. Portanto, as representações mobilizadas organizam-se **disjuntas** do mundo ordinário. Por isso, observa-se a presença de personagens – “o filho”, “o pai”, “a mãe”, “o compadre”; indicações de lugar – “São Paulo”; e tempo – “um tempo da porra”, “dois meses” que, mesmo imprecisas, ajudam a criar o mundo no qual os acontecimentos serão relatados.

É possível perceber uma remissão aos parâmetros de ação de linguagem em trechos como “o cara tinha um filho C.”, em que C. é a inicial do nome de um dos interlocutores, identificado na transcrição como L1. Expressões como “né?”, “óh” também são dirigidas aos interlocutores para chamar ou assegurar a sua atenção, para manter um contato, garantir a audiência, a participação do interlocutor. Em outras piadas, observa-se a presença de elementos paralinguísticos como gestos e sons que estão totalmente relacionados com os parâmetros de ação de linguagem, o que faz concluir que o tipo linguístico é o relato interativo. A seguir apresenta-se mais uma piada que comprova esse posicionamento.

### Exemplo 30:

- 1 L2: outra coisa o cara **foi viajá** pra Brasília nunca **tinha ido viajá** óh ...
- aí o piloto **foi** no meio da viagem anunciô disse ... “oia todo mundo
- 3 **pega** o pára-queda e **pule**”... aí o cara **ficô** que nem ... o cara era gay
- mesmo aí disse “vixi”... não **sobrou** pára-queda nem pra ele nem pra o
- 5 piloto aí o piloto disse ... “nós dois oh” ((fez um gesto com as mãos)) aí
- o viado disse “e **dá** tempo?”

Nesse exemplo, o locutor ou o agente-produtor inicia com a construção “outra coisa”; em outras piadas, ele emprega a construção “o outro é o seguinte” que apenas faz sentido ou pode ser entendida no evento comunicativo como um todo. Além disso, a presença de

enunciados interjetivos como “vixi”, interrogativos como “e dá tempo?” e de gestos corroboram para a classificação do tipo **relato interativo**.

A observação dos tempos verbais na piada indica a frequência dos tempos pretérito perfeito, presente e imperfeito, nessa ordem de maior ocorrência. Na descrição de Bronckart (2003, p. 175, 178), o subsistema dos tempos verbais é muito semelhante nos tipos narrativo e relativo interativo. Os tradutores da obra de Bronckart (2003) acrescentam, em nota de rodapé (p. 201), que os segmentos de relato interativo e de narração apresentam o pretérito perfeito e o imperfeito como tempos de base na língua portuguesa. Dessa forma, o tempo verbal não é o critério mais seguro para classificar o tipo linguístico predominante no gênero piada.

A presença de organizadores espaço-temporais, como “São Paulo”, “Brasília”, “roçado”, “tinha uns dezoito anos o menino”, entre outros, dá-se tanto no relato interativo, quanto na narração, posto que ambos os tipos fazem parte do mundo discursivo do **Narrar**, cujas coordenadas são disjuntas do mundo ordinário, porque se referem a fatos passados ou futuros que sejam atestados, plausíveis ou imaginários. Assim, esses organizadores não diferenciam o relato da narração.

As anáforas nominais, pronominais e a repetição de itens lexicais também são características dos dois tipos. Portanto, a presença de unidades que remetem ou a objetos acessíveis aos interlocutores ou ao espaço e tempo da interação, identificadas nos **exemplos 29 e 30**, foi decisiva para classificar o tipo linguístico como relato interativo. Assim, defende-se que existe uma relação de implicação das instâncias de afetividade com os parâmetros materiais da ação de linguagem no gênero piada, na modalidade oral.

## 4.2 Formas de Planificação

Embora defenda que os tipos de discurso são os elementos fundamentais da infraestrutura geral dos textos, Bronckart (2003) também reconhece a importância da organização linear do conteúdo, produto do conhecimento de determinado tema que o agente-produtor tem, estocado em sua memória, e que disponibiliza ao produzir um texto. Essa forma de organização linear (também chamada de superestrutura textual) dá-se no eixo sintagmático. Os planos, esquemas e sequências são formas de organizar linearmente o conteúdo temático disponível na memória em forma de macroestrutura.

Diante disso, Bronckart (2003) apresenta resumidamente a teorização e a descrição técnica da noção de sequência, defendida por Adam (1992), que são as sequências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

A sequência narrativa tem como principal característica a presença de um processo de intriga que se desenvolve nas seguintes fases: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final. Algumas sequências narrativas podem apresentar as fases de avaliação e moral.

A sequência descritiva diferencia-se da narrativa por não organizar as fases, seguindo uma ordem obrigatoriamente linear. Dessa forma, a sequência descritiva é composta pela fase de ancoragem (introdução do tema), fase de aspectualização (enumeração das propriedades do tema) e a fase do relacionamento (por meio de comparação, os elementos descritos são assimilados a outros).

O raciocínio argumentativo realiza-se discursivamente em quatro fases: premissas (apresenta-se uma constatação, afirmação); argumentos (informações que orientam para determinada conclusão); contra-argumentos (restrição em relação à orientação argumentativa) e conclusão (integração dos efeitos dos argumentos e contra-argumentos).

A textualização do raciocínio explicativo apresenta-se distribuída em quatro fases: a constatação inicial (apresentação de um tema, de uma situação, de um objeto...), a problematização (explicitam-se as contradições suscitadas pelo tema, situação ou objeto por meio de perguntas), a resolução (apresentação de informações que respondam às questões colocadas na fase anterior) e a conclusão-avaliação (reformulação ou reafirmação da constatação inicial).

Finalmente, a sequência dialogal, específica dos discursos interativos dialogados, apresenta-se em forma de turnos de fala atribuídos a interlocutores que se encontram numa conversação (não necessariamente face a face). A sequência dialogal pode ter o seguinte protótipo: uma fase de abertura (Oi, como vai?), outra de transição (Você viu a Elza hoje?) e uma de encerramento (Tchau! Até logo!).

Para Bronckart (2003, p. 233), os protótipos podem até desempenhar um papel de modelo para o agente-produtor de um texto, mas não se constituem em modelos imutáveis, armazenados na mente dos usuários e que posteriormente sejam capazes de originar as sequências. Os protótipos são apenas construtos teóricos, elaborados secundariamente a partir da análise de sequências empiricamente observáveis nos textos. É uma forma de generalização de muitas e variadas práticas planificadoras que são observadas no intertexto. A escolha de um protótipo depende da decisão do agente-produtor orientada pelos objetivos da

produção e pela imagem que tem do destinatário. É por esse motivo que as sequências têm um estatuto fundamentalmente dialógico.

Por ser uma decisão do agente-produtor, Bronckart (2003) também apresenta as operações que fundamentam essas sequências. Nesse sentido, a sequência narrativa cria uma situação de tensão para depois resolvê-la; a explicativa baseia-se na decisão do agente-produtor de tornar compreensível para o destinatário um objeto do discurso ou um elemento que possa parecer problemático, apresentando para isso as propriedades desse objeto. De forma semelhante são as operações que fundamentam a sequência argumentativa: se o agente-produtor considerar que um aspecto do tema pode ser contestado, então organiza esse objeto numa sequência argumentativa a fim de convencer o destinatário. A sequência descritiva tem origem numa decisão do agente-produtor de fazer ver os detalhes de um aspecto do tema, de um objeto, conforme a representação que ele tem do destinatário; a dialogal é baseada em decisões dos interlocutores que objetivam solucionar ou evitar problemas da interação social em curso.

Bronckart (2003) ainda acrescenta a sequência injuntiva que se baseia numa decisão do agente-produtor de fazer o seu destinatário agir de certo modo ou em determinada direção.

Também há outras formas mínimas de planificação. São os *scripts* (uma sequência pertencente à ordem do **Narrar**, que apresenta os fatos numa ordem cronológica, linear, mas sem evocar uma tensão ou conflito de ações) e as esquematizações (sequências da ordem do expor que apresentam um conteúdo de forma neutra como, por exemplo, uma definição, uma enumeração, sem a pretensão de tornar o conteúdo mais compreensível ou incontestável, operações que caracterizam a sequência descritiva).

Para a identificação do tipo de sequência que compõe o gênero piada, retoma-se o **exemplo 2**, apresentado na segunda seção. Para manter a sequência expositiva das ilustrações, reapresenta-se como exemplo 31.

### Exemplo 31:

- 1 L2: aí o pivete de E. disse ... “mainha **tem** um homem dentro do
- 3 guarda-roupa” aí o E. **olho** ... disse ... “oxi dentro do guarda-roupa
- 5 meu filho?”... aí a mulhê do E. disse ... “não rapaz é o rapaz matando
- 7 cupim”... aí o E. **foi achô** de abrí o guarda-roupa aí disse ... “tá
- fazendo o que aí moço?”... “tô matando cupim”... “oxi mais nu?”...  
aí o cara **olhô** e disse ... “eita porra ... **comeu** a minha roupa o  
cupim” ((risos))

Esse exemplo, assim como o de número **30**, apresenta um processo de intriga ou uma relação conflituosa entre personagens que é seguida de ações, o que caracteriza a sequência narrativa. No entanto, as fases de ações, resolução e situação final não estão explicitamente expressas. A fase de ações muitas vezes não acontece por causa da brevidade da piada. As fases de resolução (introdução de acontecimentos que levam a uma redução efetiva da tensão) e de situação final (explicita o estado de equilíbrio obtido pela resolução) não acontecem exatamente como indicada entre parênteses.

Os enunciados finais nas piadas nem sempre resolvem o conflito, instalado na fase anterior, mas trazem um desfecho bastante inusitado e surpreendente que provoca o riso, uma vez que este é o objetivo desse gênero, sendo, portanto, justificada a ausência da fase situação final. Até é possível compreender que o fato de o cupim ter comido a roupa responde ao problema de o marido ter encontrado um homem nu dentro do seu guarda-roupa. No enunciado “e dá tempo?”, encontra-se um desfecho que não resolve o estado de tensão criado pela informação que a aeronave cairá e o piloto e um dos passageiros ficarão sem paraquedas. Na verdade, essa fala final da piada do **exemplo 30** não soluciona o conflito porque a personagem gay não entende o gesto que o piloto faz com as mãos, como a indicação de um problema e assim emite uma resposta que foge completamente ao que é esperado. O desfecho, explicitado na pergunta “e dá tempo?”, revela a direção argumentativa na qual a personagem entendeu o gesto do piloto.

Defende-se que a sequência narrativa é a forma de planificação da piada porque, indiscutivelmente, existe uma tensão criada pelo narrador. Como foi demonstrado, neste gênero, a narrativa não apresenta todas as suas fases como num protótipo, mas tem como características a tensão e a resolução por meio de um desfecho inusitado. Para efeito de conclusão, segue mais um exemplo.

### **Exemplo 32:**

- 1 L2: e o cara bicho ... o cara nunca tinha ... nunca tinha namorado aí os
- 3 cara disse “rapaz vamo pra zona bicho” ele disse “rapaz eu não vou
- 5 não” “bora rapaz a gente não recebeu o décimo bora?” aí levaram o
- 7 cara quando chegou lá aí chegou num putero a mulher doida pra
- 9 ganhar dinheiro disse “bora rapaz?” aí os caras “vai vai” aí ele foi óh
- 11 ... aí quando a mulher deitou na cama que ficou lá na cama disse
- “meu filho me lasque com esse negócio de mijar” aí o cara viu o
- pinico aquele de aço ...
- L1: ((riu))
- [
- L2: aí pegou e tum ((gesto)) na testa dela ... menino óh mais foi um
- corte que fazia medo oxi

Nessa piada, o enunciado “meu filho me lasque com esse negócio de mijar” cria uma situação de tensão que exige uma resposta. Esta é aguardada por todos com muita expectativa, já que trará um desfecho inusitado e hilariante, característico do gênero piada, seja oral ou escrito. Nesse exemplo, a resposta vem por meio de uma ação da personagem que atinge a prostituta com um instrumento de aço, utilizado para a captação de urina, por entender o pedido da prostituta em outra direção argumentativa.

### **4.3 Mecanismos de Textualização**

A análise da produção de um texto empírico envolve a descrição da situação de ação de linguagem com os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático; a infraestrutura geral composta pelos tipos de discurso, sequências e outros tipos de planificação; os mecanismos de textualização e de enunciação.

Os dois últimos níveis são responsáveis pela coerência que garante ao texto empírico o estatuto de unidade comunicativa, articulada a uma situação de linguagem, atribuída a um agente-produtor com o objetivo de provocar algum efeito de sentido no destinatário.

Os mecanismos de textualização estabelecem a coerência temática porque se ligam à progressão do conteúdo, marcando as relações de continuidade e de ruptura dos conteúdos expressos no texto.

Com base nos trabalhos de Charolles (1994), Bronckart (2003) apresenta três planos de análise dos mecanismos de textualização. O primeiro nível corresponde a um período, reconhecido graficamente por iniciar com letra maiúscula e terminar com ponto final. Nesse plano de análise, a textualização manifesta-se nas regras de microssintaxe que organizam os constituintes em torno do sintagma verbal, atribuindo as funções de sujeito, complementos e adjuntos a esses constituintes.

O segundo nível de análise diz respeito às estruturas, como orações reduzidas de infinitivo e gerúndio e outros sintagmas isolados (talvez as interjeições), que não exercem qualquer função estabelecida pelas regras de microssintaxe, mas se ligam a constituintes com função sintática determinada dentro da frase e marcam relação de correferência com constituintes de um período anterior. As estruturas desse nível organizam-se por regras de microssintaxe. Salienta-se que a organização desses dois níveis não será analisada neste trabalho.

No terceiro nível, encontram-se as unidades que exercem a função de conexão, como os operadores lógico-argumentativos e os articuladores espaço-temporais, de coesão nominal, como os pronomes, e de coesão verbal, como os advérbios. Essas unidades podem exercer uma função sintática de adjunto adverbial, conforme as regras de microssintaxe, e, ao mesmo tempo, serem elementos de conexão; outros têm exclusivamente a função de junção de frases, como as conjunções. Portanto, Bronckart (2003) dedica-se às unidades que não desempenham função sintática definível e atuam exclusivamente para a marcação da textualização. Essas unidades constituem as operações de conexão, coesão nominal e coesão verbal.

#### 4.3.1 A conexão

A conexão é a operação de articulação da progressão temática, realizada por unidades, chamadas de organizadores textuais que marcam relações entre frases (coordenação e subordinação), como também, pontuam as transições entre os tipos de discursos e entre as fases de uma sequência.

Esses organizadores textuais assumem uma função de segmentação quando atuam no nível mais geral do texto, mostrando sua forma de organização em diferentes tipos de discurso; num nível inferior, esses elementos revelam as mudanças de fases numa mesma sequência; nesse caso sua função é chamada de demarcação ou balizamento.

Quando articulam períodos ou frases dentro de uma mesma fase, sua função é chamada de empacotamento e, num nível mais inferior, também são mecanismos de conexão responsáveis pelos processos de coordenação e subordinação, exercendo a função, respectivamente, de ligação e de encaixamento.

Geralmente, essas funções são exercidas por algumas categorias gramaticais, como os advérbios, locuções adverbiais (embora, além disso, primeiramente...) e sintagmas preposicionais (depois de três dias...); expressões como “depois”, “após”, “então”, entre outras, podem também realizar a função de empacotamento, revelando a relação existente entre orações de uma fase de uma sequência. De uma forma geral, as conjunções coordenativas expressam as funções de empacotamento e de ligação e as conjunções subordinativas, as relações de encaixamento.

Como esses elementos têm um valor semântico, é possível fazer uma correlação entre as categorias dos organizadores textuais e sua ocorrência nos tipos de discurso. Dessa forma, pode-se observar a presença predominante de organizadores com valor temporal (antes,

depois...) nos tipos de discurso da ordem do **Narrar**; os organizadores lógicos (assim, nesse sentido, dessa forma...) predominam nos tipos de discurso da ordem do **Expor**; e os organizadores espaciais (no alto, abaixo, mais longe), independentemente do tipo de discurso, aparecem com frequência nas sequências descritivas.

As piadas dos dois eventos apresentam com muita frequência o termo “aí” como um organizador com valor temporal. Esse elemento tem a função de mostrar o encadeamento das ações e a mudança da fala do narrador para a fala das personagens. O exemplo, a seguir, mostra a alternância das falas do pivete, do E. e de sua mulher: “aí o pivete de E. disse [...] aí o E. olhou disse [...] aí a mulher do E. disse [...]” (**exemplo 31**).

Como o organizador “aí” indica, na fala do narrador, o encadeamento de ações e de acontecimentos, marcando os pontos de articulação das fases da sequência narrativa, pode-se dizer que realiza a função de demarcação ou balizamento.

As piadas curtas apresentam quase que exclusivamente o “aí”. Também, há algumas poucas ocorrências de construções, como “outra coisa”, “o outro foi o seguinte”, “rapaz... e o cara... o cara nunca tinha [...]” “e o Juquinha [...]”, além de “aí”, usadas pelo locutor para retomar o turno e iniciar outra piada.

Em piadas mais extensas, a função de encaixamento é expressa pela conjunção subordinativa temporal “quando” ao indicar a subordinação de algumas orações como “quando ele chegou em casa a mulher tava dormindo C. [...]. Observam-se também outros conectores que estabelecem relações de ligação em orações coordenadas como “ele foi bater na porta **mas** o compade [...] com preguiça de ir no banheiro pegou uma garrafa e urinou dentro [...]”.

#### 4.3.2 A coesão nominal

A coesão é a operação que marca as relações de dependência e/ou descontinuidade entre constituintes internos de uma frase como o predicado e os argumentos. A coesão divide-se em nominal e verbal.

Os mecanismos de coesão nominal expressam as relações de dependência entre argumentos correferentes. Sintagmas nominais e pronomes (pessoais, relativos, demonstrativos, possessivos) são organizados de forma a construir cadeias anafóricas que assumem as funções de introdução (marca a apresentação de uma unidade nova) e de retomada (reinsere a unidade ao longo do texto).



O tipo de discurso pode influenciar o emprego dos elementos anafóricos. Nos tipos de discurso da ordem do **Narrar**, há o predomínio de anáforas pronominais de terceira pessoa, porque são postas várias personagens; ainda nessa ordem discursiva, as sequências descritivas exigirão as anáforas nominais com determinante possessivo. Nos tipos da ordem **Expor**, os pronomes pessoais de primeira, segunda e terceira pessoa com valores de dêitico e anafórico são característicos dos discursos interativos; nos discursos teóricos, são frequentes as anáforas nominais estabelecendo relações de associação, implicação, inclusão e de correferência, por isso relações complexas e abstratas. No **exemplo 33**, a seguir, serão explicitadas as funções e marcas da coesão nominal.

**Exemplo 33:**

- 1 L2: morava dois compade vizinho ... aí toda noite ... o compade de  
 madrugada ia na casa do outro que o outro tinha uma venda sabe?  
 3 “compade bota uma dose pra mim?” agora ele pagava à vista veio ...  
 cinquenta centavos C. aí ele botava a mulher dizia “marido marido  
 5 o compade” aí ele a mulher dizia aí ele aí o marido dizia “de novo  
 meu compade?” “abre rapaz vende a ele ele não quer tomar uma  
 7 abre só a janela” ... aí ele já sabia pagava a vista ... aí teve um  
 batizado lá ... aí chamou ele também pra participar né? uma um  
 9 batizado de uma filha dele .... o compade bebeu até duas horas da  
 manhã na casa do outro ... quando foi quatro e meia como era de  
 11 costume ... ele foi lá bater na porta mas o compade que bebeu muito  
 que tinha a venda ... com com preguiça de ir no banheiro pegou uma  
 13 garrafa e urinou dentro óh quase enche a garrafa ... em vez de botar  
 debaixo do balcão botou na prateleira ... aí o compadre que era de  
 15 costume chegou ... de madrugada aí mulher dizia “marido óh o  
 compadre na porta” “oxi esse rapaz bebeu a noite todinha aqui ainda  
 17 quer cachaça ... vai Maria atender ele” ... o compade acordou menino  
 azuretado aí disse “diga compade bote cinquenta ... a festa ontem foi  
 19 boa compade aqui” ele disse “parabéns” “não compade tudo bem” ...  
 aí quando ele pegou a garrafa ...  
 21 (uma criança interrompe pedindo esmola)  
 L1: tem não  
 23 L2: quando ele pegou a garrafa meu amigo ... aí botou uma dose ... aí  
 o compade do outro lado da janela tomou óh ... aí deu um real ... aí  
 25 disse “compade não tem troco não” aí ele disse “bote o troco de  
 bosta já tomei mijo mermo” ((riu))

Nesse exemplo, destacam-se três cadeias anafóricas: os dois compadres, personagens principais, a mulher de um deles e a dose. O quadro seguinte ajuda a visualizar essa relação de correferência entre os sintagmas nominais, os pronomes e a elipse, usados para introduzir uma informação nova ou para reintroduzi-la ao longo do texto.

Quadro 3 – Cadeias Anafóricas

REFERENTES	Compade	Mulher	Dose
Substituição por sintagma nominal	o compade marido o marido rapaz meu compade	mulher maria	cachaça cinquenta bosta mijo
Substituição por pronome	o outro ele dele que		
Elipse	∅ pegou uma garrafa (linha19)		

Fonte: Autora, 2006.

É interessante destacar que as duas personagens principais são dois compadres, um dono de um estabelecimento que vende bebidas, e o outro cliente desse estabelecimento, que não estão identificados por nomes próprios no texto, sendo denominados pelos mesmos sintagmas nominais e pronomes (compadre, ele, o outro), sem, no entanto, causar dificuldade para o ouvinte. No trecho “agora ele pagava a vista veio... cinquenta centavos C. aí ele botava”, é perceptível que o primeiro pronome “ele” se refere ao compadre cliente e o outro pronome, ao compadre dono da venda.

A ausência de dificuldade para recuperar o antecedente resulta das funções de introdução e retomada da coesão nominal. A cadeia anafórica das personagens principais é iniciada com a inserção do sintagma “dois compade vizinho” que será retomado e definido em seguida por “o **compade** de madrugada ia na casa do **outro** que o outro tinha uma venda sabe?”. Desse trecho em diante, e com a ajuda de outros sintagmas nominais e pronomes, o ouvinte consegue distinguir os dois compadres ao longo do texto, como mostrou o quadro.

Em relação à terceira cadeia anafórica, observa-se que a introdução da unidade-fonte dá-se de forma indefinida “compade bota **uma dose** pra mim”, sendo retomada por uma elipse “aí ele botava” (linha 4), facilmente recuperada. A substituição do sintagma uma dose, ao longo do texto, é feita por uma elipse, por um artigo indefinido e pela categoria das anáforas nominais de diversos tipos. É justamente essa diversidade de sintagmas nominais usada na cadeia anafórica do termo dose que causa o riso. Assim, o narrador vai substituindo dose por “cachaça”, “cinquenta” até chegar nos termos “mijo” e “bosta”.

Em outra piada, **exemplo 32**, a unidade-fonte é introduzida por um sintagma nominal bastante indefinido “esse negócio de mijar” que, por conta de sua indeterminação, provoca uma reação na personagem que pega um pinico e bate na prostituta. Portanto, pode-se dizer que a indefinição do referente foi um recurso da coesão nominal usado para causar um determinado efeito de sentido, no caso da piada, o riso.

#### 4.3.3 A coesão verbal

Enquanto a coesão nominal expressa a correferencialidade dos argumentos, a coesão verbal é responsável pela “explicitação das relações de continuidade, descontinuidade e/ou de oposição existentes entre os elementos de significação expressos pelos sintagmas verbais” (BRONCKART, 2003, p. 273) que se manifesta (ou que é revelada) na escolha do verbo e dos tempos verbais. Para a análise da coesão verbal, o autor identifica quatro funções: temporalidade primária e secundária, contraste global e local.

A função de temporalidade primária localiza o processo verbal em relação a um parâmetro de controle. Quando este é o ato de produção, o verbo pode indicar a localização de simultaneidade, anterioridade e posterioridade em relação ao momento da enunciação; quando o parâmetro é a duração do processo narrativo ou expositivo, o verbo pode indicar uma localização de isocronia, retroação e projeção.

A função de temporalidade secundária localiza o processo verbal como anterior, simultâneo ou posterior a outro processo. As funções de contraste marcam oposição entre uma série de processos postos em primeiro e segundo planos. O **exemplo 33** será retomado para a descrição das funções de coesão verbal na piada.

Ao iniciar o texto com “morava dois compade vizinho ... aí toda noite ... o compade de madrugada ia na casa do outro”, o locutor explicita uma origem espaço-temporal disjunta do mundo ordinário, a partir da qual será desenvolvido o processo narrativo. Assim, o eixo de referência temporal é constituído pela duração do processo narrativo, uma vez que o relato é construído no mundo discursivo do **Narrar**.

O enunciado “agora ele pagava a vista veio... cinquenta centavos C.” (linhas 3-4) mostra que o eixo de referência temporal e o início do processo narrativo têm uma relação com a duração do ato de produção. Isso acontece porque o mundo discursivo do relato interativo é implicado.

Apesar da existência de diferentes tempos verbais (presente, pretérito perfeito, imperfeito do indicativo) e de formas do modo imperativo e de infinitivo, não é possível distinguir as localizações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade em relação à duração do ato de produção.

Ainda na função de temporalidade primária, distinguem-se as localizações isocrônicas, retroativas e projetivas que marcam a relação entre o processo verbal e o eixo de referência global do tipo de discurso. Assim, tem-se a localização isocrônica (L. iso) na qual os processos são apresentados numa ordem paralela ao processo narrativo; a localização retroativa (L. retro) em que os processos são apresentados como anteriores à fase atual do curso do processo narrativo; e, por fim, a localização projetiva (L. pro) na qual os processos são apresentados como posteriores à fase atual do processo narrativo.

No exemplo em questão, observa-se que a localização isocrônica é marcada pelo pretérito imperfeito e perfeito do indicativo na fala do narrador (grifos nossos): “**morava** dois compade [...] **ia** na casa do outro [...] aí ele **botava** a mulher **dizia** [...] aí **teve** um batizado lá ... aí **chamou** ele também [...] o compade **bebeu** até duas horas da manhã na casa do outro [...]”. A constante presença de verbos no imperfeito e perfeito do indicativo, assim como no imperativo, revela uma nítida ênfase da localização isocrônica, ou seja, o curso do processo narrativo coincide com a sucessão dos acontecimentos no relato.

A função de temporalidade secundária situa um processo como relativamente anterior, simultâneo ou posterior em relação a outro, com base num parâmetro de controle, e marca-se pelo procedimento de encaixamento sintático. Essa função refere-se à relação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade do processo expresso pelo verbo da oração principal.

No **exemplo 33**, há duas orações encaixadas, introduzidas por uma conjunção subordinativa temporal “**quando** foi quatro e meia como era de costume ... ele foi bater na porta [...]” e “**quando** ele pegou a garrafa meu amigo ... aí botou uma dose [...]”. Essas ocorrências revelam o valor de simultaneidade relativa.

As funções de contraste são mais evidentes na piada, posto que se trata de sequências narrativas com a presença de discurso direto. O narrador inicia o relato dos acontecimentos empregando o verbo no pretérito imperfeito “**morava** dois compade [...]” e as personagens usam o verbo no modo imperativo “compade **bota** uma dose pra mim [...]”. Ao falar sobre o batizado, início da fase de complicação, o narrador usa o verbo no pretérito perfeito “**teve** um

batizado lá [...]”. Com isso, observa-se uma série de processos colocados em primeiro plano e outra série posta em segundo plano<sup>23</sup>.

Para Bronckart (2003, p. 291), a oposição ou contraste entre processos origina-se da decisão do narrador de dar destaque a algum acontecimento, em prejuízo de outros.

O narrador, certamente, pode decidir colocar em primeiro plano séries de processos dinâmicos atribuídos aos personagens que considera como principais e relegar para o segundo plano os processos estáticos, os de caráter descritivo, psicológico ou explicativo, ou ainda os processos atribuídos a personagens secundários. Mas também pode tomar outras decisões: alçar ao primeiro plano processos estáticos, comentativos ou processos atribuídos a personagens secundários e relegar para o segundo plano alguns processos decisivos para a progressão da história etc.

Na piada, a função de contraste relaciona-se com as fases da sequência narrativa. Não deixa de ser uma decisão do narrador de apresentar a fase da situação inicial com verbos no pretérito imperfeito, correspondendo ao segundo plano, e, no momento de complicação dos acontecimentos, utilizar os verbos no perfeito. Isso significa que está, em primeiro plano, o momento de tensão e de ações no texto com verbos que indicam atividade (beber, urinar, botar, acordar, pegar, dar) no pretérito perfeito; e, em segundo plano, os verbos que indicam processos estativos e durativos (morava, ia, tinha...), conjugados no imperfeito.

Também é visível um contraste entre a voz do narrador e as vozes das personagens. Na primeira, os verbos no imperfeito estão na fase da situação inicial e no pretérito perfeito na fase da complicação até o desfecho da piada; na fala das personagens, aparecem com frequência verbos no modo imperativo (abre, vende, bota) e no infinitivo (querer, atender). É na fala de um dos compadres que está o desfecho e, como não poderia deixar de ser, o verbo encontra-se no pretérito perfeito.

A função de contraste local “consiste em apresentar um processo como um quadro sobre o qual se destaca, localmente, outro processo” (BRONCKART, 2003, p. 283). Para o autor, esse contraste entre um processo de fundo (imperfeito e mais-que-perfeito) e um processo de relevo (perfeito) é observável no encaixamento sintático.

Em relação à função de contraste local, pode-se afirmar que há, no exemplo em questão, um processo de fundo sobre o qual se distribui um processo de relevo. Isso se revela em duas orações com verbos no imperfeito “como era de costume” (linhas 10-11), “que era de costume” (linhas 14-15) que se intercalam em orações com verbo no pretérito perfeito.

---

<sup>23</sup> Em francês, os processos colocados em primeiro plano são marcados pelo passado simples e passado anterior, que correspondem ao pretérito perfeito em português; os processos do segundo plano são marcados pelo imperfeito ou mais-que-perfeito.

#### 4.4 Mecanismos Enunciativos

Os mecanismos enunciativos são responsáveis pelo estabelecimento da coerência pragmática do texto porque revelam as apreciações valorativas expressas em relação ao conteúdo, como também, manifestam as instâncias responsáveis por essas avaliações, ou seja, o posicionamento enunciativo.

As operações de linguagem não são produzidas exclusivamente pelo autor empírico do texto. Existem instâncias formais de enunciação que podem atuar na distribuição das vozes e na marcação das modalizações.

O autor, enquanto pessoa física, de um texto oral ou escrito, é o agente-produtor responsável pelo texto. No entanto, não se pode negar a existência de uma instância enunciativa coletiva que reúne as representações individuais (do autor empírico) e coletivas acionadas na produção do texto.

Ao produzir um texto, o autor mobiliza um vasto conhecimento que envolve informações sobre o conteúdo temático, o contexto físico e social, as intenções e motivações do autor. Todas essas informações constituem representações que foram reproduzidas na interação do agente com as ações e com os discursos de outros agentes. Por mais singular que seja um texto, sempre existe um traço dialógico, como diz Bronckart (2003, p. 321): “Quer se trate de noções, de opiniões ou de valores, as representações disponíveis no autor são sempre já interativas, no sentido de que integram as representações dos outros, no sentido de que continuam a confrontar-se com elas e negociá-las”.

A ação de linguagem realiza-se quando um agente seleciona um modelo de gênero que carrega as representações de outros para realizar determinada intenção comunicativa. O confronto dessas representações exigirá a criação de um espaço mental coletivo que pode ser redefinido, preliminarmente, como os mundos discursivos.

Para Bronckart (2003), o funcionamento de qualquer sistema semiótico depende da transferência da responsabilidade do que é enunciado para as instâncias enunciativas. Essa transferência é uma condição *sine qua non*. Essa instância coletiva implica as operações em que se fundamentam a infraestrutura e os mecanismos de textualização e influenciam os mecanismos enunciativos: o gerenciamento de vozes e das modalizações.

#### 4.4.1 As vozes enunciativas

Essas vozes são entendidas como entidades (uma pessoa, uma instituição social, uma personagem) a quem são atribuídas a responsabilidade pelo o que é enunciado no texto. Bronckart (2003) identifica vozes neutras (do narrador, nos discursos da ordem do **Narrar**; e do expositor, nos tipos da ordem do **Expor**), vozes das personagens (pessoas, animais ou qualquer ser que atuem como agentes nas ações que constituem o texto), vozes de instâncias sociais (personagens, instituições sociais, um grupo de pessoas que são mencionados para trazer uma avaliação externa) e a voz do autor do texto (agente-produtor que pode intervir para comentar algum aspecto do conteúdo tratado no texto).

Essas vozes são classificadas, ainda, como diretas, quando estão sempre explícitas, em forma de turnos, como nos discursos interativos dialogados; ou como indiretas que podem aparecer em qualquer tipo de discurso, mas que nem sempre estão explícitas por formas linguísticas, como “De acordo X”, “Segundo Y”, entre outras formas, sendo necessário inferir do texto.

O locutor, identificado por L2, é o autor empírico da piada; é a pessoa que está na origem da produção do texto. É a voz do autor que aparece em alguns momentos para fazer algumas intervenções como “sabe?”, “C.”, “óh”, “menino”, “meu amigo”, “né?”, que se comunica com os outros interlocutores ou ouvintes da piada. No entanto, os segmentos em terceira pessoa revelam a voz do narrador “morava dois compade [...] o compade de madrugada ia na casa do outro [...]”, uma voz neutra que relata os acontecimentos.

Anunciadas pelos verbos *dicendi*, surgem as vozes das personagens; “aí a mulher dizia marido óh o compadre na porta”. Muitas vezes as vozes dos dois compadres e da esposa de um deles são apresentadas sem o anúncio trazido pelo verbo *dicendi*: “o outro tinha uma venda sabe? compade bota uma dose pra mim”. De ambas as formas, essas vozes são classificadas como expressas de modo direto.

No **exemplo 33**, não há vozes sociais. Entretanto, é possível entender que essas instâncias externas de avaliação podem estar implícitas na voz de uma personagem. Numa outra piada, há o relato do socorro a vítimas de um incêndio num prédio. Nesse relato, uma personagem revela preconceito contra a raça negra ao dizer: “quando o negão pulou o cara disse deixa ... esse ta carbonizado”. Dessa forma, pode-se afirmar que a fala dessa personagem expressa, de forma indireta, uma representação coletiva, vozes sociais.

#### 4.4.2 Modalizações

As modalizações são recursos que explicitam, independente do tipo de voz enunciativa, as avaliações emitidas sobre algum aspecto do conteúdo temático. Segundo Bronckart (2003, p. 330), “as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático”. As estruturas linguísticas que marcam a modalização são alguns tempos verbais (como o futuro do pretérito), os verbos auxiliares de modo (querer, dever, ser necessário, poder), advérbios ou locuções adverbiais (certamente, provavelmente...) e orações impessoais (é provável, admite-se que...).

Inspirado na teoria dos três mundos de Habermas (1987)<sup>24</sup>, Bronckart (2003) apresenta quatro funções de modalização: lógica, deôntica, apreciativa e pragmática. A modalização lógica apoia-se no mundo objetivo, por isso avalia o conteúdo temático em relação às suas condições de verdade. A modalização deôntica, por apoiar-se no mundo social, apresenta uma apreciação valorativa do conteúdo do ponto de vista da conformidade com as normas em uso; a modalização apreciativa origina-se no mundo subjetivo da voz responsável pelo julgamento do conteúdo de acordo com o seu ponto de vista; por último, a modalização pragmática explicita as intenções, razões, restrições da entidade que funciona como agente de ações que constituem o conteúdo temático, ou seja, explicita a responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático em relação às ações de que é o agente.

Considerando que os mecanismos enunciativos dão ao texto uma coerência pragmática ou interativa, é possível encontrar interjeições ou outros elementos com função modalizadora na piada, principalmente a modalização apreciativa. Embora essa afirmação faça sentido, a piada dos dois compadres vizinhos (**exemplo 33**) apresenta grau zero de modalização, se esta for entendida como um recurso que orienta o destinatário na interpretação do conteúdo.

Segundo Bronckart, (2003, p. 334), a presença da modalização é mais uma contingência do gênero do que do tipo de discurso. Dessa forma, gêneros como artigos científicos e resenha, por exemplo, certamente terão muitos modalizadores por causa do conteúdo temático que é posto em discussão e, portanto, sujeito à avaliação. Enquanto os

---

<sup>24</sup> Segundo Habermas, os signos designam representações coletivas que se agrupam em três configurações de conhecimento, chamadas de mundos representados: o mundo objetivo refere-se a aspectos do meio físico, como tempo e lugar da produção; o mundo social representa os valores, normas e convenções sociais e o mundo subjetivo que representa as características individuais, como as habilidades e crenças do sujeito.



gêneros como manual de instrução, dicionário e enciclopédia apresentarão menos modalizadores.

No gênero piada oral, especificamente no *corpus* deste trabalho, não aparecem advérbios, locuções adverbiais, orações impessoais, nem verbos auxiliares de modo, recursos linguísticos responsáveis pela marcação da modalização. Entretanto, algumas interjeições como “aí e viche maria” revelam a função de modalização apreciativa. A piada do **exemplo 31**, apresentada anteriormente para ilustrar outras ocorrências, mostra-se significativa para confirmar essa ideia.

A primeira e última fala da personagem E. (o marido traído) inicia-se pela interjeição “oxi”, vista, neste momento da análise, como um modalizador apreciativo. Defende-se que, nesse exemplo, a interjeição está voltada para o conteúdo temático, mostrando como a personagem E. julga estranho o fato de encontrar um homem nu dentro de seu guarda-roupa. O mesmo se repete com a interjeição “viche maria” no trecho “aí a veia disse viche maria o negócio aí ta brabo, pertencente a outra piada do *corpus*.

Com isso, observou-se que o quadro teórico e metodológico proposto por Bronckart (2003) tem aplicação no gênero piada na modalidade oral. Há aplicação para cada nível de descrição. Os mecanismos enunciativos apresentarem-se com baixa frequência na piada, sendo justificada pela natureza do próprio gênero, como comentado anteriormente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A piada, reconhecida como unidade linguística dotada de propriedades que a relacionam intimamente com o riso, tomada pelos usuários da língua, em situação de interação, com função comunicativa definida, continuou como objeto principal de investigação, desta vez na modalidade oral da língua.

Esse recorte foi feito com o objetivo de ampliar a contribuição do quadro teórico-metodológico, de trazer um novo olhar sobre a piada, geralmente investigada na modalidade escrita. Além disso, foi decisivo para observar a aplicação do quadro teórico-metodológico, proposto por Bronckart (2003), para a análise dos processos em ação na produção de um texto, reconhecido pelo próprio autor como muito restrito à análise de textos escritos e de autores consagrados.

A investigação da piada e a aplicação do quadro teórico do interacionismo sociodiscursivo exigiram a apresentação das teorias sociointeracionistas para compor o cenário no qual esse gênero textual poderia ser estudado. Essa intenção norteou a produção da seção 2.

A apresentação das teorias sociointeracionistas também foi necessária pela concepção de interação como um componente do processo de comunicação que contribui para a construção de sentido e, como um fenômeno sociocultural, exige muito mais que a competência linguística.

Reconhece-se a existência de críticas em relação às concepções de linguagem como forma de ação e de sujeito consciente de seu papel, ou seja, os indivíduos parecem ter consciência de que a linguagem é um jogo no qual sabem claramente que precisam encenar papéis e que, para preservar a face ou prejudicar a imagem do interlocutor, usam intencionalmente determinada estratégia.

Tem-se conhecimento de reflexões, principalmente da Análise do Discurso de linha francesa, que rejeitam a concepção de que o sujeito tem uma consciência transparente, tem a intenção de usar tal estratégia para preservar a própria face ou prejudicar a imagem do interlocutor, parecendo ser uma decisão do sujeito cooperar ou não com o seu interlocutor. Mas se defende que os estudos da Pragmática e da Sociolinguística Interacional, por exemplo, consistem em propostas de interpretação de textos, muitas vezes orais; não é um preceito que deve ser seguido à risca.

Este trabalho defende que o princípio da cooperação não significa necessariamente a ausência de conflito na conversação. No caso da piada, esse princípio manifesta-se no riso e no propósito definido de contar uma piada. Além disso, assume-se, nesta tese, que o agente-produtor tem uma participação consciente na elaboração de um texto, ao escolher e fazer alterações num modelo, num protótipo, colocado à disposição pelas gerações anteriores e contemporâneas. Mesmo considerando que a piada é um gênero cristalizado, sempre há decisões pessoais do agente-produtor. Assim, situa-se uma dialética entre um modelo preexistente, composto pelas representações coletivas, e as alterações do agente, com base nas representações individuais, na construção de um texto singular. Esse pressuposto interacionista valida a classificação desta pesquisa como qualitativa.

A descrição dos eventos comunicativos, com base nos pressupostos dos estudos conversacionais, revelou que a piada, apesar de ser caracterizada pela informalidade e descontração, organiza-se, dentro da conversação, em turnos relativamente assimétricos, para o **evento 1 (EV1)**, e relativamente simétricos, para o **evento 2 (EV2)**. Também foram reconhecidas todas as categorias presentes numa conversação, como tomada de turnos, sobreposição de vozes, par adjacente, seleção tópica e sintaxe característica.

Um recurso linguístico destacou-se na descrição e na análise desses eventos comunicativos: a interjeição. Dessa forma, justificou-se a investigação dos aspectos formais e funcionais da interjeição que assume uma função interacional e ocupa, algumas vezes, a posição de um marcador conversacional.

A análise confirmou que quanto mais informalidade mais frequente a presença de elementos interjetivos. Além disso, a interjeição não tem *status* sintático, não acrescenta conteúdo informacional, posiciona-se no meio e no fim da unidade discursiva e não expressa apenas espanto ou admiração como defendem os gramáticos. O que a caracteriza definitivamente é a função interacional que, às vezes, volta-se para as personagens da piada, às vezes, para os interlocutores do evento.

Acredita-se que a relevância deste trabalho está na análise dos processos em ação na produção da piada. Defendeu-se que o gênero de texto piada, na modalidade oral da língua, apresenta, em sua infraestrutura, a combinação do tipo de discurso relato interativo com as sequências narrativas, como forma de planificação.

Essa proposta de classificação foi difícil de ser realizada, uma vez que alguns recursos linguísticos, como os tempos verbais e os elementos de conexão eram caracterizadores de mais de um tipo de discurso. Além disso, o trabalho de Bronckart (2003) analisa textos em língua francesa que diferencia nitidamente os tipos de discurso relato interativo e narração por

meio dos tempos verbais. O primeiro tem como tempo de base o passado composto; e o segundo, o passado simples. Em português, os dois tipos apresentam os verbos no pretérito perfeito e imperfeito. Também se inclui nesse rol de dificuldades o fato de o autor ter-se detido com exaustividade na análise de gêneros escritos. De certa forma, essa especificidade do *corpus* de Bronckart (2003) garante um espaço de contribuição desta tese.

Apesar das dificuldades, o que determinou a classificação da piada como composta pelo tipo relato interativo foram as marcas que implicavam os parâmetros materiais da ação de linguagem, isto é, a indicação do locutor, interlocutor, espaço e tempo da produção.

Embora essa classificação baseie-se no critério de unidades e regras linguísticas e, por esse motivo, pareça mais segura, Bronckart (2003) admite a possibilidade de fusão de tipos e de algumas formas variantes de tipos de discurso, fato observado neste trabalho.

A piada vista de forma isolada é constituída pelo relato interativo e pela sequência narrativa, ao mesmo tempo em que parte de um evento comunicativo oral – uma conversação face a face, constituída pelo discurso interativo e pela sequência dialogal. Acredita-se que os eventos orais que compõem o *corpus* deste trabalho ilustram uma situação bem particular de encaixamento de gêneros, mundos discursivos, tipos de discurso e tipos de sequência linguística.

A análise confirmou a presença de organizadores com valor temporal nos tipos de discurso da ordem do **Narrar**. No caso da piada, o termo “aí” foi exaustivamente usado para encadear as ações ou acontecimentos relatados. Talvez, sua frequência justifique-se pela natureza de um relato oral e informal.

Os mecanismos de coesão nominal e verbal revelaram relações muito significativas. A cadeia anafórica, ou seja, a retomada do referente por outros sintagmas e a sua indefinição mostraram-se ser recursos linguísticos responsáveis pelo desfecho surpreendente e risível da piada.

A análise dos mecanismos de coesão verbal, por sua vez, revelou que um relato de uma piada por um locutor de pouca escolaridade, numa situação muito informal, apresentou um contraste no uso dos tempos verbais. O locutor/narrador usa os verbos no pretérito perfeito para dar destaque a algum acontecimento na fase da complicação da sequência narrativa, em oposição ao pretérito imperfeito que põe os acontecimentos em segundo plano.

Os mecanismos enunciativos, por sua vez, mostraram-se pouco expressivos no gênero de texto piada. Em relação às vozes enunciativas, foram identificadas vozes diretas, como as vozes do autor (que é o locutor), do narrador e das personagens. De forma indireta, identificam-se vozes coletivas que sustentam os preconceitos manifestos nas piadas que

compõem o **EV1**. Algumas interjeições, como “oxi”, expressam um julgamento de valor, revelando a função de modalização apreciativa.

Pelas razões expostas, fez-se uma análise interpretativa do gênero de texto piada que contribuirá para uma ampliação do quadro teórico-metodológico proposto pelo interacionismo sociodiscursivo e para os estudos conversacionais.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. **Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes**. Paris: Nathan, 1999.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962a.
- \_\_\_\_\_. Performatif – constatif. **Cahiers de Royaumont – La Philosophie Analytique**. Paris: Les Éditions de Minuit, p. 271-281, 1962b.
- \_\_\_\_\_. **Performativo – Constativo**. Tradução de Paulo Otoni. Distribuído informalmente nos cursos da UNICAMP. Mimeo (1990?).
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, R. **Elements of semiology**. New York: Hill and Wang, The Noonday Press, 1967.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 17-36.
- BAUER, M.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 39-63.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BIBER, D. Representativeness in corpus design. **Literary and linguistic computing**, n. 8, p. 243-257, 1993.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução da Bíblia dos Monges de Maredsous revista por Frei João Pedreira de Castro. 160. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

BRANDÃO, M. H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: BRANDÃO, M. H. N. (Cord.) **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso – político, divulgação científica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-47.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRONCKART, J.-P. et al. **Le fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d'analyse**. Paris: Delachaux & Niestlé, 1985.

\_\_\_\_\_. Genres de textes, types de discours et opérations psycholinguistiques. **Voies livres**, n. 78, 1996.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

BUENO, F. da S. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CASTILHO, A. T. de. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino de português**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1973.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CUNHA, C. F. da. **Gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

DASCAL, M. (Org.). Fundamentos metodológicos da linguística. **Pragmática**, v. 4, Campinas, IEL/UNICAMP, 1982.

DIONÍSIO, A. P. **Imagens na oralidade**. 1998. 216f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, 1998. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/letrasdigitais/LD-Angela%20Paiva%20Dionisio-Dout.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 69-100.

\_\_\_\_\_; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Genres et progression em expression orale et écrite. Eléments de réflexions à propôs d'une expérience romande. **Enjeux**, 1996.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. O quando de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 215-234.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C.V.O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita**. São Paulo: Cortez, 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. v. 1. 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 65-92.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 84-105.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnometodology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.



GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: garden City, 1967.

\_\_\_\_\_. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 107-148.

\_\_\_\_\_. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 13-20.

GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística. Pragmática**, v. 4, Campinas, IEL/UNICAMP, 1982.

GUIMARÃES, E. R. J. Sobre alguns caminhos da pragmática. **Série Estudos**, n. 9, FIUBE, p. 15-29, 1983.

GUMPERZ, J. J. Linguistic and social interaction in two communities. In: GUMPERS, J. J.; HYMES, D. (Org.). The ethnography of communication. **American Anthropologist** 66 (6, parte 2), p. 137-153, 1964.

\_\_\_\_\_. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 149-182.

\_\_\_\_\_; BLOM, J. P. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 45-83.

HABERMAS, J. **Théorie de l'agir communicationnel** (tomos I et II). Paris: Fayard, 1987.

HYMES, D. Introduction: toward ethnographies of communication. In: GUMPERS, J. J.; HYMES, D. (Org.). The ethnography of communication. **American Anthropologist** 66 (6, parte 2), p. 1-34, 1964.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 281-319.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a interjeição. **Investigações: lingüística e teoria literária**, v. 3, p. 221-236, dez. 1993.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas dos estudos em interação social na lingüística brasileira dos anos 90**. Recife, 1998. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: o que são e como se falam**. Recife: UFPE, 2000. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P et al. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 20-36.

MARTINS, E. J. A interjeição no monólogo das emoções. **Revista da Abralín**, n. 12, p. 167-174, jul. 1991.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo lingüístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORRIS, C. W. **Fundamentos da teoria dos signos**. Rio de Janeiro: Edusp, 1976.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F. **A sustentação discursiva do humor**: de onde vem a seriedade das piadas? 2000. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, 2000.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

PRETI, D. et al. **Análise de textos orais**. 2. ed. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1995.

RAMOS, J. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português falado**: desenvolvimentos. v. 7. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1996.

ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROSA, M. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

ROULET, E. et al. **L'articulation du discours en Français contemporain**. Berne: Peter Lang, 1985.

SACCONI, L. A. **Nova gramática**: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Atual, 1982.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. **Language**, n. 4, v. 50, p. 696-735, 1974.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SANTOS FILHO, J. C. do. Pesquisa quantitativa *versus* pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: GAMBOA, S. S. (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, M. F. de O. **A interação em sala de aula**. Recife: Bagaço, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SCHNEUWLY, B. Le texte intermédiaire: un espace qui éclate. In: BRONCKART, J.-P. et al. **Le fonctionnement des discours: un modèle psychologique et une méthode d'analyse**. Paris: Delachaux & Niestlé, 1985. p. 101-144.

SEARLE, J. What is a speech act? In: BLACK, M. (Ed.). **Philosophy in America**. Allen & Unwin na Cornell University Press, 1965, p. 221-239.

\_\_\_\_\_. **O que é um ato de fala?** Tradução de Sírio Possenti e João Wanderley Geraldi. Curso de Letras da FIDENE, [1990?]. Mimeografado.

STALNAKER, R. C. Pragmatics. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. **Semantics of natural languages**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1972.

STEINBERG, M. **Os elementos não-verbais da conversação**. São Paulo: Atual, 1988.

TAVARES, M. A. E (d)áí então... marcadores discursivos ou conectores? In: GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE (GELNE), 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, p.166-170, 1999.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguística e lingüística**. Tradução de Rodolfo Ilari. Revisão técnica de Ingedore Villaça Koch; Thaís Cristófaró. São Paulo: Contexto, 2004.

TERRA, E. **Curso prático de gramática**. São Paulo: Scipione, 1996.

TRIVINOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

VERCEZE, R. M. N. **Língua falada, língua escrita e ensino do português**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade de São Paulo, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensée et langage**. Paris: Editions Sociales, 1985.

\_\_\_\_\_. La conscience comme problème de la psychologie du comportement. Tradução francesa de F. Seve, **Société française**, n. 50, 1994.

\_\_\_\_\_. **La signification historique dela crise de la psychologie**. Paris: Delachaux & Niestlé, 1999.

VOGT, C. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec/Funcamp, 1980. p. 129-163.

## ANEXO A – REGRAS DE TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras	( )
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entoação enfática	Letras maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante	:: (dependendo da intensidade ::)
Pausa	...
Comentários descritivos	((minúculas))
Superposição, simultaneidade de vozes	[ ligando linhas
Reprodução de discurso direto	“ ”

## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DOS EVENTOS

**EVENTO 1 (EV1): narração de piadas em um bar com três informantes, residentes em Maceió, do sexo masculino, na faixa etária entre 24 e 34 anos.**

**DURAÇÃO: 60 minutos**

L1: pronto

L2: tá gravando já?

L1: tá gravando...

L2: aí o pivete de E. disse... “mainha tem um homem dentro do guarda-roupa” aí o E. olhô... disse “oxi dentro do guarda-roupa meu filho?” aí a mulhê do E. disse “não rapaz é o rapaz matando cupim”... aí o E. foi achô de abrí o guarda-roupa aí disse... “tá fazendo o que aí moço? tô matando cupim oxi mais nu?” aí o cara olhô e disse “eita porra... comeu a minha roupa o cupim” ((risos))

L1: ((riu)) pô L. essa já é velha pô essa já velha já... tem que renová ((riso))

L2: outra coisa o cara foi viajá pra Brasília nunca tinha ido viajá oh... aí o piloto foi no meio da viagem anunciô disse... “oia todo mundo pega o pára-queda e pule” aí o cara ficô que nem... o cara era gay mesmo aí disse “vixi”... não sobrou pára-queda nem pra ele nem pra o piloto aí o piloto disse “nós dois ó ((fez um gesto com as mãos)) aí o viado disse “e dá tempo?” ((riu))

L1, L3: ((gargalhada))

[

L2: rapaz ... e o Juquinha o Juquinha o pai dele chegô e disse “Juquinha vai tê uma festa agora você não vai não porque você pode dizê palavrão lá e vai meio mundo de deputado vai o R. L. vai muita gente vai... o governador né?”

L1: verdadei verdadeira viadagem

L2: é:: aí o Juquinha disse “não eu fico quietinho”... aí o pai de Juquinha foi e levô o Juquinha E. ... aí olhô aí R. L. cheio de cachaça aí abriu uma garrafa de cerveja aí “o que é o que é: redondinho e tem vinte e uma prega?” aí o Juquinha disse “eu sei” aí o pai dele deu um beliscão “rapaz Juquinha não diga nada não você quer me matá de vergonha” aí outro pessoal viu o Juquinha “o que é rapaz? deixa o menino dizê ele não sabe?” aí o pai dele disse “Juquinha você não diga não” aí: e o R. L. de garrafa na mão né? aí Juquinha disse “eu sei o

que é pai é uma tampa de garrafa” aí o pai dele levantô e disse “se eu não soubesse se eu não pensei que era o cu eu cegue” ((riu))... e matô a ((desligou o gravador))

L2: aí o cara tinha um filho aí disse “rapaz eu não vou levar você pra nenhuma festa” porque tinha o dente furado pô quando ele comia ele ficava ((faz um gesto))

L1: e é o R. é? ((riu))

L2: aí o pai dele disse aí ia ter um churrasco ó bicho um churrasco muito bom da comunidade aí o pai dele disse “óh mulher não leva o menino não deixa ele aí pra quando ele comer lá o churrasco não tá ((gesto)) dente furado” aí aí o menino chorou ôh aí a mulher disse “leva o bichinho homem ele vai ficar comportado lá na festa”... quando foi umas onze horas dez horas ele foi né? Quando chegou lá meio mundo de gente aí o pivete pô sentou: no meio da ( 1) farofa churrasco adiado quando o garçom botou o prato o pivete pegou a farofazinha o churrasco botou a primeira colher de farinha na boca... oxi... tapou o dente aí o pivete agoniado ((gestos))

L1, L3 e L4: ((risos))

L2: aí o pai dele aqui deu um beliscão nele “filho pelo amor de Deus... não pai eu tô queto”...

L3: ((riu))

L2: e com o dente cheio

L1: de farinha

L2: de pô de farinha... aí quando o garçom vinha aí o pivete se levantou “ôh seu garçom na sua casa tem mosquito o outro disse tem rapaz compra aquela bomba que faz ((gesto))”

L1, L3 e L4: ((gargalhada))

L2: “de matar mosquito ôh”... aí tirou a sujeira do dente aí quando aí ele botava outra colher na boca quando o garçom vinha “garçom aquela bomba ((gesto))” aí... ficou lá o dia todinho comendo churrasco... o pivete o cara tinha um filho C. aí foi pra são Paulo o filho dele ôh... aí passou um tempo dá porra em São Paulo aí o compade dele ia aí disse... “compade vê lá como o meu filho tá em São Paulo porque ele não veio mais” aí o compade dele viajou aí quando chegou em São Paulo... viu o filho dele né? aí quando voltou com dois meses aí o compade foi encontrou com o compade “compade e o meu filho”... “meu compade... seu filho lá tá uma bonequinha danada virou gay mesmo” aí o velho ficou triste... a mãe do também menino ficou triste... aí quando foi final do ano o pivete chegou ôh... quando desceu na cidade né? do ônibus aí “mami mami cadê papi?”... aí o pivete aí o:: o pai dele foi tava no roçado né? “cadê papi?” aí a mãe a mãe dele disse “meu filho o seu tá no roçado”... aí o pivete alegre pra ver o pai correu aí disse “eu vou”... tinha uns dezoito anos o menino né? “eu vou vê o meu pai ...



papi tô com saudade do papi” aí quando chegou no roçado o velho tava... limpando a roça né?... aí disse “papi tá puxando cobra pros pés”.... “é melhor do que puxar pro cu”

L1: ((risos))

[

L2: ((riu)) rapaz ignorância da peste ((riu)) aí aí casou três filhas do cara... aí o cara deu uma festa da peste eita festa bonita o cara fez... casa grande né? interior o cara fazendeiro aí casou as três filhas no mesmo dia... aí quando foi de noite a lua-de-mel na mesma casa casarão né? casa grande aí a veia foi escutar óh... aí uma ria que só... aí a veia disse “óh o negócio aí tá bom a menina tá rindo”... aí foi no quarto da outra a outra gritava que só bicho... cada grito qui:: cada grito que fazia medo... aí a veia disse “viche maria o negócio aí tá brabo”... aí a veia foi no quarto da outra a outra... calada... aí ela disse “oxi o negócio aí tá feio minha filha tá calada”... aí quando foi no outro dia os caras foram trabalhar né? na fazenda... aí a veia foi... no café da manhã né? quando os homem saiu a veia disse “você tava danada ontem gritando” “oxi era uma dor mainha” oia a menina disse... “e você só dava pra rir né?”... “é uma cosca fazia uma coscazinha aí eu tinha que rir né?” “e você tava tão calada” ela disse “óh mainha a senhora não disse que é feio falar com a boca cheia” ((riu))

L1, L3 e L4: ((riram))

L2: e o cara bicho... o cara nunca tinha... nunca tinha namorado aí os cara disse “rapaz vamo pra zona bicho” ele disse “rapaz eu não vou não” “bora rapaz a gente não recebeu o décimo bora?” aí levaram o cara quando chegou lá aí chegou num putero a mulher doida pra ganhar dinheiro disse “bora rapaz?” aí os caras “vai vai” aí ele foi óh... aí quando a mulher deitou na cama que ficou lá na cama disse “meu filho me lasque com esse negócio de mijar” aí o cara viu o pinico aquele de aço...

L1: ((riu))

[

L2: dela ... menino ó mais foi um corte que fazia medo oxi

aí pegou e tum ((gesto)) na testa

[

L1, L3, L4: ((gargalhada))

L2: e o outro o outro

L1, L3 e L4: ((gargalhada))

L2: o cara pô casou E o cara casou:: ((riu))... o cara casou o cara casou aí a mulher disse

[

L1: ((riu))

L2: “o meu barbudinho óh meu barbudinho... ó: meu barbudinho” óh aí o cara disse “rapaz essa mulher só me chama” cara... aí quando ele largou aí passou assim numa barbearia aí disse...

[

L1: ((riu))

L2: “( ) pode deixar é... faça a minha barba” aí o cara fez a barba dele deixou cega E... aí quando ele ele tinha a chave de casa né? quando ele chegou em casa a mulher tava dormindo C... aí ele disse “oxi a mulher já tá dormindo essa hora? dez e meia?” aí ele foi abriu a porta né? tudo apagado a luz... aí quando ele chegou no quarto aí deitou em cima da mulher quando deitou a mulher botou a mão no rosto dele e fez “fi: da peste vai simhora o barbudinho chega já” ((riu))

L1, L3 e L4: ((riram))

[

L2: o Juquinha E. o Juquinha tava estudando aí a professora disse “amanhã vai ter prova oral quem responder a prova oral vai viajar no ônibus da Atlântica” oia!

L1: óh ( ) é

L2: é:: vai viajar no ônibus da Atlântica pra:: pro interior tomar banho de cachoeira... aí o Juquinha endoidou disse “mais logo hoje a prova oral” “não amanhã” aí quando foi no outro dia a professora fez a prova oral perguntou... a menina lá “qual o maior osso do corpo humano? ... aí a menina disse né? “é o:: fêmur” ( ) da coxa aí Juquinha levantou e disse “eu sei” aí ela disse “não Juquinha mais não é a sua vez não” aí perguntou a “qual é é: e quantas partes se divide o corpo humano?” aí a outra disse “três... cabeça corpo e membro” aí o Juquinha “não eu sei” só tinha uma vaga pra ir no ônibus óh... se o Juquinha não responder certo ele ficava e o o... e o e a uma das professoras ia... aí a professora olhou pro Juquinha disse “Juquinha é sua vez” ele disse “pode mandar manda vê”... “é:: qual a função do esqueleto?” aí o Juquinha levantou e respondeu “oxi essa é fácil demais menina... é ir atrás do Heman e conquistar o castelo de Greiscom” ((riu))... aí perdeu de viajar óh ((riu))

[

L1: ((riu))

L1: ãh::

L2: morava dois compade vizinho... aí toda noite... o compade de madrugada ia na casa dou outro que o outro tinha uma venda sabe? “compade bota uma dose pra mim?” agora ele pagava à vista veio... cinquenta centavos C aí ele botava a mulher dizia “marido marido o

compade” aí ele a mulher dizia aí ele aí o marido dizia “de novo meu compade?” “abre rapaz vende a ele ele não quer tomar uma abre só a janela”... aí ele já sabia pagava à vista... aí teve um batizado lá... aí chamou ele também pra participar né? uma um batizado de uma filha dele... o compade bebeu até duas horas da manhã na casa do outro... quando foi quatro e meia como era de costume... ele foi lá bater na porta mas o compade que bebeu muito que tinha a venda... com com preguiça de ir no banheiro pegou uma garrafa e urinou dentro óh quase enche a garrafa... em vez de botar debaixo do balcão botou na prateleira... aí o compadre que era de costume chegou... de madrugada aí mulher dizia “marido óh o compadre na porta” “oxi esse rapaz bebeu a noite todinha aqui ainda quer cachaça... vai Maria atender ele”... o compade acordou menino azuretado aí disse “diga compade bote cinqüenta... a festa ontem foi boa compade aqui” ele disse “parabéns” “não compade tudo bem”... aí quando ele pegou a garrafa...

(uma criança interrompe pedindo esmola)

L1: tem não

L2: quando ele pegou a garrafa meu amigo... aí botou uma dose... aí o compade do outro lado da janela tomou óh... aí deu um real... aí disse “compade não tem troco não” aí ele disse “bote o troco de bosta já tomei mijo mermo” ((riu))

L1: ((gargalhada))

[

L2: nunca mais ele foi menino toda vez que a mulher ia que ele ia fazer feira óia “compra uma cachacinha pra mim pra eu deixar em casa pra não pra não abusar ninguém”

L1: [ deixá em casa

L1: caboci

L2: caboci foi um santo remédio... e o outro foi o seguinte o cara chegou em casa... aí a mulher disse mandei o rapaz pintar a casa viu... não.. foi bom final de ano é bom ele pintar mesmo aí o cara achou de entrar a mulher tava na porta né? aí o cara entrou quando o cara entrou disse oxi... tu tá pintando a casa disse tô a sua mulher mandou disse sim rapaz mas nu... aí em cima da escada ele disse eu vou melar a minha roupa é? mas você tá com o pau duro e eu vou segurar a lata aonde? A lata óia (gargalhada)

Todos: (gargalhada)

L2: a mulher comprou uma bicicleta pro filho dela uma bicicleta aí o aí ele ficou: na calçada...

L1: [ não rapaz

e o filho dela andando sentada com os vizinhos o pivete ia lá vinha cá dizia mainha: sem os braços mostrava óia óh tá vendo mulher... meu menino comprei bicicleta hoje olhe ele já tá andando sem pegar sem os dois braços... aí aplaudia aí o pivete ia lá na esquina fazia a volta e voltava de novo aí dizia mainha: sem os pés óia tá vendo mulher como o meu filho é inteligente já aprendeu a nadar de bicicleta já tá andando sem sem os braços agora sem os pés.. aí o pivete foi lá e voltou óh aí mainha sem os braços sem os pés óia... tá vendo como o meu menino é?... aí não deu cinco minutos lá vem o pivete... (risos) mainha: sem os dentes (risos) todo ensaguentado óh bicho... e o

L1, L3: gargalhada

L2: cara namorava com a filha do barbeiro aí disse: começou a beber e dizendo rapaz eu só quero aquela filha do barbeiro só pra sarrar... só pra sarrar... aí o aí o barbeiro ficou sabendo né? quando foi um dia de sábado ele foi fazer a barba ensaboou ele todinho né? botou uma espumazinha... pegou o canivete começou a fazer a barba e chegou bem na veia aqui no pescoço disse óh rapaz... tu que a minha filha só pra sarrar é? ele disse que nada rapaz até viado eu sou (risos) o medo óh (sorrindo) e o prédio pegando fogo C aí ficou todo mundo azuretado chamaram o corpo de bombeiro aí::... o cara branco lá em cima do prédio o prédio alto né? o bomb aí o o capitão arma rede arma a rede embaixo arma a rede... aí armou a rede óh... aí o branco foi e pulou aí... vixi ambulância ambulância socorreram o cara branco né? aí negão disse eu vou pular também agora é minha vez aí quando o negão pulou o cara disse deixa... esse tá carbonizado (sorrir) rapaz tiraram a rede bicho óh...

Todos: [ sorriem

L2: aí e o cara ia viajando no ônibus onze horas da noite oía uma viagem longa né... ia uma mulher e um cara... aí a mulher pegou e fazia ai ai amozinho que dor aqui no pescoço aí o cara ia e beijava aí ela dizia passou... nem dava três minutos bicho o pessoal doido para dormir no ônibus a mulher ôi, ôi meu Deus ôi que câmbia nas coxas aí o cara ia beijava aí ela dizia passou meu bem passou... ôi ôi que dor aqui na cabeça o cara ia beijava aí ela dizia passou aí o negão tava puto já ôh boca santa tu cura hemorróidas? (sorrir)

L1, L3: ((sorriem))

L2: pra arrombar com o cara óh... e o cara chegou tinha:... tinha dois papagaio o cara em casa aí ele disse rapaz eu não sei qual é o macho e fêmea aqui bicho... que eu faço o cara disse eu vou te dá uma dica... você apaga a luz bicho à noite deixa os dois papagaio lá atrás e apaga a luz... o que tiver em cima do outro o que tiver embaixo é a feme... menina aí começou (?) aí quando apagou a luz que acendeu o que tava embaixo ele disse esse é a feme... aí raspou a

cabeça dele... pra saber qual é o macho e a feme o macho ficou cabeludo e a feme cabeça raspada... aí teve um aniversário na casa do cara aí o louro ficou os dois louro lá né ... os dois papagaio lá na varanda... aí teve um aniversário na casa do cara à noite aí chegou um cara careca da porra... aí o louro disse ei ei... pegaram um cara em cima de você também foi? (sorrir) óia o cara ficou muito brabo vici (sorrir) menino

L1, L3: [ sorriem

L1: fale

L2: aí a professora chegou na sala de aula aí... o Juquinha foi e pegou uma casca de banana...

L1: [ fale alto pô

L2: na porta... a professora com aquelas minisaia meu amigo:: casca de banana vixi:: levantou as pernas e caiu... aí todo mundo ei: gritando óh aí a professora disse o que foi que você viu aí o menino disse eu vi o tornozelo da senhora... vá pra casa só entra com o pai e ca mãe... amanhã... aí perguntou a outro pivete o que foi que você viu? eu vi a coxa da senhora a coxa... ói vá simhora... vá pra casa só entra com o pai e a mãe e uma semana sem vim pra escola... e o Juquinha calado né? aí ela disse... Juquinha o que foi que você viu Juquinha? Juquinha pegou o livro e disse professora: até para o ano viu ((riso)) aí largou óh... o outro é o seguinte o cara chegou aí pegou o dinheiro deu o filho dele óh... ô meu filho vá conhecer sexo... aí o pivete disse:: quanto o senhor vai me dá eu vou dá cinquenta... aí o pivete foi quando chegou no meio de o caminho encontrou a avó dele óh... vai pra onde meu netinho eu vou conhecer o sexo que o meu pai mandou ali tem uma zona... aí a veinha disse não me dê o cinquenta vamos ficar nós dois aqui em casa... com a vó: quando foi à noite o pai dele chegou disse meu filho e aí?... pegou as ( ) não fiquei com a vovó mesmo eu dei o dinheiro a ela e fiquei com ela aí o pai dele pegou ele e deu uma piza ele disse é... ((riso)) o senhor come a minha mãe tá com mais de dez anos... eu comi a sua tá com uma vez só: o senhor já me deu uma piza dessa ((riso)) e outro vizinho aí pegou o pivete aí disse ói... pegue o dinheiro e vai conhecer o sexo aí deu cinquenta pau a ele aí ele foi óh... quandi foi à noite que o pai dele chegou C aí disse meu filho e aí conheceu? rapaz conheci... eu tô que não posso me sentar ((gargalhada))

L1, L3: gargalhada

L2: o pivete disse eu tô que não posso me sentar óh

L1: ((rindo)) entendeu não óh ((apontando para outro participante))

(Depois de um intervalo)

L2: aí a mulher foi pro médico quando chegou no médico aí o médico disse o que é que a senhora tem? ela disse não é porque: aí o médico disse não tá certo eu já entendi... pegue esse comprimido dissolva e coloque no ânus... aí ela fez muito obrigado doutor e saiu e quando chegou na porta disse ânus e é dia de ano é? aí voltou óh... aí bateu na porta ((faz barulho batendo na mesa)) aí disse ôh doutor desculpa é porque: eu não entendi: ele disse olhi a senhora pegue esse comprimido dissolva... e coloque no: no reto... ela fez muito obrigado doutor aí quando no meio do caminho aí disse oxi no reto? e é uma reta é?... rapaz que médico maluco aí voltou aí quando chegou lá aí disse doutor... o doutor disse a senhora pegue esse comprimido dissolva e coloque no cu aí ela disse oxi tá com raiva já é? eu vou dizer pro meu marido viu? ((riu))

L1, L3: ((gargalhada))

L2: aí:: tem um bucado de crente: tinha uma faixa de uns quinze crente se batizando né?

L1: o R. tava no meio

L2: é: o R. tava no meio também com aquelas bata branca no domingo de tarde e tinha um tanque... aí o crente vinha e aí: aí o pastor pegava e mergulhava ele no tanque né?... encontrou Jesus? aí ele dizia

L1: [

batizando o R

encontrei... aí ele tirava aí vinha outro... encontrou Jesus mergulhava né? não demorava doze não demorava trinta segundos quinze segundos... aí levantava e dizia encontrei aí o bebo pô disse vou ficar na fila... aí o bebo ficou na fila né? o bêbado pegou a bata vestiu aí o pastor po mergulhou ele no tanque... aí demorou quando o pastor perguntou encontrou Jesus? ele disse não... aí o pastor olhou assim pros irmãos e mergulhou ele de novo óh... aí demorou um pouquinho aí levantou encontrou Jesus? ele disse não... aí o pastor mergulhou ele de novo ele ia num canto ia lá vinha cá... dentro do tanque mergulhado aí daqui a pouco o pastor levantou ele sentou e disse... encontrou Jesus? não ele se afogou aqui mesmo? ((riu)) e o outro foi o seguinte o: padre tava na missa aí o padre disse é a hora de da ôstra da óstia né?

L1: da óstia

L2: da óstia aí uma fila de gente... aí o Corpo de Cristo... aí um pedacinho né? na debaixo da língua... aí o bêbado ia passando vou ficar aqui aí o bêbado ficou na fila óh... aí quando o bêbado ficou na fila ai::... o sacristão disse: padre tem um bêbado na fila ele disse pegue um pedaço de bombril... aí o cara que tava na frente do do bêbado aí o padre... o Corpo de Cristo... Corpo de Cristo... aí ele disse... Corpo de Cristo aí quando chegou a vez do bêbado...

ai o padre disse bota bombрил na boca dele... ai quando... ele abriu a boca o bêbado ai o::: o padre pô o pedaço de bombрил... Corpo de Cristo ai é lasca já tão me dando os penteio ((sorriu))

L1, L3: ((sorriem))

L2: rapaz ((riu))

(Depois de um intervalo de tempo)

L2: ai o cara chegou no restaurante E... ai disse: todo tipo de carne eu conheço... ai o garçom disse conhece mesmo? conheço... traga FILÉ pra mim.... ai o garçom trouxe óh ai ele olhou assim... rapaz isso não é filé não... pegou um pedacinho e disse pode levar eu pedi filé... ai o garçom foi lá disse pro chefe de cozinha o rapaz ali conhece... a gente mandou carne de peçoço rapaz ele quer filé ele disse não mande uma maminha pra ele que ele come... isso é um otário ai quando chegou lá ele pegou um pedacinho assim ai... rapaz isso é maminha bicho eu pedi FILÉ pode pode recolher... ai o garçom disse rapaz eu não disse a você... não cara bota uma bisteca pra ele... bisteca... bisteca de primeira naquele ponto isso é um otário quer rebolar aqui no restaurante... ai quando chegou na mesa ele pegou um pedacinho botou na boca ai disse rapaz eu pedi filé isso é bisteca mô amigo... ai o cara disse rapaz sabe o que é pega uma buceta de vaca e bota pra ele comer... que ele come... ai quando chegou na mesa ai ele começou a comer óh... ai eu não disse isso é um otário... ai o garçom disse e aí? tá bom o filé? ele disse não... isso aqui é buceta eu como de qualquer jeito... agora eu quero o filé traga ((gargalhada))

Todos: [

gargalhada

L2: ai foi pro outro restaurante chegou no outro restaurante ele disse rapaz... qualquer tipo de carne que você trouxer eu conheço só pelo:: pelo ( )

L1: [

pelo cheiro

L2: só pelo cheiro... ai o cara disse porra! ele disse é:... se eu não descobri eu pago a conta pago dobrado ai o garçom trouxe... ai ele olhou assim... cheirou o galfo assim e disse isso é bisteca... ai o garçom rapaz o cara é bom óh... leva leva leva alcatra pra ele alcatra que ele não conhece não... ele botou o galfo assim disse... pelo cheiro disse isso é alcatra... o cara disse rapaz que cara bom bicho é mesmo... ai ele disse tá ai a cozinheira? ele disse tá... mande ela passar esse galfo embaixo da da saia... pode mandar ela botar entre as perna esse galfo... deixa

demorar um minuto... aí demorou um minuto o galfo debaixo da saia da cozinheira aí quando chegou com um pedaço de carne lá... ele cheirou o galfo

L1: [ riu

L2: assim e disse oxi... a Gerusa trabalha aí é? ((riu))

L1, L3: ((riem))

(Depois de um intervalo de tempo)

L2: aí o cara chegou aí o viadão chegou e disse eu sou muito sensível... aí o cara disse fique de quatro pé aí... ele ficou o cara pô jogou a cerveja aí disse eita cerveja é brama óia... na bunda dele eita pêga

L1: [ eita porra óh

que: rapaz que cara sensível... aí o cara já botou um palito assim ele isso é um palito é Gina... óia!... aí

L1: [ palito Gina

o cara foi foi botou a caneta ele disse caneta vermelha bic... óia!... o cara rapaz que cara: aí pegou um café frio aí jogou... jogar café agora sem açúcar óia!...

L1: óia ((riu))

L2: e tinha uma fila E uma fila... de prostituta pra pegar remédio... pra doença venéria... aí ia passando uma velhinha rapaz bem velhinha... aí disse o que é isso aí? aí as prostitua disse... vovó pegar confeito... ela disse eu vou ficar na fila eu quero um confeitinho pra levar pros meu netinho aí ficou na fila... aí quando chegou a vez dela o médico disse mais vovó até você? ela disse não: eu chupo ((riu))

L1, L3: ((gargalhada))

L2: ((rindo)) era confeito né porra aí o cara chegou no restaurante pra almoçar EU QUERO MACARRONADA... DE PRIMEIRA aí o garçom foi botou a macarronada eu quero coca de dois litro... aí começou o: a comer a macarronada com a coca de dois litro aí daqui a pouco ele encontrou um cabelo dentro da macarronada... aí fez o maior

[ igual ao coração

L1:



L2: é: fez igual o do coração que a gente tá aqui no bazinho... aqui: veio um cabelo mai deixa pra lá... aí minha amiga aí daqui o cara fez o maior escândalo no restaurante do cara o cara disse moço pelo amor de Deus o senhor não vai pagar NADA... porque encontrou esse cabelo aí... é: então eu não vou pagar mesmo não que eu não gosto de nojeira... aí o cara pô:: dispensou ele aí o cara disse eu vou seguir esse rapaz... aí começou seguir ele seguir seguir quando chegou no cabaré ele parou... quando ele parou no cabaré aí pediu a chave de um quarto saiu com uma prostituta... lá pra dentro do quarto... aí o cara disse:: eu quero acompanhar aquele cidadão que saiu que chegou aqui e saiu com aquela moça... pro quarto... aí o cara disse rapaz... ãh eu pago... aí pagou a ele deu as cópia da chave... quando ele chegou no quarto o cara tava com a cabeça entre as perna da mulher ca a peste... ei moço perai... você fez a maior confusão no meu restaurante... porque encontrou cabelo na macarronada... e tava metido aí com a boca dentro de um bocado de cabelo... não mas se eu encontrar um macarrão aqui eu fico muito brabo ((sorriu))

[

L1, L3: ((gargalhada))

L2: o cara chegou E... bebeu bebeu bebeu... aí ele e outro cara ah... aí disse eu moro ali aí o cara dizia eu também moro... rapaz esse cara mora perto de mim é? não rapaz eu não moro ali não eu moro na outra rua... o cara também dizia também moro na outra rua... casa quatro é ele dizia a minha também é

[

L1:

( )

casa quatro... aí daqui a pouco aí ele andou aí disse não rapaz eu não moro aqui não rapaz... eu moro lá no outro quarteirão o cara disse eu também moro... oxi você mora onde eu moro é?... e pensando né? eu bebi tanto assim esse cara mora onde eu moro?... aí daqui a pouco ele tocou a cigarra quando ele tocou a cigarra saiu uma mulher disse é bonito né?... pai e filho aregando essa hora né? ((sorriu)) aí... o cara bebeu bebeu a noite todinha aí chamou o amigo dele pra ir na casa dele... disse vamo lá em casa? aí o cara disse bora... aí quando chegou na casa dele... aí o amigo dele disse... abriu as porta... disse... óh o meu carro o cara disse rapaz esse carro é seu? ele disse é um gol óh! esse gol aqui é lindo rapaz... gol azul... o cara disse rapaz esse carro é teu? ele disse é... aí foi na sala disse óh minha televisão... de trinta e quatro polegada... pô essa televisão é muito bonita... aí ele foi no quarto das criança abriu o quarto das criança disse óia as minha criança... aí o cara disse rapaz essas criança é muito bonita é um menino e uma menina? ele disse é... aí ele achou de abrir o quarto dele quando ele abriu o quarto dele óia a minha cama... a minha esposa ali... quem é aquele ali? ele disse aquele ali

sou eu... o cara lá mais a mulher dele... ele disse aquele ali sou eu... ele já cheio de cachaça ((sorriu))

(depois de algum tempo ligam novamente o gravador)

L2: o cara chegou no shopping... aí foi pro banheiro dos homi quando chegou lá... o cara era um gaysão (gaysão) aí olhou pro cara assim disse eita... o que é meu amigo tá olhando pra quê? ele disse não amigo é porque é muito grandona não ele disse mas aqui é cara... a cabeça é cento e cinqüenta... a metade é quinhentos e ela toda é mil e quinhento... aí o veado se aperreou botou a mão no bolso eita só tem cento e cinqüenta... bote só a cabeça aí ficou no meio da porta com o cara né? mas vinha um um doido com uma desinteria tremenda... aí quando empurrou a porta aí entrou foi tudo aí o cara disse eita... agora tô endividado vou pro spc ((sorrindo))

Todos: ((gargalhada))

L2: aí o cara chegou na casa dele aí o pivete dele disse:... painho chegou agora? foi meu filho... tava trabalhando... agora cheio de cachaça o peste... aí:: o pivete disse painho... tem um:: alguma coisa dentro do...

**EVENTO 2 (EV2): cinco participantes (três mulheres, entre elas a documentadora, e dois homens) com idade entre 28 e 55 anos, todos com curso superior, professores, um deles da pós-graduação e residentes em Maceió. O evento realizou-se em uma sala da pós-graduação em Letras, após o término da aula, e teve 20 minutos de duração.**

L1: (dizia) que era do interior aí chegou um médico que tava fazendo o maior sucesso todo mundo só queria ir pro médico aí tinha dois que já eram antigos né? da cidade ficou triste porque tava perdendo a clientela aí pegou um um cara aí disse “olha você vai lá no médico e dê uma de doido chegue lá”... sabe essa já?

Doc: não

L1: “chegá lá você diz que sente não tem dor nenhuma mas você vai dizer tudo que a gente vai acertar agora” aí o cara foi... aí o médico apertava num lugar aí ele dizia “doutor não tá doendo aí não tá doendo aqui” aí vinha no outro lugar aí o médico apertava “tá doendo aqui” quando o médico botava a mão aqui ((aponta para partes do corpo)) “tá doendo embaixo” e o corpo todinho quando pegava num lugar ... ele aí o médico disse “a: já sei o que é já descobri o seu caso”... ele disse “o senhor descobriu?” ele disse “descobri... você tá sofrendo você tá ...

com peido de indeciso que essa sua cara de bunda o peido não sabe se sai por cima ou por baixo” ((riu))

Doc, L3, L4 e L5: ((gargalhada))

L3: deixa eu contar agora

Doc: ele se animou

L3: ((riu)) é:: ó um sujeito queria fazer uma promessa... uma promessa e tava precisando do determinado santo que ele queria lá não vou dizer o santo porque não é: repare ele queria um santo e foi na casa do santeiro sabe “eu queria... santo tal comprado santo tal pra fazer minha promessa”... aí o santeiro não tinha esse santo pronto e disse “puxa vida o que é que eu vou fazer... o senhor venha daqui a a meia hora” aí o o o que queria comprar que queria fazer a promessa foi embora aí o santeiro não tinha material pra fazer tão rápido assim pegou uma casca de melancia de abóbora e aí pá esculpiu o santo ((gesto)) pintou tudo direitinho botou lá né?... meia hora depois quando chegou o:: o que o que ia fazer a promessa “cadê o meu santo tá pronto?” ele disse “”tá tá pronto olha aqui” ... aí ele levou a a casca o santo de casca de abóbora ((riu)) e botou lá e fez a promessa pá e tal e foi... como é: atendido na promessa só que o santo murchou... entendeu como é? murchou e aí ele foi reclamar com o santeiro... ó puxa olha o seu santo o santo que comprei... murchou ele

[

L4: ((gargalhada))

L3: disse “e o senhor fez a promessa?” ele disse “fiz” “e o senhor foi valido quer dizer foi atendido?” “fui” “ ah:: então foi a força que ele fez pra obrar o milagre”

L1, L4 e L5: ((gargalhada))

L4: a gente... vou contar de santo também

[

((risos))

L3: eu tenho um negócio com você ainda

L1: de sento também?

Doc: peraí que vai rodar pra cá também ((girando o gravador na direção de F5 que pretendia sair))

L5 ((rindo)) eu não sei não

L4: disse que a:: ... tinha um camarada toda vez ia é de santo hein toda vez ele chegava na igreja meio dia né? aí chegava o padre a:: “seu padre eu cometi um pecado imperdoável”... “diga meu filho pra que eu lhe dê a sentença” “ah:: só conto a São Cristóvão”... aí dizia “mas meu filho” “é só conto a São Cristóvão” então todo dia ele chegava lá meio dia “ah:: seu

padre.... cometi um pecado imperdoável” aí o padre dizia “diga meu filho para que eu lhe dê a sentença”... “ah:: só conto a São Cristóvão” aí no outro dia a mesma história aí o padre “eu já sei”... aí chamou o sacristão né? “olha tem um fiel que vem aqui à igreja e:: ele disse que vem contar os pecados mas só conta a São Cristóvão quando der meio dia você se veste de São Cristóvão e sobe lá no altar”... aí disse “tá certo” aí quando foi meio dia o cara chegou lá “diga meu filho? qual o seu problema?” “ah:: seu padre eu cometi um pecado imperdoável... ah:: só conto a São Cristóvão”... “olhe meu filho vá ali naquele altar que São Cristóvão vai aparecer” aí combinado né?... quando deu meio dia o sacristão né? vestido de São Cristóvão subiu no altar... “óh:: São Cristóvão cometi um pecado imperdoável” aí São Cristóvão disse “diga meu filho pra que eu lhe dê a sentença” “ah: eu comi a mulher do sacristão” ((riu)) aí o sacristão ficou todo desconfiado né?

[

((risos))

L4: mas fez... a parte dele né? aí o padre disse assim aí o Sacristão “como é que foi lá?” “ah:: como foi eu não sei sei que eu subi santo e desci corno” ((riu))

TODOS: ((gargalhada))

[

L3: óh um ( ) ((riu)) um alemão um alemão chegou chegou num hotel fazenda e ele só tinha visto tucano é: só por fotografia coisa e tal mas ele viu lá um tucano na selva né? aí chegou pro gerente do hotel disse “eu querer comprar: um animal que tem um BICA GRÂNDE ASSIM:: ((gesto))” aí o gerente “mas que animal da bixiga é esse né?” aí trouxe os animais “NÃONÃONÃO não é esse não é um animal que tem uma BICA GRANDE” “ele disse então deve ser um jegue”

TODOS: ((risos))

L3: trouxe o jegue “é esse o animal?” “não não não... o animal tem a bica grande mas tem pena” ele disse “ah:: meu amigo esse aqui não tem pena nem da mãe” ((riu))... olha se puxá piada vai

L1: se puxá piada vai

Doc: alguém tem mais não piada? vai Márcia conta outra

L4: ah:: deixa eu ver

L1: eu esqueci eu tinha uma tão boa eu esqueci

(pausa)

L3: tem aquelas sem graça né? (riu)

Doc: não de repente tem graça (pausa) tem mais alguma?

L4: ah: tem eu vou contar uma piada então do a a uma fila numa fila enorme né? no céu aí

[

F3: tem

F4: disse que São Pedro tava na porta do céu ordenando né? a volta à terra “VOCÊ VAI... VAI... VOLTAR À TERRA... COMO... UM... CACHORRO” aí o cara saiu latindo ((imita um latido)) aí disse “VOCÊ... VAI... VOLTAR... COMO GATO” aí o cara ((imita um gato)) aí a bichinha chegou a vez da bichinha “VOCÊ VAI COMO VEADO” “de novo?” ((riu))

TODOS: ((risos))

L3: a: aí um cara bem sem vergonha... morreu e foi pro céu pro inferno chegou lá tinha uma festa uma safoninha boa ((gesto)) daí ele ia passando na porta safoninha aqui é bom cada mulher bonita e ele dançando parará papapá papapá ((dança)) e ele inxirido que ele era sem vergonha aí ele pegou uma mulher vestida assim ((gestos)) mangas longas e tal vestido longo e ele levou pro canto da parede né? quando Lúcifer... não tava olhando ele levou pro canto da parede ôh (andou em direção ao canto da sala)) levou pro canto da parede.

TODOS: ((GARGALHADA))

L3: e ele e ele passou a mão na moça né? aí voltou danada da vida “vem cá Lúci... que negócio danado as mulheres só têm carne daqui pra cima (fez gesto com as mãos) ... o resto tudo é osso?” ele disse “ah: meu amigo se conforme se elas fosse completas você estaria no céu” ((riu))

TODOS: ((risos))

L3: “você tá no inferno né?”

L4: ah:: deixa eu te contar essa deixa eu... tinha uma:: ... é:: disse que camarada morreu né?

[

((risos))

L3: quanto mais melhor né?

Doc: é: ((riu))

L4: O CAMARADA QUANDO MORREU foi pro paraíso né? e o paraíso era assim era cercado (gesto) né? tipo um estádio de futebol assim círculo né? fechado e do lado de fora era o inferno... só que lá o paraíso né? tranquilida:de e do lado de fora né? só ouvia aquilo “ói ela ói ela”

L3: “lá vem ela”

L4: “lá vem ela” aí ele disse “pôxa lá no inferno tem mulher né?... o pessoal lá curte aqui eu não faço nada... fica só essa monotonia” aí todo dia quando dava meio dia ele ouvia né? “ói ela lá vem ela lá vem ela”... ele dizia “pôxa acho que o inferno é bom tem mulher” ((riu)) aí é:

“aqui não tem nada todo dia quando dá meio dia ela vem e tal ói ela ói ela lá vem ela tá eu acho que eu vou pro inferno que lá tem mulher”... aí quando foi no dia ele resolveu pular né? ...foi pulou o muro quando caiu caiu num tonel de merda ((riu))

L1 e Doc: ((risos))

L4: e ela era uma gilete uma lâmina enorme e quando vinha todo mundo tinha que abaixar ((rindo))

L1 e Doc: ((risos))

L1: essa eu sabia

L3: morreram dois dois amigos um era horrível de ruim o outro bom só vivia rezando né? quando chegou lá pra ser julgado botaram o o que era bom num tonel de de de fezes e o que era ruim num tonel de mel aí o malandro que tava no tonel de merda “cadê você tão bom... e tava aí morreu óh tá óh ((gesto)) olha onde você tá/ e eu aqui ruim pra danar e tô aqui num tonel de mel” aí o o cabra que mandou eles entrar disse “agora todo mundo saia e cada um lamba o outro”

L4: ((gargalhada)) só faltou as formigas

L3: ((rindo)) tá bom né?

Doc: tá jóia gente